



UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL EM HISTÓRIA

GETÚLIO RAMOS DE OLIVEIRA FILHO

**A HISTÓRIA DE JACKSON DO PANDEIRO E A CONTROVÉRSIA QUANTO À
SUA NATURALIDADE: A PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA DO REI DO RITMO
EM SUA TERRA NATAL - ALAGOA GRANDE/PB**

CAXIAS DO SUL

2025



GETÚLIO RAMOS DE OLIVEIRA FILHO

**A HISTÓRIA DE JACKSON DO PANDEIRO E A CONTROVÉRSIA QUANTO À
SUA NATURALIDADE: A PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA DO REI DO RITMO
EM SUA TERRA NATAL - ALAGOA GRANDE/PB**

Trabalho de Conclusão de Mestrado submetido à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em História, Área de Concentração: Ensino de História: Fontes e Linguagens. Linha de Pesquisa: Fontes e Acervos na Pesquisa e Docência em História.

Orientador: Prof. Dr. Roberto Radünz

CAXIAS DO SUL

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
Sistema de Bibliotecas UCS - Processamento Técnico

O48h Oliveira Filho, Getúlio Ramos de

A história de Jackson do Pandeiro e a controvérsia quanto à sua naturalidade [recurso eletrônico] : a preservação da memória do rei do ritmo em sua terra natal - Alagoa Grande/PB / Getúlio Ramos de Oliveira Filho. – 2025.

Dados eletrônicos.

Dissertação (Mestrado) - Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em História, 2025.

Orientação: Roberto Radünz.

Modo de acesso: World Wide Web

Disponível em: <https://repositorio.ucs.br>

1. Jackson do Pandeiro, 1919-1982 - História. 2. Músicos - Local de nascimento - Pesquisa. 3. Músicos - Alagoa Grande (PB) - História. 4. História pública - Brasil. 5. História - Estudo e ensino. I. Radünz, Roberto, orient. II. Título.

CDU 2. ed.: 78JACKSON DO PANDEIRO

Catalogação na fonte elaborada pela(o) bibliotecária(o)
Ana Guimarães Pereira - CRB 10/1460



A HISTÓRIA DE JACKSON DO PANDEIRO E A CONTROVÉRSIA QUANTO À SUA NATURALIDADE: A PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA DO REI DO RITMO EM SUA TERRA NATAL - ALAGOA GRANDE/PB

Getúlio Ramos de Oliveira Filho

Trabalho de Conclusão de Mestrado submetido à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em História, Área de Concentração: Ensino de História: Fontes e Linguagens. Linha de Pesquisa: Fontes e Acervos na Pesquisa e Docência em História.

Caxias do Sul, 1º de abril de 2025.

Banca Examinadora:

Dr. Roberto Radünz
Orientador
Universidade de Caxias do Sul

Dra. Eliana Rela
Universidade de Caxias do Sul

Dr. Adailson José Rui
Universidade Federal de Alfenas

AGRADECIMENTOS

A Deus, pois tudo é permissão Dele.

À minha mãe, Helena Oliveira dos Santos (em memória). Mulher forte; guerreira e responsável pela transmissão dos princípios que fizeram ser quem sou.

À Débora Dayse, minha companheira de lutas, com quem divido projetos e sonhos. Chegar ao fim da pesquisa só foi possível em razão de sua parceria.

Aos meus filhos, Arthur, Eva e Laura, amor maior; genuíno combustível para seguir aprendendo e buscando melhorar na existência.

À Universidade de Caxias do Sul – UCS, na pessoa do Reitor e demais funcionários, que compõem a estrutura necessária à realização do Mestrado.

Aos professores do Mestrado Profissional em História, pelo conhecimento e experiências partilhados, sempre com excelência.

À professora Katani Monteiro (primeira orientadora), que com seu olhar experiente foi fundamental nas fases inicial e intermediária de minha pesquisa.

Aos Professores Roberto Radünz e Eliana Rela, pela substituição na orientação e participação, respectivamente, na Banca final, bem como por suas valiosas contribuições.

À Nathalia Nogueira, pela revisão ortográfica e da formatação do texto.

A meu colaborador, que me auxilia no exercício de minha atividade profissional como Registrador Civil, Gabriel Francisco dos Santos Cassiano, pela grande ajuda na pesquisa documental, fundamental para a localização do Registro Tardio de Nascimento e Registro de Casamento de José Gomes Filho (Jackson do Pandeiro).

Aos amigos que conquistei durante a pesquisa e que me ajudaram a esclarecer dúvidas e levantar informações fundamentais para compreender a trajetória do “Rei do Ritmo”: Severino Antonio (Bibiu do Jatobá); José Avelar Freire (historiador); José Marques (Mamá); Marcelo Félix (Ex-Secretário de Cultura); Fernando Moura (biógrafo); Geóstenys Melo Barbosa (em memória); José Guedes Guimarães (Oficial de Justiça); Érico Sátiro (Forró em Vinil); Josenildo Tomaz de Lima (Colecionador) e Neuza Flores dos Anjos, sendo esta última a companheira de Jackson do Pandeiro.

Aos meus colegas de curso, pela troca de conhecimentos na caminhada de estudos; em especial, aos amigos Augusto César; Washington; Idésio e Hugo Gadelha.

A todos os que contribuíram para a realização da pesquisa e construção de minha Dissertação de Mestrado.

RESUMO

O trabalho tem por objetivo a pesquisa da naturalidade de Jackson do Pandeiro, um renomado músico paraibano e sua importância no núcleo artístico nacional. O estudo foi motivado pelo desejo de conhecer melhor a história do grande músico da Paraíba em sua cidade natal, especialmente devido à grande controvérsia acerca da dúvida sobre sua naturalidade: seria ele natural de Alagoa Grande, de Campina Grande ou de João Pessoa? O objetivo principal da pesquisa é identificar a sua naturalidade, o local de nascimento de Jackson do Pandeiro e reconstituir sua trajetória de vida. Para isso, foram realizadas investigações sobre sua infância e carreira, abrangendo desde sua origem humilde até a sua consagração como um ícone da música popular brasileira. A pesquisa também considerou o impacto cultural do trabalho de Jackson do Pandeiro, que influenciou uma série de artistas renomados e recebeu diversas homenagens, como a do 11º Prêmio Sharp de Música em 1998. O método utilizado foi levantamento e análise, documental e bibliográfico, com a realização de busca em arquivos públicos e privados. Diante disso, a pesquisa resultou na identificação do registro de nascimento tardio e da naturalidade e local de nascimento de Jackson do Pandeiro; na reconstituição dos acervos de 68 cartórios paraibanos e na aquisição da certidão de nascimento tardia e de batismo retificada. Essa reconstituição do acervo, em Alagoa Grande, correspondeu a um total de 130 livros microfilmados entre os anos de 1982 a 2005. Assim, além dos produtos finais obtidos durante a pesquisa, o trabalho sugere a implementação de estratégias de História Pública para fortalecer a memória de Jackson do Pandeiro em Alagoa Grande, por meio do Ensino de História e eventos culturais na região.

PALAVRAS-CHAVES: Ensino de História; História Pública; Jackson do Pandeiro; Naturalidade; Alagoa Grande.

ABSTRACT

The objective of this study is to investigate the birthplace of Jackson do Pandeiro, a renowned musician from Paraíba, and his significance within Brazil's artistic sphere. The research was motivated by a desire to better understand the history of this prominent musician from Paraíba in his hometown, particularly due to the considerable controversy surrounding his place of birth. Was he born in Alagoa Grande, Campina Grande, or João Pessoa? The primary goal of the study is to determine Jackson do Pandeiro's birthplace and reconstruct his life trajectory. To this end, investigations were conducted into his childhood and career, encompassing his humble beginnings and his rise to fame as an icon of Brazilian popular music. The research also considered the cultural impact of Jackson do Pandeiro's work, which influenced numerous renowned artists and garnered him various honors, including the 11th Sharp Music Award in 1998. The methodological approach included data collection and analysis, both documental and bibliographic, involving searches in public and private archives. As a result, the research identified his late birth registration, confirmed his birthplace, and reconstructed records from 68 notary offices in Paraíba. This effort led to the acquisition of both his late birth certificate and a corrected baptismal record. The reconstruction of archives in Alagoa Grande encompassed a total of 130 microfilmed books dating from 1982 to 2005. In addition to the tangible results obtained during the study, the research suggests implementing Public History strategies to strengthen the memory of Jackson do Pandeiro in Alagoa Grande through History Education and cultural events in the region.

KEYWORDS: History Education; Public History; Jackson do Pandeiro; Birthplace; Alagoa Grande.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Placa na entrada cidade nomeando a terra de Jackson do Pandeiro	10
Figura 2: Pórtico do Pandeiro.....	11
Figura 3: Memorial Jackson do Pandeiro na cidade de Alagoa Grande e o Monumento Farra da Bodega na cidade de Campina Grande – Paraíba.....	12
Figura 4: Selo comemorativo do Centenário de Jackson do Pandeiro	12
Figura 5: Interior do Memorial Jackson do Pandeiro.....	13
Figura 6: Acervo do Memorial Jackson do Pandeiro	13
Figura 7: Livro de assinatura dos visitantes ao Memorial.....	13
Figura 8: Acervo do Cartório de Registro Civil de Alagoa Grande faltando os Livros de Nascimento 11 e 13	16
Figura 9: Acervo do Cartório de Registro Civil de Alagoa Grande com os Livros de Nascimentos 11 e 13 reconstituídos graças a FamilySearch	17
Figura 10: Imagem da biografia em cordel de Jackson do Pandeiro	32
Figura 11: Jackson do Pandeiro e Rosil	35
Figura 12: Tempo de Serviço na Rádio Tabajara	36
Figura 13: Contrato de Trabalho com a Rádio Jornal do Comércio.....	37
Figura 14: Lançamento da Revista Carnavalesca	38
Figura 15: Sucesso da Revista Carnavalesca	39
Figura 16: Contrato das gravações dos 5 discos com a Copacabana – Página 01	40
Figura 17: Contrato das gravações dos 5 discos com a Copacabana – Página 02.....	41
Figura 18: Capa do primeiro disco lançado pela Copacabana – 1954	42
Figura 19: 1º 78 rpm Sebastiana e Forró em Limoeiro.....	45
Figura 20: Desabafo de Jackson do Pandeiro quanto ao episódio de agressão física sofrida no Recife/PE	46
Figura 21: Manchete da agressão sofrida por Jackson do Pandeiro e Almira Castilho.....	47
Figura 22: Jackson explica a saída Recife/PE por conta da agressão sofrida.....	48
Figura 23: Linha do tempo da história de vida de Jackson do Pandeiro.....	50
Figura 24: Jackson do Pandeiro - O Rei do Ritmo (Capas dos LPs)	52
Figura 25: Box Jackson do Pandeiro – 9 CDs.....	52
Figura 26: Nota de jornal falando sobre o Jackson do Pandeiro	66
Figura 27: Jackson do Pandeiro e Luiz Gonzaga.....	68
Figura 28: Um casal elegante.	80
Figura 29: Posto Pandeiro.....	81
Figura 30: Pandeiro’S HALL	81
Figura 31: Panderiar Churrascaria	81
Figura 32: Imagem Pão Cerveja com o Jackson do Pandeiro.....	82
Figura 33: Entrada da cidade de Alagoa Grande.....	82
Figura 34: Memorial Jackson do Pandeiro	83
Figura 35: Pórtico do Pandeiro na entrada da cidade	87
Figura 36: Museu dos Três Pandeiros	90
Figura 37: Atestados de Pobrezas em caixas arquivos	94
Figura 38: Imagem da Certidão de Nascimento	95
Figura 39: Certidão de Batismo	97
Figura 40: Certidão de Batismo e Nascimento.....	99
Figura 41: Assento de Casamento em Campina Grande/PB	102
Figura 42: Assento de Nascimento Tardio em Recife/PE	103

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Discografia de Jackson do Pandeiro.....	53
Tabela 2: Lista de filmes	56
Tabela 3: Livros e publicações que tratam sobre Jackson do Pandeiro.....	61
Tabela 4: Citações/Depoimentos de artistas famosos.....	61

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. CONHECENDO JOSÉ GOMES FILHO (JACKSON DO PANDEIRO) COMO TEMA DA HISTÓRIA PÚBLICA: DO NASCIMENTO À ASCENSÃO COMO REI DO RITMO	21
2.1 MEMÓRIA E TRAJETÓRIA PARA A RECONSTRUÇÃO DA VIDA DO JACKSON DO PANDEIRO	26
2.2 DA INFÂNCIA EM ALAGOA GRANDE/PB À PRIMEIRA MIGRAÇÃO PARA A CIDADE DE CAMPINA GRANDE/PB (1919-1932).....	28
2.3 PRIMEIROS PASSOS PROFISSIONAIS EM CAMPINA GRANDE/PB: DE AJUDANTE DE PADEIRO A MÚSICO PROFISSIONAL (1932-1937)	33
2.4 SEGUNDA MIGRAÇÃO: DA CIDADE DE CAMPINA GRANDE/PB PARA JOÃO PESSOA/PB (1944-1948).....	34
2.5 TERCEIRA MIGRAÇÃO: DA CIDADE DE JOÃO PESSOA/PB PARA RECIFE/PE (1948-1955)	36
2.6 QUARTA MIGRAÇÃO: DA CIDADE DO RECIFE - PE PARA O RIO DE JANEIRO/RJ (1955-1982)	45
2.7 QUINTA MIGRAÇÃO: A MORTE DO MÚSICO E O RETORNO DE SEUS RESTOS MORTAIS PARA ALAGOA GRANDE/PB (2008).....	49
3. O REI DO RITMO: A MEMÓRIA NACIONAL DE JACKSON DO PANDEIRO E AS CONTROVÉRSIAS QUANTO À NATURALIDADE	51
JACKSON DO PANDEIRO – COLETÂNEA EM CD	53
3.1 A GRANDEZA DO REI DO RITMO NO CENÁRIO NACIONAL DA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA	57
3.2 OS SÍMBOLOS DO REI DO RITMO EM ALAGOA GRANDE	80
3.2.1 Jackson do Pandeiro nas dissertações e teses.....	84
3.2.2 Pórtico do Pandeiro na entrada da cidade.....	87
3.2.3 Memorial Jackson do Pandeiro	88
4. MÉTODO DA PESQUISA	92
4.1 A IMPORTÂNCIA DO REGISTRO E DA CERTIDÃO DE NASCIMENTO: ASPECTOS CONCEITUAIS, LEGAIS E EFEITOS DECORRENTES.....	92
4.2 BUSCA E LOCALIZAÇÃO DO REGISTRO E DA CERTIDÃO DE NASCIMENTO DE JACKSON DO PANDEIRO	94
4.3 BUSCA E LOCALIZAÇÃO DO REGISTRO E DA CERTIDÃO DE BATISMO DE JACKSON DO PANDEIRO	96
5 ANÁLISE DA PESQUISA	98

5.1 APRESENTAÇÃO DA CERTIDÃO DE BATISMO DE JACKSON DO PANDEIRO; ANÁLISE DE SEU CONTEÚDO E IMPLICAÇÕES PRÁTICAS PARA A HISTÓRIA DO MÚSICO	98
5.2 APRESENTAÇÃO DA CERTIDÃO DE NASCIMENTO DE JACKSON DO PANDEIRO; ANÁLISE DE SEU CONTEÚDO E IMPLICAÇÕES PRÁTICAS PARA A HISTÓRIA DO MÚSICO	99
 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	 116
 7 REFERÊNCIAS	 120

1. INTRODUÇÃO

Ao chegar a Alagoa Grande, no estado da Paraíba, percebe-se um pórtico que no alto suspende um grande pandeiro, antecedido por uma estrutura de cimento onde consta o nome da cidade – ALAGOA GRANDE – e uma placa suspensa onde se lê: “TERRA DE JACKSON DO PANDEIRO”. A pergunta que vem à mente: quem é Jackson do Pandeiro?

Figura 1: Placa na entrada cidade nomeando a terra de Jackson do Pandeiro



Fonte: arquivo pessoal

A visita à cidade teve um propósito profissional: a posse e o trabalho como registrador titular no Cartório de Registro Civil das Pessoas Naturais de Alagoa Grande/PB, após aprovação em concurso público de provas e títulos. Conhecer a Serventia Registral foi um momento importante e, ao encontrar com o profissional titular interino que seria substituído, a curiosidade levou a pergunta sobre quem era Jackson do Pandeiro, ao que ele respondeu tratar-se de um cantor muito conhecido que, a princípio, teria nascido naquela cidade.

O então registrador informou, ainda, que havia um Memorial Jackson do Pandeiro na cidade, mas não soube dar maiores detalhes sobre quem foi José Gomes Filho, nome de batismo do famoso artista. Percebendo ele um certo interesse em conhecer mais sobre o músico, alertou sobre a dificuldade de conseguir informações mais precisas e diferentes das que estava relatando porque a fama do artista teria ficado no passado da cidade.

Após alguns meses de trabalho, a mesma pergunta sobre Jackson do Pandeiro havia sido feita a moradores locais e houve a comprovação do que dissera anteriormente o registrador interino: as respostas se limitaram a identificá-lo como um cantor da cidade, muito famoso no passado. Neste particular, vale ressaltar que alguns moradores apresentaram total desconhecimento sobre sua identidade, havendo também quem afirmasse, com rancor, que o músico teria falado mal de Alagoa Grande.

No entanto, a existência de um artefato na entrada da cidade que faz registro e clara alusão ao artista; um Memorial que, em tese, visa a preservação da sua memória e importância para o local; e o notório e curioso esquecimento dos contemporâneos despertaram o interesse em saber mais sobre aquele ilustre paraibano. Contudo, ao iniciar a pesquisa sobre quem foi a pessoa e o artista Jackson do Pandeiro, veio à tona um questionamento mais embrionário, que emerge em meio às controvérsias espaciais entre Alagoa Grande, Campina Grande e João Pessoa – até mesmo entre seus familiares: comprovar qual era a sua naturalidade.

Assim, a pesquisa tem por objetivo geral identificar onde nasceu Jackson do Pandeiro e dirimir a dúvida quanto à sua naturalidade, isso a partir da reconstituição de sua trajetória de vida, aí incluindo a carreira artística e a importância do seu trabalho e influência para o cenário musical brasileiro.

Figura 2: Pórtico do Pandeiro



Fonte: arquivo pessoal.

Investigar sobre o local de nascimento de Jackson do Pandeiro e onde ele foi registrado, portanto, importa percorrer sua história de vida, de sua infância pobre até a sua consagração como músico de projeção nacional. Isto é, estudar a vida de um artista que, em mais de 30 anos de atividade, construiu um legado cultural que perdura até os dias atuais,

mesmo após a sua morte. Assim, é possível observar no passado recente ou atualmente diferentes homenagens feitas por artistas consagrados do cenário da música brasileira, bem como monumentos construídos no estado da Paraíba, a exemplo do Memorial Jackson do Pandeiro em Alagoa Grande; o Monumento Farra da Bodega: Jackson do Pandeiro e Luiz Gonzaga, em Campina Grande (figura 3); e a criação de um selo personalizado em homenagem ao seu centenário¹ (figura 4), que buscam preservar sua memória.

Figura 3: Memorial Jackson do Pandeiro na cidade de Alagoa Grande e o Monumento Farra da Bodega na cidade de Campina Grande – Paraíba



Fonte: arquivo pessoal e Jornal da Paraíba. Disponível em: <https://jornaldaparaiba.com.br/guia-qualaboa/monumento-farra-da-bodega-jackson-do-pandeiro-e-luiz-gonzaga>. Acesso em: 24/09/2024.

Figura 4: Selo comemorativo do Centenário de Jackson do Pandeiro



Fonte: Turismo em Foco. Disponível em: <https://turismoemfoco.com.br/v1/2019/05/24/correios-lanca-selo-pelos-100-anos-de-jackson-do-pandeiro-em-alagoa-grande/>. Acesso em: 14/09/2024.

Pontua-se que o Memorial Jackson do Pandeiro é um marco na valorização da imagem e obra do artista, além de promover a divulgação da sua história junto à população local e aos seus visitantes. No entanto, indaga-se se esse espaço consolidaria a preservação de

¹ Selo produzido pela Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos do Brasil – EBCT.

sua memória. Ao que parece, a resposta seria não. Isso porque apesar da existência desse memorial na cidade, diariamente à disposição da população, basicamente quem faz visitas são pessoas que não residem no local (figuras 5 e 6). A esse respeito, foi feita sugestão à direção da casa no sentido de que seja afixada uma placa na entrada com os dizeres: “Entrada Franca”.

Figura 5: Interior do Memorial Jackson do Pandeiro



Fonte: arquivo pessoal

Figura 6: Acervo do Memorial Jackson do Pandeiro



Fonte: arquivo pessoal

Figura 7: Livro de assinatura dos visitantes ao Memorial



Fonte: arquivo pessoal

Numa análise preliminar, verifica-se, de logo, a relevância do artista no cenário nacional. Segundo escreveu Érico Dutra Sátiro Fernandes, na revista Genius:

O maior legado de Jackson do Pandeiro, além de seus discos e gravações, claro, foi a influência que exerceu e ainda exerce sobre os artistas de diversos gêneros da música brasileira. A divisão vocal, o ritmo, a desenvoltura e personalidade com que passeava pelos mais variados estilos da nossa música serviram de espelho e inspiração para inúmeros músicos.

Nomes como Jacinto Silva, Gilberto Gil, Chico Buarque, Genival Lacerda, Alceu Valença, João Bosco, Jarbas Mariz, Zé Ramalho, Gal Costa, Silvério Pessoa, Biliu de Campina, Tom Zé, Fuba de Taperoá declararam publicamente sua admiração pelo Rei do Ritmo e buscaram incorporar em suas discografias elementos característicos do cantor paraibano. Até mesmo artistas de outros gêneros, como Marcos Valle, representante de bossa nova, e a turma da Nação Zumbi e Herbert Viana, nomes do rock nacional, também reverenciaram Jackson. O CD “Jackson do Pandeiro revisto e sampleado”, que trouxe regravações por nomes, como: O Rappa, Gabriel o Pensador, Fernanda Abreu e The Funk Fuckers, é um exemplo clássico disso. Tamanha exaltação resultou em diversos discos e canções gravadas em homenagem a Jackson do Pandeiro ao longo de anos².

Isso proporcionou a realização de eventos, como o 11º Prêmio Sharp de Música, ocorrido em 13/05/1998, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, onde foi prestada uma homenagem póstuma a Jackson do Pandeiro, quase 16 anos após sua morte, conforme matéria veiculada na Folha de São Paulo³.

Desta feita, buscando-se o fortalecimento da memória do cantor/compositor/pandeirista Jackson do Pandeiro na cidade de Alagoa Grande/PB, podem ser implementadas estratégias e ferramentas utilizadas pela História Pública, com vistas a promover a integração entre a História e os cidadãos alagoagrandenses. Isso pode ser efetivado, por exemplo, por meio da educação nas escolas (ensino de História); bem como com o grande público que visita o memorial; também em datas comemorativas, como o aniversário da cidade e o evento “Rota Cultural - Caminhos do Frio”, que diz respeito a um conjunto de cidades que oferecem uma programação diversificada com músicas, artes cênicas, gastronomia, trilhas e experiências nos engenhos da Região da Borborema paraibana, nos meses de julho a setembro⁴.

Sob este prisma, a pesquisa teve início com o levantamento documental e bibliográfico (Marconi; Lakatos, 2017, p. 192-202), por meio de estratégias robustas e abrangentes que envolvem garantir a qualidade das informações coletadas. A busca por documentos foi realizada a partir de fontes de arquivos públicos e particulares; enquanto a busca bibliográfica consistiu na coleta de dados informativos por meio da imprensa escrita,

² Revista Genius. Item 10 - Homenagens em discos e canções. Edição: julho/agosto 2019.

³ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq13059810.htm>. Matéria jornalística veiculada pelo jornal Folha de São Paulo. Acesso em 16/12/2024.

⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NsbKdZdmt88>. Acesso em 16/12/2024.

meios audiovisuais e publicações.

Esse processo de investigação resultou no esclarecimento da dúvida quanto à naturalidade de Jackson do Pandeiro, mediante a descoberta e aquisição da certidão de nascimento tardia do cantor e de sua certidão de batismo retificada. Entretanto, além disso, como desdobramento, o estudo possibilitou a extraordinária reconstituição do acervo do Cartório de Registro Civil de Alagoa Grande e de outros 67 (sessenta e sete) municípios paraibanos que tiveram seus acervos microfilmados pela *FamilySearch*⁵ nas décadas de 1980 e 2000, através de registros de: nascimentos; casamentos civis; casamentos religiosos com efeito civil; óbitos; natimorto, que totalizou 130 livros.

Entre os municípios beneficiados no estado da Paraíba, além de Alagoa Grande, estão: Água Branca, Areial, Aroeiras, Assunção, Baraúnas, Barra de Santa Rosa, Barra de Santana, Barra de São Miguel, Boa Vista, Cabaceiras, Cabedelo, Camalaú, Caraúbas, Caturité, Condado, Congo, Coremas, Coxixola, Cuité, Distrito de Melo, Distrito de Pontina, Fagundes, Frei Martinho, Galante, Gurinhém, Gurjão, Imaculada, Ingá, Itatuba, Juru, Livramento, Malta, Manaíra, Monteiro, Natuba, Nova Floresta, Nova Palmeira, Parari, Paulista, Pedra Lavrada, Pelo Sinal, Picuí, Pilar, Pilões, Princesa Isabel, Queimadas, Riachão do Bacamarte, Salgado de São Félix, Santa Luzia, Santo André, São Bento, São João do Cariri, São João do Tigre, São José de Princesa, São José dos Cordeiros, São José dos Ramos, São Miguel de Taipu, São Sebastião do Umbuzeiro, Serra Branca, Sossego, Sucuru, Sumé, Tavares, Umbuzeiro, Zabelê.

Tais resultados de grande impacto social, consolidaram-se como o produto final da pesquisa, suscitando a criação de futuras estratégias em prol da preservação e fortalecimento da memória do músico em sua terra natal, sob a abordagem da História Pública.

⁵ Disponível em: <https://www.familysearch.org/pt/>. A *FamilySearch*, é uma organização sem fins lucrativos dedicada à preservação de registros genealógicos e à disponibilização gratuita de informações sobre história familiar, operada pela Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Informações. Acesso em: 20/06/2024.

Figura 8: Acervo do Cartório de Registro Civil de Alagoa Grande faltando os Livros de Nascimento 11 e 13



Fonte: arquivo pessoal

Figura 9: Acervo do Cartório de Registro Civil de Alagoa Grande com os Livros de Nascimentos 11 e 13 Reconstituídos Graças ao trabalho da FamilySearch



Fonte: arquivo pessoal

Portanto, a presente dissertação utilizou como referência norteadora para a pesquisa a biografia *Jackson do Pandeiro: O Rei do Ritmo*, lançada em 2001 por Fernando Moura e Antônio Vicente Filho, pela Editora 34⁶. A obra aborda a trajetória de vida e as migrações do multiartista, desde seu nascimento até o repouso definitivo de sua vida.

Além disso, a pesquisa teve por influência o texto “Contribuições de Jörn Rüsen para a pesquisa em Educação Histórica” de Maria Auxiliadora Schmidt, em que destaca:

Para Rüsen a ideia de aluno é uma invenção histórica ou convenção. Na visão dele, não há alunos, há sujeitos que precisam fazer a correlação entre a pesquisa do passado com o presente, contextualizando com sua realidade de vida. Fazendo as transformações que entender necessárias nas perspectivas de mudanças para o futuro.

Ademais, conforme (Fronteiras, Dourados, MS, V. 13, n. 23, jan/jun 2011: Defesa e ilustração da noção de representação: Roger Chartier):

A intenção de verdade da história necessita dessa garantia dada pelo relatório da memória: “a memória continua sendo a guardiã da última dialética constitutiva do

⁶ Disponível em: https://books.google.com/books/about/Jackson_do_Pandeiro.html?hl=pt-PT&id=h1ETNWbliDMC#v=onepage&q&f=false. Acesso em 16/12/2024.

passado, a saber, a relação entre o ‘não mais’ que assinala seu caráter determinado, abolido, superado, e o ‘foi’ que designa seu caráter originário e, neste sentido, indestrutível”. Assim vinculadas, memória e história continuam sendo, no entanto, incomensuráveis. A epistemologia da verdade que rege a operação historiográfica e o regime da crença que governa a fidelidade da memória são irredutíveis. Cada um estabelece uma forma de presença do passado e o presente produzidos por procedimentos e operações que não podem ou devem confundir-se.

Assim, o presente texto pauta-se na história pública para levantar os fatos mais relevantes da vida de José Gomes Filho, o Jackson do Pandeiro, ou seja, a sua trajetória de vida, comprovando sua naturalidade como sendo de Alagoa Grande/PB. Tal comprovação se deu por meio do descobrimento de seu registro de nascimento tardio em Recife/PE onde o próprio José Gomes Filho se declara natural de Alagoa Grande/PB. Além da expedição de sua certidão de batismo com o acréscimo de seu nome completo e do nome de seu pai; e da restauração dos acervos de 68 cartórios de registros civis de municípios paraibanos, realizada com a entrega dos arquivos de livros microfilmados pela *FamilySearch*, via Corregedoria Geral de Justiça do Extrajudicial do Tribunal de Justiça da Paraíba, aos 68 municípios via convocação pelo Malote Digital.

Importa ressaltar que “trajetória de vida” pode ser descrita como um conjunto de eventos que fundamentam a existência de uma pessoa. Normalmente, ela é determinada pela frequência dos acontecimentos, pela duração e pela localização dessas experiências ao longo do tempo. O curso de uma vida adquire sua estrutura por meio da localização desses eventos e pelos estágios do tempo biográfico. A localização dos acontecimentos, a duração e a situação no decorrer da vida são, geralmente, o resultado de informações que atravessam as populações, como, por exemplo, a idade média para o matrimônio, para ter o primeiro filho, a duração do treinamento, a idade de ingresso escolar, os anos de escolaridade e a idade para aposentadoria. O curso de uma vida, composto por essas informações sociodemográficas, pode ser considerado socialmente estruturado, em maior ou menor grau, em todas as sociedades modernas (Mayer & Müller, 1986), guardando, certamente, as diferenças e peculiaridades nacionais e culturais (Born, 2001).

O artigo *A história pública não é uma via de mão única, ou, “A Shared Authority à cozinha digital”*, Michel Frisch (2016) elabora essa discussão a partir da noção de “história pública”. O conceito, surgido nos anos 1970 nos Estados Unidos para nomear os vários produtores de narrativas históricas e memórias fora do ambiente acadêmico-universitário, foi incorporado ao Brasil nos anos 2010. Observando a forte presença da história e da memória na cultura de massa e na vida cotidiana, o autor problematiza os lugares sociais em que se

produzem representações sobre o passado e reposiciona as práticas dos historiadores profissionais, que podem se articular *com*, *para* ou *por* determinado público.

Paul Thompson (1992) e Michel Frisch (2016) observam que a história oral e a história pública investigam as narrativas socialmente vivas, constituídas por meio das diferentes demandas de representação do passado nas comunidades sociopolíticas e das práticas de autoria compartilhada (*shared authority*), nas quais o historiador pode realizar parcerias com públicos diversos para estabelecer análises e construir a escrita da História. Para ambos os autores, as memórias socialmente vivas são fundamentais para compreender a experiência dos homens no tempo e representam um *locus* privilegiado para a investigação da História.

O presente trabalho investigativo situa-se, portanto, a partir desses referenciais teóricos e metodológicos, que destacam a necessidade de reconhecer os atores sociais que reivindicam uma memória e uma história para uma coletividade. Para um debate mais aprofundado sobre a relação entre história oral e história pública, ver: Fagundes (2019); Liddington (2011); Mauad, Almeida & Santhiago (2016).

Pode-se considerar História Pública “a apresentação popular do passado para um leque de audiências – por meio de museus e patrimônios históricos, filme e ficção histórica”. Seu estudo diz respeito a como se adquire o senso de passado, mediante a memória e passagem dos arquivos e da arqueologia. Ou seja, como se apresentam publicamente tais passados (Almeida; Rovai, 2011, p.34);

Quanto à função da história pública, mencionando a sua própria experiência, Jill Liddington (2011, p. 42) ressalta que: “o que está em cena é uma proposta de história pública inclusiva e democrática, com ênfase não na ‘compra’ do profissionalismo de uns poucos historiadores, mas sim nas muitas pessoas tendo acesso às suas próprias histórias, com os historiadores ajudando a ‘devolver as pessoas sua própria história’.

E a mesma autora conclui: “A história pública é menos sobre ‘quem’ ou ‘o que’, e muito mais sobre ‘como’ (...) tem importância real e urgente, dada a crescente popularidade das representações do passado nos dias de hoje. Os historiadores públicos podem fornecer uma mediação necessária, inspiradora e revigorante entre o passado e seus públicos.

A estrutura da presente dissertação foi elaborada em seis (06) capítulos, com elementos textuais compostos por: introdução, com a apresentação da investigação, o problema de pesquisa, seu objeto, a abordagem e os métodos utilizados, além da demonstração de sua relevância e viabilidade. Na seção 2, além do enquadramento da pesquisa no campo da História Pública, trata-se da trajetória percorrida por José Gomes Filho, o Jackson do Pandeiro, de sua

infância até a volta de seus restos mortais à cidade de Alagoa Grande/PB. Na seção 3, aborda-se o aprofundamento na carreira de Jackson do Pandeiro como parte da memória nacional e as controvérsias existentes sobre a sua naturalidade, principalmente em virtude de não se ter o documento de Registro de Nascimento no Cartório de Registro Civil de Alagoa Grande/PB. Na seção 4, tem-se a descrição sobre o processo investigativo realizado, que resultou não apenas na descoberta do Registro de Nascimento Tardio de Jackson do Pandeiro, mas, também, na reconstituição do acervo do Cartório de Registro Civil de 68 municípios do estado da Paraíba, inclusive de Alagoa Grande (produtos finais da pesquisa). Na seção 5, detalham-se a análise e discussão feitas quanto à inexistência do registro de nascimento no cartório de Alagoa Grande/PB e a aquisição deste em Recife/PE como resultado de sua busca. Na seção 6, é finalizada a parte dos elementos textuais com um encerramento sobre quem foi o José Gomes Filho, o Jackson do Pandeiro e, além disso, pontuam-se medidas de melhorias para a intensificação da memória deste artista para próximas pesquisas.

2. CONHENCENDO JOSÉ GOMES FILHO (JACKSON DO PANDEIRO) COMO TEMA DA HISTÓRIA PÚBLICA: DO NASCIMENTO À ASCENÇÃO COMO REI DO RITMO

O professor Rodrigo Bragio Bonaldo tentando responder à pergunta *O que é história pública (HP)? afirma que ela possui múltiplos significados. Ele conta sobre o evento História Pública e a Mídia* realizado entre os dias 11 e 13 de fevereiro de 2015, na Vila Schifanoia, no subúrbio de Florença, na Itália, encontro que reuniu pessoas de oito países europeus e no qual surgiram várias definições. Entre os participantes, houve quem dissesse que a HP seria a escrita da história apresentada de forma acessível ao grande público; que a HP seria campo de comunicação da história no qual o historiador se colocaria em perigo ao compartilhar com um público maior que o limitado a seus pares; ou quem defendesse que o envolvimento do público no processo de pesquisa histórica para fazê-lo refletir sobre a importância do passado na vida social (Bonaldo, 2020).

Então, o autor traz uma definição interessante de Joziefen de Bock na qual a HP seria o momento no qual acadêmicos e não acadêmicos poderiam escrever história juntos e tece diversas considerações sobre o processo de comunicação com o grande público para promover o mútuo aprendizado, para produzir um passado mais significativo e útil por meio de “autoridade compartilhada”, no qual os historiadores trabalhem em conjunto, em cooperação com pessoas comuns, de modo que se torne possível a troca de ideias, satisfação das necessidades de conhecimento cultural uns dos outros e seja afastada a ideia apenas de divulgação de conhecimento para o público. Além disso, a história discutida em outros contextos, com percepções distintas, na comunicação com um grande público, pode alcançar diferentes formas, em um processo mútuo de aprendizagem (Bonaldo, 2020).

Sobre a História Pública, Jurandir Malerba (2017, p. 141), destaca que:

Nos dias de hoje, a equação historiador/historiografia/público tornou-se mais complexa. A “história pública” surgiu no contexto dessa amplificação dos públicos: não como exclusivamente “audiências”, consumidores de história, mas, em alguma medida, como debatido a seguir, público gerador de história.

O fato é que o público de história cresceu muito nos últimos anos para não somente se tornar consumidor de livros, mas ainda existem dificuldades em torno da ideia do que seria história pública. No entanto, o conceito saiu da tutela acadêmica e a história dita “pública” passou a ser praticada, produzida por leigos e amadores, além de ter crescido exponencialmente pela dimensão da audiência que é capaz de atingir. O público consumidor se tornou também

produtor de história e isso pode ser explicado pelo surgimento de novas mídias e, particularmente, da Internet (Malerba, 2017, p. 141).

A história não mais se produz somente na academia, muito menos se veicula apenas por meio do livro impresso. As plataformas digitais subverteram as bases da produção e circulação das narrativas sobre o passado. Existe uma longa discussão, já antiga e mais técnica, sobre as potencialidades da internet para a prática historiográfica: como depósito de fontes ou ela mesma como fonte – e que tipo de problemas cada uso desses acarretaria. Por um lado, a escassez de material, dado o caráter efêmero dos websites; por outro, ao contrário, a abundância de fontes disponíveis na rede (Malerba, 2017, p. 142).

À medida que o processo de pesquisa, ensino e divulgação da história se torna mais colaborativo e menos restrito ao âmbito acadêmico, o público não especializado tende a ser mais receptivo ao conhecimento, pois passa a atuar como participante ativo na construção do conteúdo histórico. Essa abordagem, alinhada aos princípios da História Pública e à prática da autoria compartilhada (*shared authority*), promove um diálogo mais inclusivo entre historiadores e sociedade, permitindo que narrativas históricas reflitam as múltiplas vozes e experiências de diferentes grupos sociais. Dessa forma, o conhecimento histórico deixa de ser exclusivamente produzido por especialistas e passa a ser construído de forma democrática, fortalecendo a relação entre memória, identidade coletiva e educação histórica, ao mesmo tempo em que estimula a valorização do patrimônio cultural e o engajamento social.

No dizer de Ferreira e Hermeto (2021), a História Pública é polissêmica e não tem uma definição fechada. Ela assume características próprias no local onde é produzida, de acordo com a diversidade de prática de cada país. Portanto, é compreensível a preocupação de buscar conceitos quando se inicia o contato com a História Pública, porém, ao se trabalhar com parâmetros, é possível considerá-la como uma plataforma de observação e ação, evitando enxergá-la como conhecimento *strictu sensu* e limitar a sua compreensão. Esse fato favorece a ampliação de diálogos para além das áreas da própria História atual e é importante não adotar concepções fechadas para não estabelecer barreiras que impeçam a abertura de diálogos (Ferreira e Hermeto, 2021, p. 8).

Os autores afirmam ser fundamental pensar em diretrizes para ocupar o espaço indefinido entre Ensino de História e História Pública, pois esta demanda surge constantemente nas publicações e diálogos com os professores e é preciso realizar um exercício reflexivo para dimensionar essa relação e evitar o esvaziamento das práticas da HP no ensino. A História Pública, ao permitir a difusão e ampliação dos públicos para a história, pode se tornar um benefício por promover reflexão social, ou pode ser usada para criação de narrativas com fins políticos específicos contraditórios à produção historiográfica que venham a difundir falsas

análises e fatos históricos (*fake news*) com amplo alcance. É pertinente a análise de todas essas questões relativas ao Ensino de História, a História e a Historiografia atualmente, por existir interface com a História Pública (Ferreira e Hermeto, 2021, p. 8-10).

É interessante destacar que a História Pública, ao promover a interação e o compartilhamento do saber histórico entre profissionais de história e o público em geral, favorece o debate crítico, ampliando a percepção de interpretações equivocadas e combatendo narrativas sem compromisso com os fatos históricos. Além disso, essa abordagem cria oportunidades para a aprendizagem mútua e a troca de conhecimentos, estimulando um diálogo mais aberto e inclusivo. Nesse contexto, a História Pública não apenas democratiza o acesso ao conhecimento histórico, mas também fortalece a consciência histórica coletiva, incentivando a construção de narrativas mais plurais e comprometidas com a verdade histórica, ao mesmo tempo em que engaja a sociedade na valorização do passado como um recurso para compreender e transformar o presente.

Pacievitch (2021) destaca que o interesse pela História Pública (HP) no Brasil é recente, a partir do século XXI, ainda que haja pesquisas anteriores realizadas com o tema, mas não assim identificadas. Nem toda pesquisa que se interessa nas formas como se produzem as narrativas históricas na sociedade é história pública, mas essa relação não é incorreta, pois no Brasil há diversas entradas de HP ou história popular (Pacievitch, 2017, p. 115-116). E completa:

[...] pesquisadoras/es alinhadas/os a diversas tendências teórico-metodológicas, como a própria *Public History*, a História Oral, os Usos Públicos do Passado, a História do Tempo Presente, até a Didática da História de tradição alemã, tensiona fronteiras da História acadêmica e propõem outras perspectivas sobre a produção, a divulgação, as apropriações, os usos, o ensino e a aprendizagem dos saberes históricos com diversos públicos (Pacievitch, 2021, p. 116).

No mesmo sentido, Santiago (2018) esclarece que a HP é o lugar em que está o historiador quando faz a história sem se vincular à pesquisa e nem à vida acadêmica, ou mesmo ao ensino, o que resulta em uma certa distinção na História produzida e revela a “história vista de baixo”, trazida pela História Oral. O autor explica que a História Pública une indivíduos que desejam publicizar o conhecimento histórico, que adotam modelos participativos de construção do saber e ainda questionam as formas de monopólio sobre o passado (Santiago, 2018, p. 288).

O autor entrevistou Dunaway (2016, p. 215) e ouviu dele que a HP não seria uma tradução – talvez uma adaptação, tendo esclarecido que o público precisa de um contexto diferente para compreender o material e não uma linguagem diferente, sendo necessário expandir a audiência para o conteúdo histórico (Santiago, 2016, p. 215). Em resposta à pergunta: *Como você definiria o ofício do historiador público – diz respeito a “traduzir”*

conhecimento acadêmico para outro formato, ou a história pública tem uma natureza específica? David King Dunaway afirmou:

Para mim, a história pública tem proatividade – é a ideia de você tomar a responsabilidade de não apenas chamar as pessoas, mas de colocar seu museu dentro de um ônibus e levar ao lugar onde as pessoas estão. É compreender as diferentes audiências para a história e entender as diferentes maneiras pelas quais podemos criar consciência histórica por parte do público. Nossa tarefa é reabilitar a história dentro da consciência pública e lembrar as pessoas de que há muita gente que se importa com suas próprias histórias. Os historiadores nunca conseguiram fazer isso. O movimento deles em direção ao público significava ir até um arquivo num outro país. Então, mais uma vez: estamos num ponto em que temos de decidir se a história é para ser mantida nas prateleiras das bibliotecas ou se a história é parte das nossas vidas hoje. E se existe um historiador que acredita que a história vive unicamente nas prateleiras, nessas monografias e nos artigos acadêmicos de revistas acadêmicas – bom, ele não é um historiador público (Santiago, 2016, p. 2015).

Por sua vez, Bonaldo (2020) declara que o conceito de História Pública é disputado, pois ocorrem diferentes abordagens que contribuem para enriquecer o significado. A HP é vista como veículo de conhecimento histórico para os grandes públicos, e sob essa ótica é possível que, com o desenvolvimento de tecnologias digitais, a atividade de reflexão, produção e criação de história de historiadores públicos sociais e o público, possa resultar em estímulo para as pessoas escreverem e desenvolverem suas próprias histórias, um projeto antigo nos Estados Unidos (Bonaldo, 2020). “No Brasil os debates sobre História Pública ainda buscam caminhos claros entre a atividade, a reflexão sobre ela e a diversificação de postos no mercado de trabalho, sendo esse último um dos seus pontos comuns de preocupação”. (Bonaldo, 2020). Ele acrescenta:

Em uma era na qual a mentira e a infâmia irrompem no espaço público. Na qual a desinformação é disseminada por robôs e catapultada por algoritmos a serviço de ideologias retrógradas e valores obscurantistas. A História Pública pode ser uma resposta a esse estado de coisas. Conceito que media a relação entre o conhecimento especializado e a vida prática, a História Pública, em suas múltiplas acepções, engaja-se na virada ética desde o ponto de vista da educação para a informação (Bonaldo, 2020).

O autor finaliza afirmando que “quando a mentira e a injustiça dominam o presente, resta-nos a convicção de que a História e a verdade pertencem ao amanhã”. (Bonaldo, 2020), que a História Pública é um conceito fundamental de nosso tempo e que ao falar do passado em audiências, é possível libertar o futuro (Bonaldo, 2020).

Diante disso, a História Pública pode ser compreendida, de modo geral, como um campo da prática historiográfica que tem por objetivo conseguir uma interação mais presente entre os historiadores com a comunidade não-especialista, atravessando o abismo existente entre o estudo acadêmico e o mundo real, através de intervenções com a população por meio de produção audiovisual, amostras museológicas, educação patrimonial entre outras

possibilidades, sob um senso crítico e participativo na construção do Patrimônio e da Memória (Liddington, 2011). Isto permite tornar a História mais próxima ao público geral entre os mais diversos seguimentos não acadêmicos. Seria a concretização da extensão universitária na prática.

Atualmente, os trabalhos neste campo da prática historiográfica apresentam questões necessárias, tais como: perguntas sobre “para quê”, “para quem” e “com quem” o historiador pretende desenvolver seu ofício. Com isso, existem quatro engajamentos possíveis para suas atividades: a história feita para o público (que prioriza a ampliação de audiências); a história feita com o público (uma história colaborativa, na qual a ideia de “autoridade compartilhada” é central); a história feita pelo público (que incorpora formas não institucionais de história e memória); e a história e o público (que abrangeria a reflexividade e a autorreflexividade do campo) (Rovai, 2020).

Entretanto, Rovai (2020) alerta para os cuidados e a atenção que o historiador precisa ter em relação ao que seria ou não história pública, ao realizar sua aplicabilidade com o público não acadêmico. Segundo a autora, a simples ampliação do acesso e da divulgação das inúmeras narrativas sobre o passado e, também, sobre a história do tempo presente não se configura como “fazer história pública”, no sentido que a Rede Brasileira de História Pública (RBHP) entende e defende. Isso decorre de atividades que estão no rol de produtos dessa prática, como: publicação de vídeos, sites, livros e revistas de divulgação histórica, entre outros, mas que podem se manifestar como mera publicização de acontecimentos históricos, com o risco de igualar e simplificar a produção de conhecimento e a simples opinião.

Quanto à função da História Pública, de acordo com Liddington (2011), consiste em trazer uma história inclusiva e democrática às comunidades, com ênfase não na “compra” do profissionalismo dos historiadores, mas no objetivo de que os indivíduos tenham acesso às suas próprias histórias, com os historiadores ajudando-os a desenvolvê-las. À vista disso, Rovai (2020) enfatiza-se que a História Pública é menos sobre “quem” ou “o que”, e muito mais sobre “como”, onde os historiadores públicos podem fornecer uma mediação necessária, inspiradora e revigorante entre o passado e seus públicos.

Assim, pode-se pensar na História Pública como uma estratégia e um elo entre a História e a memória cultural, e seu manejo com o presente para a construção, divulgação e preservação do patrimônio entre a população. Como exemplo, tem-se a história do paraibano José Gomes Filho, o Jackson do Pandeiro, que alcançou reconhecimento e projeção nacional nas décadas de 1953 a 1982 no âmbito musical embora, atualmente, seja pouco lembrado e

celebrado na cidade de Alagoa Grande/PB. Diante disso, indagar sobre “para quê, para quem e com quem pretendia desenvolver” ou se construir a pesquisa foi o início dos questionamentos, da problemática sobre a naturalidade de José Gomes Filho, de quem teria sido o artista Jackson do Pandeiro e de como ele se tornou o “Rei do Ritmo”⁷.

Assim, a pesquisa buscou analisar a trajetória de Jackson do Pandeiro desde a infância pobre em Alagoa Grande/PB e suas migrações familiares até alcançar sua maturidade artística; também objetivou enfatizar as representações construídas em relação a sua figura ao longo do tempo, sobretudo por artistas ligados à Música Popular Brasileira (MPB) que conviveram com ele; além da investigação sobre os lugares de memória que remetem à história do Rei do Ritmo. Neste particular, foram estudados dois vídeos do Arquivo Nacional e outros dois num programa de entrevista com Grande Otelo em que se vê o próprio Jackson do Pandeiro, José Gomes Filho, narrando as diversas fases de sua vida e da sua trajetória artística⁸.

Portanto, no presente capítulo será apresentada em detalhes a trajetória do músico em 6 (seis) momentos específicos, vivida por fases e migrações, sendo composta por: a primeira, de sua infância em Alagoa Grande/PB até à primeira migração para a cidade de Campina Grande/PB (1919-1932); a segunda, com os primeiros passos profissionais em Campina Grande/PB, em sua trajetória de ajudante de padeiro à músico profissional (1932-1937); a terceira, com uma segunda migração entre a cidade de Campina Grande/PB para João Pessoa/PB (1944-1948); a quarta, com uma terceira migração, que ocorreu da cidade de João Pessoa/PB para a cidade do Recife/PE (1948-1953); a quinta, com a realização de uma quarta migração do Recife - PE para o Rio de Janeiro/RJ (1955-1982); e a sexta, onde ocorreu sua última migração através do retorno de seus restos mortais para Alagoa Grande/PB (2008...).

2.1 MEMÓRIA E TRAJETÓRIA PARA A RECONSTRUÇÃO DA VIDA DO JACKSON DO PANDEIRO

A memória coletiva desempenha um papel crucial na formação das identidades culturais, conectando indivíduos a uma narrativa comum que valoriza histórias e figuras notáveis. No caso do músico paraibano Jackson do Pandeiro, a investigação sobre sua

⁷ A denominação Rei do Ritmo foi implementada através da gravadora Copacabana no ano de 1960 para o álbum Sua Majestade - o Rei do Ritmo (2ª Coletânea).

⁸ Disponível em: Arquivo Nacional Jackson do Pandeiro 1977

<https://www.youtube.com/watch?v=Gkipiwm4qG4>, acesso em 16/12/2024; Disponível em: Arquivo Nacional Jackson do Pandeiro 1977 <https://www.youtube.com/watch?v=25wqYQR4K4s>. Acesso em: 16/12/2024;

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=y6sn0JuSflg> TV Educativa É Preciso Cantar, Série Grande Otelo e os cantores, parte 2. Acesso em: 16/12/2024; Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=mz_OxELfs98, TV Educativa É Preciso Cantar, Série Grande Otelo e os cantores, parte 1. Acesso em: 16/12/2024.

naturalidade revela como a preservação de memórias contribui para reforçar os laços de pertencimento e identidade regional entre seus conterrâneos, enquanto ilumina questões mais amplas sobre história e cultura (Halbwachs, 1968).

De acordo com Halbwachs (1968), a memória não é apenas um ato individual, mas um processo profundamente influenciado pelos grupos sociais aos quais pertencemos. O sociólogo francês introduz em seu estudo o conceito de "quadros sociais da memória", que se trata de estruturas fornecidas por grupos sociais, como: a família, a religião e as tradições culturais, que orientam o modo como as lembranças são construídas e compartilhadas entre os indivíduos. Esses quadros não apenas determinam o que é lembrado, mas também influenciam como as experiências são reinterpretadas ao longo do tempo. Assim, para ele, a memória é apresentada como um processo dinâmico, no qual os significados do passado são continuamente ajustados de acordo com as necessidades identitárias e os valores de cada grupo social.

Entretanto, como a memória coletiva pode ser encarada como subjetiva, adaptável e diretamente vinculada às experiências e valores de um determinado grupo, enquanto a História pode ser encarada com a objetividade ao narrar eventos passados, se faz importante o uso de conceitos e instrumentos, neste caso em específico, voltados à "história pública" e "trajetória" para dar significado aos lugares que remetem ao artista Jackson do Pandeiro voltados aos seus conterrâneos (Halbwachs, 1996; Glassberg, 1996). Pela relevância de Jackson do Pandeiro, marcada pela contribuição à música popular brasileira e pela influência em gerações de artistas, é importante manter viva sua memória, especialmente na cidade que o viu nascer (Mendonça, 1999).

Nesse sentido, a História Pública emerge como um instrumento valioso para o fortalecimento de uma memória coletiva, por meio de estratégias como no Ensino de História e a promoção de eventos culturais na cidade de Alagoa Grande, Paraíba, no sentido do reconhecimento da importância da figura de Jackson do Pandeiro. Essas ações não apenas podem auxiliar na preservação da história do artista, mas também estimular a valorização do patrimônio local e contribuir para a construção de uma identidade regional robusta (Samuel, 1994). Além disso, conforme aponta Glassberg (1996), a História Pública permite contextualizar a trajetória do artista de forma a reforçar a valorização de seu legado, associando sua vida e obra à identidade regional. Assim, trajetórias individuais, como a de Jackson do Pandeiro, tornam-se símbolos potentes para a construção de uma memória coletiva que articula o passado com os valores e necessidades de grupos sociais no presente.

O conceito de "trajetória", neste contexto, torna-se fundamental para compreender a relação entre memória, identidade e história na reconstrução da vida de Jackson do Pandeiro. Assim, "trajetória" refere-se ao percurso de vida de um indivíduo ou grupo, entendido como uma sequência de eventos e experiências moldados por fatores sociais, culturais e históricos. Segundo Bourdieu (1996), trajetória é o resultado das interações entre as disposições internas de um agente - ou *habitus* - e as condições externas dos campos sociais nos quais ele atua. Essa relação dialética implica que a trajetória não é linear ou predefinida, mas construída em meio a possibilidades, restrições e escolhas individuais, influenciadas pelas estruturas sociais.

No caso de figuras como Jackson do Pandeiro, a trajetória é interpretada como uma articulação entre a história pessoal e os contextos culturais da Paraíba e do Brasil, em que se torna evidente como o percurso de vida de um indivíduo pode se tornar um símbolo de identidade coletiva e memória regional. Assim, compreender trajetória requer analisar tanto o contexto estrutural quanto as ações individuais, ressaltando as complexidades que moldam o caminho de um sujeito ao longo do tempo, de um cantor/compositor/instrumentista de reconhecimento e projeção nacionais desde o ano de 1953, e que se prolonga por várias décadas e nos dias de hoje⁹.

2.2 DA INFÂNCIA EM ALAGOA GRANDE – PB À PRIMEIRA MIGRAÇÃO PARA A CIDADE DE CAMPINA GRANDE/PB (1919-1932)

José Gomes Filho, conhecido como Jackson do Pandeiro, de acordo com os seus biógrafos, nasceu em Alagoa Grande, no estado da Paraíba, em 31 de agosto de 1919, nas terras do Engenho Tanques, que mais tarde viria a ser a Usina Tanques. Filho do oleiro paraibano de Alagoa Grande/PB, José Gomes, que deu ao filho seu próprio nome, acrescentando o agnome "Filho"¹⁰ ao final, perpetuando seu o nome e sua história. Já a mãe era a pernambucana de Timbaúba, Flora Jacinto da Conceição, também conhecida como Flora Maria da Conceição ou Flora Mourão.

⁹ Disponível em: <https://g1.globo.com/google/amp/pb/paraiba/noticia/2024/05/18/morador-ilustre-jackson-do-pandeiro-viveu-e-retratou-o-bairro-do-jose-pinheiro-em-sua-obra.ghtml> acesso em 09/07/2024. E, Jackson do Pandeiro. Da Barca dos Corações Partidos, no Teatro Pedra do Reino em João Pessoa/PB apresentação em 14/07/2024 às 19:00h.

¹⁰ Disponível em: <https://corregedoria.tjpb.jus.br/legislacao/codigo-de-normas-cgipb-extrajudicial/Conforme> preceitua o Código de Normas do Extrajudicial da Paraíba, em seu artigo 549: os agnomes "filho(a)", "júnior", "neto(a)" ou "sobrinho(a)" somente poderão ser utilizados ao final do nome, e se houver repetição, sem qualquer alteração, do nome dos pais, avós ou tios, respectivamente. Acesso em: 16/12/2024.

Desde a mais tenra idade, José Gomes Filho conviveu com a mãe, que era cantadora de coco¹¹, presenciando e participando de ensaios na própria casa de forma contínua. Um convívio com a música que começou ainda na gravidez da mãe, conforme ele mesmo expressou em uma participação no Programa da TV Educativa - *É Preciso Cantar: Série Grande Otelo e os Cantores*. Em conversa com Grande Otelo, ele relembra a convivência com a música desde criança: “[...] você sabe, Otelo, eu venho cantando desde menino, e o que eu via dentro de minha casa: um bombo, um ganzá e minha mãe cantando coco”¹².

Inclusive, acompanhar a mãe nas apresentações de coco rendia a ele dinheiro para uma de suas diversões prediletas: o Cinema Brasil. A Sétima Arte, especialmente os filmes de faroeste, explica o surgimento do prenome inspirado nos codinomes “Jack”, “Jake” e “Jacks”, que levariam a Jack ou José Jack e, também, Palhaço Parafuso, quando encenou o pastoril. Entretanto, essas mudanças de nome deixaram a mãe, Flora Mourão, muito chateada, e, em um dos vídeos, Jackson relata uma conversa que teve com ela por causa disso¹³:

E ela disse pra mim uma vez, assim:

-Mas é danado mesmo. Batizar um filho com o nome de José e ver trocarem o nome dele assim pra Jack.

-Eu digo: mas mãe, é por causa do cinema.

-Que cinema o quê, diabo!

-Eu digo, mãe não tem problema não.

-Eu sei que por causa disso, eu andei dando umas tapinhas, e levando outras tapinhas para ver se conseguia tirar, mas não consegui tirar [...]

O escritor e historiador José Avelar Freire, no seu livro *Alagoa Grande – sua história: de 1625 a 2000* (Freire, 2002, p. 254), afirma que em virtude da morte do pai e o estado debilitante da mãe, a fonte de renda deixou de existir e a fome se fez presente, obrigando a família a sair de Alagoa Grande a pé, em uma caminhada estimada entre 4 ou 5 dias, via Caiana dos Crioulos, Quilombo, atalhando para chegar em Campina Grande/PB. Diante da situação de pobreza em que se encontrava a família de Jackson do Pandeiro, o cunhado de Flora pediu ao filho dele (sobrinho dela) que fosse em socorro deles e os levasse para Campina Grande/PB. Infelizmente, este é um episódio comum entre as famílias nordestinas pobres, que enfrentavam a fome e, desassistidas, precisam migrar para outros locais.

¹¹ Coco é uma dança popular nordestina que se canta em coro: “o refrão que responde aos versos do tirador de coco ou coqueiro, quadras, emboladas, sextilhas e décimas” ... valendo ainda aclarar, com o historiador “que as modificações e variações são incontáveis”; o coco é uma antiga dança popular, vinda da segunda metade do século XVIII, peculiar ao Norte e Nordeste e que se divide em mais de uma dezena de variantes (coco-católé, coco-gavião, coco-de-embolada etc.).

¹² Disponível em: <https://youtu.be/y6sn0JuSflg> Jackson do Pandeiro - Documentário raro. Parte 2. 00:55s a 01:06min Acesso em: 16/12/2024.

¹³ Disponível em: https://youtu.be/sLEFEFFA_4r4?si=Gsd0VxUnDr1E9xAP. Acesso em: 24/08/2024. Trechos 05:44min a 06:06min.

Este momento, a primeira migração, foi crucial para a construção do artista nacional Jackson do Pandeiro pois, segundo Moura e Vicente (2001, p. 24), à época Campina Grande/PB era um ponto de convergência de retirantes, comerciantes, tropeiros, aventureiros, meretrizes, traficantes, jogadores e tangerinos de boiadas. Um contexto em que José Gomes Filho começa seus primeiros passos profissionais como instrumentista, em especial tocando o pandeiro, em diversos cabarés até se fixar no Cassino Eldorado, como é descrito em detalhes sua permanência neste local e os motivos de sua nova migração, no item 2.3.

Existem alguns relatos no meio audiovisual do próprio Jackson do Pandeiro em relação a essa primeira fase de sua trajetória de vida. A exemplo, uma entrevista concedida em 1977 a Arakén Távora (AT) para o programa *Os Mágicos*, no qual faz referência a vários momentos de sua vida, especialmente na infância. No início, ele explica como surgiu o nome Jack, que posteriormente se transformaria em Jackson do Pandeiro (JP). É importante frisar que, por se tratar do próprio Jackson do Pandeiro explicando o surgimento inicial do nome "Jack", é relevante a descrição completa do trecho desta entrevista.

AT- José Gomes Silva.

JP-Filho, José Gomes Filho, sou eu.

AT- Nasceu em Alagoa Grande, interior da Paraíba.

AT- Como é que nasceu o Jackson do Pandeiro?

JP-Jackson do Pandeiro nasceu é, eu era fã de filmes de faroeste, naquela época que tinha o cinema mudo. Eu era fã do cinema, do cinema mudo, e procurei um nome daquele que é de artista americano que era Jack, Jacks, Jake tinha os três. Então, tinha um indivíduo lá que eu achava que eu devia ser aquele cara: Jack Perri. Eu moleque, de 10 anos de idade. Então, botei meu nome de Jack. Jack Perri. E brinquei de artista muito tempo: revólver de pau, chapéu de palha metido a seco, quebrado assim. Sabe como é. E dali nós fomos em frente, fui crescendo e tal. Depois acabou a brincadeira... Eu fui trabalhar na panificadora, da panificadora eu comecei tocando tamborim, tocando tamborim passei a tocar bateria. E, depois, não dei certo na bateria porque eu não gostava de tocar música estrangeira. Só gostava de tocar o que era música brasileira: samba, choro, frevo, aquele povo todo! Então, na época tinha, tinha o Fox. O Blue, eu ainda saía bem. Mas, tinha um Fox metido mais a rápido, né. Aquilo já vem com twist, rock e iê, iê, iê. É naquela base. Então, precisava muito de *Ruff*, e eu não tinha *Ruff*. E não me adaptava bem dentro daquele negócio. Eu gostava mesmo era de coco, porque minha mãe era cantadeira de coco. Então, eu estava bem por dentro das coisas. E achava que tinha mais balanço. Sei lá. Eu achava uma coisa diferente. E, por isso, tinha bateria lá na alta roda, nos grandes clubes e vinha para cá, para baixo, para gafeira para me ver tocar samba. E, eu então nessa altura, eu ficava como se fosse um baterista de terceira classe, né. Porque eu não gostava de tocar aquele negócio deles. Então, pensei, eu vou deixar de tocar bateria. Aí, deixei. Tinha o meu cunhado, que fazia dupla comigo, José Lacerda, irmão do Genival Lacerda. Esse de chique, chique. E ele era pandeirista. E eu comecei a tocar pandeiro. Então, deixei de tocar bateria ganhando 2.000 (dois mil réis), pra tocar o pandeiro ganhando 1.500 (hum mil e quinhentos) réis. Mas, eu não queria ser um pandeirista de meia tigela, um pandeirista que fosse assim, um terceiro lugar, não. Eu queria estar, assim: orelha com orelha, com o primeiro. Já pegando ele; ele me pega e assim por diante. E, comecei a ensaiar, lá em casa. Então, eles disseram que eu toquei mais pandeiro que eles todos. Só tinha bom, lá em Campina. Então, eu acho que eu comi a corda e seguir tocando pandeiro e não quis mais saber de bateria. Certo! E, esse pandeiro me trouxe. E, eu cheguei até aqui. E, comecei cantando.

Em outro momento, já em referência a outra fase da vida, Jackson do Pandeiro (JP) concede uma entrevista a Grande Otelo (GO) no programa da TV Educativa - *É Preciso Cantar: Série Grande Otelo e os Cantores*, no qual explica o surgimento do “son” no nome Jack, que passa a ser chamado Jackson do Pandeiro¹⁴:

GO - Mas, aí, você já era Jackson? Já era Jackson do Pandeiro, já era profissional? Já era Jackson?

JP - Já era Jackson do Pandeiro. Já cantava com o pandeiro na mão. Já era profissional.

GO - Quem foi que colocou o nome de Jackson do Pandeiro?

JP - Foi o Dr. Ernani Séve, que era o chefe da locução da Rádio Jornal do Commercio de Pernambuco. Era o chefe da locução. Ele dizia que para anunciar: “Aqui com vocês: Jack do Pandeiro”, ficava chato, não funcionava! Já quando dizia: “Aqui com vocês: Jackson do Pandeiro! Dava certo! Pois enchia até a bochecha”. Era outra coisa! E, eu fiquei. Agora não vou mais trocar. E, fiquei.

Neste ponto, é curioso constatar como um simples José passou a ter tantos nomes. Ora por causa de amigos da infância que lhe atribuíram o apelido, ora em razão do instrumento que tocava (pandeiro), e posteriormente por motivos de sonoridade e exploração comercial, com a visão de que o nome Jackson era mais sonoro. Mas que nome é esse que Jackson buscou para ser conhecido como artista? Quem foi esse artista?

Uma boa definição de quem foi Jackson do Pandeiro é dada pelo apresentador do programa *Conexão Pernambuco*, da TV Universitária do Estado (TVU), Valdir Oliveira¹⁵:

Pouca gente sabe quem foi José Gomes Filho. Mas, se perguntar quem é Jackson do Pandeiro milhões de pessoas poderão não conhecer sua história, mas certamente conhecem algumas de suas composições: Sebastianiana; Chiclete com Banana; O Canto da Ema; Casaca de Couro; Como Tem Zé na Paraíba. Jackson do Pandeiro fez uma mistura danada de forró com samba, jazz, rock, frevo e acabou se tornando um dos músicos mais populares de sua época. Referência de artistas de várias gerações. O músico faleceu no dia 10 de julho de 1982, em Brasília, aos 62 anos de idade. Foi sepultado no Cemitério do Caju no Rio de Janeiro. Mas, seus restos mortais estão na cidade de Alagoa Grande, na Paraíba, sua terra natal. O programa de hoje faz uma homenagem a Jackson do Pandeiro pela contribuição à música brasileira e ao Forró, em particular.

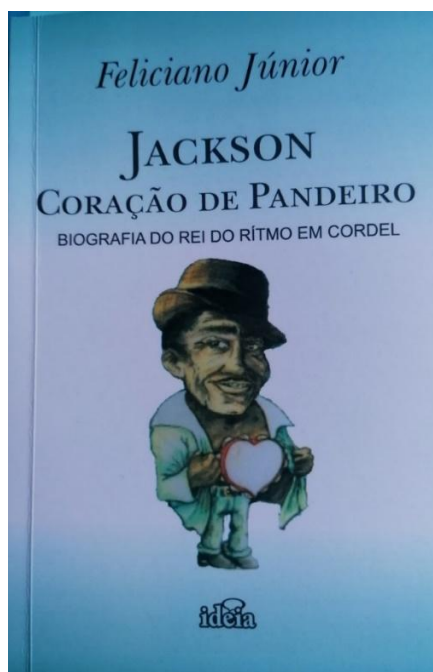
Na biografia em cordel, Jackson Coração de Pandeiro, o autor apresenta uma estrofe bem singular que mostra a chegada de um Zé da Paraíba como cantor (Júnior F., 2023, p. 20):

O menino no ventre
Quando ouvia o zabumbar
Batia uma mão na outra
Ficava a gesticular
E Flora Mourão sorrindo
Punha o coco pra rodar.

¹⁴ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=mz_OxELfs98 Jackson do Pandeiro Documentário (Parte 1). Acesso em: 23/08/2024, 00:55s a 01:42s.

¹⁵ em: https://www.youtube.com/watch?v=FuGC26wp1_U Opinião Pernambuco - 27/06/2016 (Jackson do Pandeiro). TVU Recife. Disponível Acesso em 02/08/2024, 0:02s a 0:54s.

Figura 10: Imagem da biografia em cordel de Jackson do Pandeiro



Fonte: acervo pessoal

Este artista vivenciou a expressão cultural mais palpável que existe desde o ventre materno: a música. Passou por Alagoa Grande/PB e as cidades circunvizinhas, migrou para diversas outras cidades deste imenso país e trouxe elementos folclóricos e populares como nenhum outro cantor. Esse fato pode ser constatado em sua vasta produção musical, seja como compositor ou intérprete. Divulgou elementos característicos das mais variadas localidades e essa característica foi muito bem observada por Robério Chaves, um dos maiores admiradores de Jackson do Pandeiro, em Alagoa Grande/PB, pois, durante a Semana dos Caminhos do Frio estava presente no Memorial Jackson do Pandeiro todos os dias, divulgando, cantando e tocando o mestre: “Pra mim, Jackson do Pandeiro é o grande antropólogo da música brasileira, porque nos lugares onde chegou, observou a cultura de vários lugares do Brasil, copiou e fez suas versões, criando e modificando ritmos, acelerando o frevo, gravando samba e forró”¹⁶.

Jackson do Pandeiro no disco Canjica, Pamonha e Rojão¹⁷ canta a música ‘Vem cá Maria’ gravada em 1977 pela Gravadora Chantecler/Alvorada em que no final da música relembra a infância em Alagoa Grande/PB quando faz as seguintes intervenções: “Dá-lhe, cumpadre!”; “Tá aí, Ah, sapinho enxerido, miserável. Me lembro do rio de Alagoa Grande,

¹⁶ Disponível em: https://youtu.be/sLEFEFA_4r4?si=9WSce4lhzaP24HD, Documentário Jackson do Pandeiro - TV Assembleia Paraíba 2019, trecho de 57:05s a 57:53s acesso em 06/12/2024.

¹⁷ Disponível em: <https://youtu.be/mIFtBEiLuD8>, acesso em 16/12/2024.

naquela cheia que eu era moleque, o sapo se grudava na cacunda da sapa; dava um trabalho da bexiga.”

2.3 PRIMEIROS PASSOS PROFISSIONAIS EM CAMPINA GRANDE/PB: DE AJUDANTE DE PADEIRO A MÚSICO PROFISSIONAL (1932-1937)

Do início da adolescência até a chegada à idade adulta, quando deixa de ser padeiro e passa a ser apenas músico conhecido como Jack do Pandeiro, ele realizou uma série de atividades laborais para suprir o sustento próprio e da família, da qual passou a ser arrimo. Já em Campina Grande/PB, trabalhou como entregador de pão, padeiro, engraxate, limpador de fossa, pintor e ajudante de pedreiro, até se firmar como músico, tendo como primeira profissão oficial a de padeiro. Deixou de ser padeiro para trabalhar como músico, aprendendo os mais diversos instrumentos e, posteriormente, se fixando no pandeiro, instrumento que tocou profissionalmente até 1944 no Cassino Eldorado (Freire, 2002, p. 257).

Ainda conforme o historiador, antes de atingir a maioridade, José Gomes Filho, contando com a ajuda da "Gerente da Casa", trabalhou em diversos cabarés até se fixar no Cassino Eldorado como instrumentista, especialmente tocando o pandeiro. Esse cassino foi inaugurado em 01/07/1937 e exerceria um papel decisivo na vida artística de Jackson do Pandeiro, porque, entre 1939 e 1944, foi lá que ele teve acesso contínuo a sonoridades diversificadas e universais, como o blues, o jazz, o chorinho, o maxixe, a rumba, o tango e o samba. Zé Jack integrou a orquestra do Eldorado no seu apogeu (Moura e Vicente, 2001, p. 73).

Contudo, as primeiras audições como músico foram realizadas na zona do meretrício, aonde ia com muita frequência. Outras audições correram, também, através dos serviços de alto-falantes da cidade de Campina Grande naquela época, e que hoje ainda existem em Alagoa Grande/PB. Era por meio de difusoras e de seus alto-falantes que as notícias de velórios, as publicidades e as músicas chegavam a todos os cidadãos no dia a dia. Assim, ao se apresentar nelas, Jackson começou a se fazer conhecido como cantor e pandeirista.

Foi graças a exposições musicais nas difusoras que Jackson teve a oportunidade de conhecer o pastoril e o velho Caiçara, que era o animador do pastoril do bairro do Zé Pinheiro. Nas andanças musicais pelos bairros, em algumas delas acompanhado da irmã Severina, participava das louvações entoadas nas noites de Natal, que se prolongavam até as vésperas do carnaval. Como Severina compunha o coro das pastoras e tinha uma voz muito afinada, encantava a plateia. Ademais, Jackson deu uma entrevista a Grande Otelo em que relembra

essas apresentações com a irmã, mencionando que foi uma das últimas vezes que a mãe puxou o coco após sair de Alagoa Grande: “Faziam roda na frente da gente, brincando e cantando”. Isso aconteceu em Campina Grande/PB.

Com essas andanças, Jackson passou a ser conhecido e foi chamado para substituir o velho Caiçara no pastoril. Ele aceitou e desempenhou a tarefa tão bem que deixou o velho Caiçara abismado! Assim, José Gomes Filho, que já havia sido conhecido como José, Zé, Zé Jack e Jack, agora ganhava mais uma alcunha artística para o vasto currículo: Palhaço Parafuso.

Na sua biografia, Moura e Vicente (2001, p. 70) citam uma apresentação feita pelo artista no Rio de Janeiro, na qual, depois de concluí-la, um dos ouvintes presentes exclamou: “Valeu, Parafuso!”. Jackson respondeu: “Êpa! Tem gente do Zépa no recinto”. Zépa é como os moradores do bairro do Zé Pinheiro, em Campina Grande/PB, se referem ao bairro. Ainda segundo os biógrafos, certa noite, devido a uma briga envolvendo seu cunhado e alguns soldados no Cassino Eldorado, Jackson teve que se refugiar na capital paraibana, João Pessoa, para preservar a integridade física. E assim se deu mais uma migração.

2.4 SEGUNDA MIGRAÇÃO: DA CIDADE DE CAMPINA GRANDE – PB PARA JOÃO PESSOA – PB (1944-1948)

A ida de Campina Grande/PB para João Pessoa/PB ocorreu de forma abrupta por causa de uma briga com militares do Exército e seu cunhado. Apesar da possibilidade de ser contratado como pandeirista pela Rádio Tabajara, pois havia sido convidado a ingressar na orquestra por Bôto, que na época atuava como “olheiro” para novas contratações, Jackson não acreditou que isso seria possível e, assim, não foi em busca da vaga de pandeirista na rádio, atitude que talvez reflita simplicidade e humildade. Ele passou a viver nos cabarés e, depois de ser efetivamente contratado como pandeirista pela Rádio Tabajara, continuou tocando em casas menos louváveis. Posteriormente, trouxe a família para a capital e passou a residir em uma pequena casa, diferente de antes, quando morava apenas em um “quartinho” no local onde trabalhava, recebendo apenas abrigo e comida.

Neste período da vida, a saúde de sua mãe, que já havia chegado doente a João Pessoa/PB, agravou-se, e ela veio a falecer no dia 14 de agosto de 1946 (Moura e Vicente, 2001, p. 114). Após a morte da genitora, a situação familiar tornou-se ainda mais difícil, levando Jackson e seus irmãos a buscarem abrigo junto a uma vizinha, comovida com o sofrimento da

família. Conforme depoimento do próprio Jackson do Pandeiro¹⁸, ele, ao dirigir-se à Rádio Tabajara questionando suas chances de contratação, foi submetido a um teste de pandeiro, e sentiu-se "marcado" pela experiência. Foi contratado como pandeirista, teve o salário fixado em \$ 100 e que nunca foi reajustado, representando o menor valor pago pela emissora de rádio, inferior até mesmo ao dos contínuos.

No entanto, trabalhar como músico na Rádio Tabajara, a empresa oferecia compensações: a orquestra era considerada a melhor do estado da Paraíba e reunia os mais talentosos instrumentistas, com um vasto repertório enriquecido e regidos segundo os critérios estabelecidos pelo exigente maestro Severino Araújo, que incorporou ritmos típicos como maracatus e frevos, mas não estava mais regendo a orquestra na época em que Jack chegou a João Pessoa. Na Tabajara, Jackson travaria uma amizade duradoura com Rosil Cavalcanti, um dos maiores compositores de sua carreira. A parceria com Rosil, marcada pelo sucesso estrondoso de "Sebastiana", impulsionaria sua trajetória artística. Juntos, apresentaram-se em diversos quadros musicais, onde se destacaram com o "Café com Leite", no qual adotavam caracterizações invertidas, com Jackson se pintando de branco e Rosil de negro (figura 11).

Figura 11: Jackson do Pandeiro e Rosil



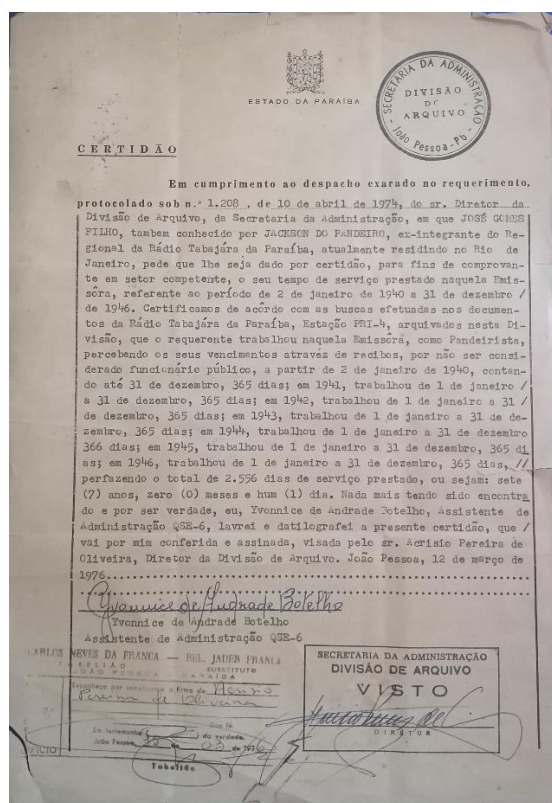
Fonte: Cultura PE. Disponível em: <https://www.cultura.pe.gov.br/canal/funcultura/lancamento-de-cd-e-livro-marca-centenario-de-rosil-cavalcanti/>. Acesso em: 16/12/2024.

Após um período trabalhando na capital paraibana, Jackson aprimorou significativamente sua técnica musical e, em razão da falta de perspectiva na remuneração salarial e a perda da mãe, decidiu deixar João Pessoa em 1948, como integrante da Jazz

¹⁸ Disponível em: <https://youtube.com/watch?v=Gkipiwm4qG4&feature=shared> trecho de 04:15min a 05:14min. Jackson do Pandeiro (1977). Arquivo Nacional. Acesso em: 22/08/2024.

Tabajara, da Rádio Tabajara. Naquele ano, foi convidado a ingressar na Rádio Jornal do Commercio, em Recife/PE, integrando o regional e a orquestra Jazz Paraguay, iniciando assim uma nova etapa de sua carreira e uma nova migração.

Figura 12: Tempo de Serviço na Rádio Tabajara

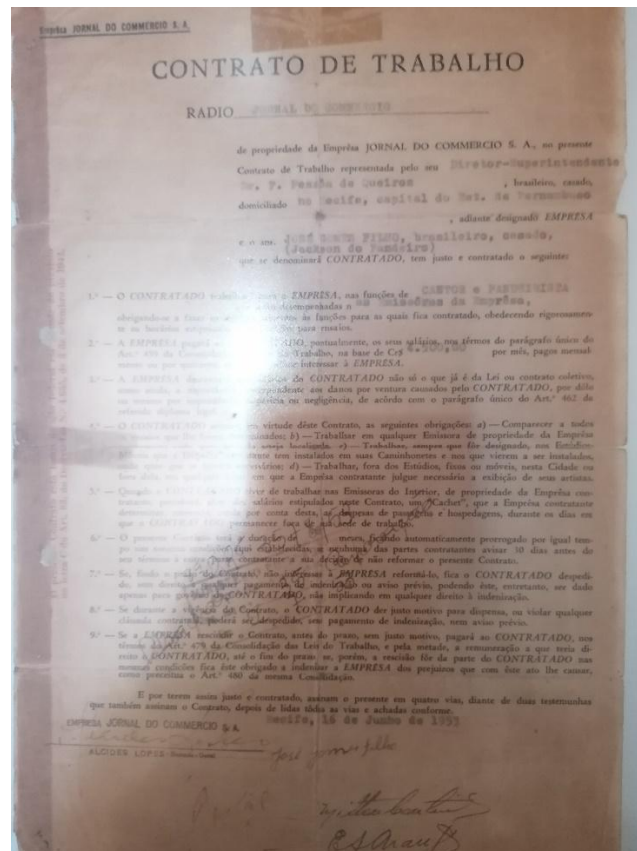


Fonte: arquivo pessoal

2.5 TERCEIRA MIGRAÇÃO: DA CIDADE DE JOÃO PESSOA/PB PARA RECIFE/PE (1948-1955)

A Rádio Jornal do Commercio foi inaugurada aos 03/06/1948 para ser, segundo seu bordão: “Pernambuco falando para o mundo” a rádio de maior projeção. Para isso, montou um vasto quadro de funcionários, incluindo produtores, redatores, locutores, atores, cantores, coral, banda, conjunto regional, orquestra sinfônica e a Jazz Paraguay. Contratado para integrar a equipe, Jackson do Pandeiro mudou-se para o Recife, onde tocou pandeiro e outros instrumentos, tendo inclusive a oportunidade de se apresentar como cantor. Foi na capital do frevo que, por sugestão do diretor artístico da rádio, adotou o nome "Jackson do Pandeiro", porque segundo o superior soaria melhor.

Figura 13: Contrato de Trabalho com a Rádio Jornal do Comércio.



Fonte: arquivo pessoal

Ao chegar ao Recife, estabeleceu residência em um dos sobrados da Rua Nova, no centro da cidade, próximo ao seu novo local de trabalho. Essa nova realidade contrastava significativamente com as condições precárias em que havia vivido anteriormente. Em suas próprias palavras, "a minha vida no Recife decolou como um avião na pista"¹⁹, parafraseando uma fala de Jackson numa das muitas entrevistas dadas ao longo da vida, uma frase que resume a transformação por que passou nesse período. Segue trecho abaixo:

Quando cheguei em Recife, é, depois de uns tempos, a minha vida levantou, levantou como um avião que levanta na pista. O negócio vem ruim, vem ruim, o negócio foi indo, foi indo. Quando cheguei em Recife no Rádio Jornal do Commercio, comecei cantando, não pela primeira vez, cantando quase oficial [...]

Ainda conforme apontam Moura e Vicente (2001, p. 133), essa mudança proporcionou-lhe um ambiente musical de elevada qualidade e quantidade:

Em pouquíssimo tempo, já conhecera e tocara com mais celebridades que em todos os anos de Rádio Tabajara e Cassino Eldorado. A Rádio Jornal do Commercio nem bem completara seis meses de vida e já apresentava um histórico musical de fazer

¹⁹ Centenário Jackson do Pandeiro | Reportagem. TV Cultura. Disponível em: <https://youtu.be/gXUTyAAbOZ8?si=yDNkmh-ppgFZMr4t>, trecho de 04:34min a 04:44min. Centenário Jackson do Pandeiro | Reportagem. TV Cultura. Acesso em 25/08/2024.

inveja às rádios Clube de Pernambuco, Nacional e Mayrink Veiga, as veteranas do campo radiofônico e concorrentes diretas da “grande emissora pernambucana”.

Entre 1948 e 1955, integrado ao elenco da Rádio Jornal do Comércio, Jackson do Pandeiro participou de diversos programas musicais. No quadro "Clube da Colher", além de tocar, também se aventurou como cantor, mas, ao ser escalado para apresentar-se num novo quadro: A Revista Carnavalesca "A pisada é esta", escolhe para cantar a música "Sebastiana". O programa, com a participação da radioatriz Luísa de Oliveira, obteve um sucesso surpreendente, levando Jackson a apresentar a música "Sebastiana" ininterruptamente por 29 dias consecutivos, três a quatro vezes por dia, fato que resultou em uma projeção meteórica do artista na cena musical pernambucana (figura 14).

Figura 14: Lançamento da Revista Carnavalesca



Fonte: acervo pessoal

Em suas próprias palavras, Jackson do Pandeiro descreve a estreia de "Sebastiana" e a repercussão extraordinária dessa música, que surpreendeu a todos ao se tornar um sucesso instantâneo na primeira noite da revista, em 1953. A música, que embalou os foliões durante todo o Carnaval daquele ano, mantém popularidade até os dias atuais, mais de 70 anos após o lançamento (figura 15).

Figura 15: Sucesso da Revista Carnavalesca



Fonte: acervo pessoal

Graças ao grande sucesso das apresentações de “Sebastiana”, Jackson do Pandeiro vira notícia principal do Jornal do Commercio no início de fevereiro de 1953, recebendo um destaque inédito para um artista local, com a manchete “Sensação, todas as noites no Rádio Pernambucano, com revistas carnavalescas”:

Um dos pontos altos de todas as revistas carnavalescas do Rádio Jornal do Commercio é a dupla Luísa de Oliveira-Jackson do Pandeiro. Ela conquista, em qualquer número (e que números sensacionais!) os aplausos demorados e incondicionais da grande assistência que, todas as noites, há 15 dias, superlota o auditório da grande Emissora pernambucana.

Contudo, devido aos compromissos de trabalho anteriormente agendados, a primeira “Comadre Sebastiana”, Luísa de Oliveira, foi substituída por Almira de Albuquerque Castilho. A nova parceira de Jackson do Pandeiro, no entanto, incorporou tão bem a personagem que o sucesso perdurou por todas as apresentações seguintes, fazendo com que eles, inclusive, cantassem e dançassem por três ou quatro vezes a cada dia, e isso durante todas as apresentações do programa pelos dias seguintes. Diante do sucesso do quadro carnavalesco com a apresentação da música “Sebastiana”, a direção da Rádio Jornal do Commercio decidiu mudar o nome da revista carnavalesca de “A pisada é essa” para “A, E, I, O, U, Ypsilonone”.

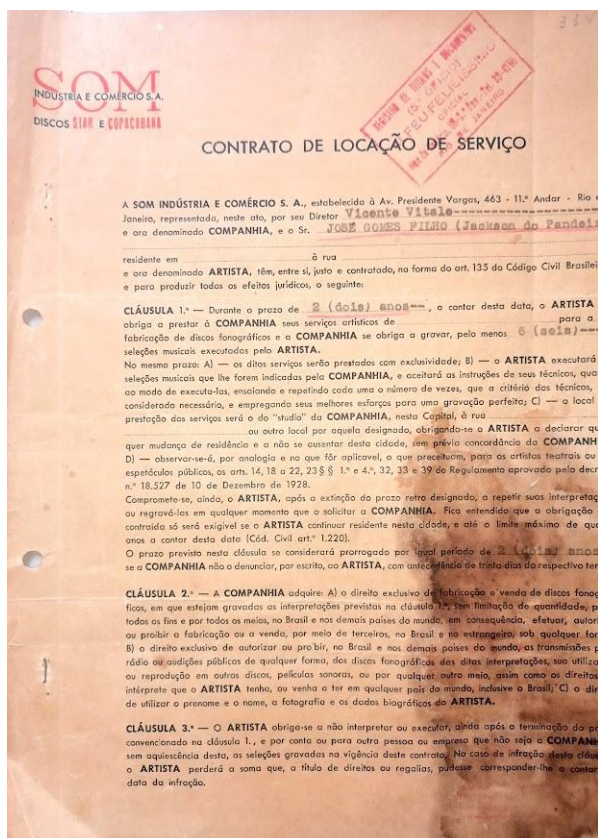
O escritor e historiador José Avelar Freire, no seu livro Alagoa Grande – sua história: de 1625 a 2000 (Freire, 2002, p. 236), diz que:

Almira tornou-se para Jackson ‘o seu braço direito’. Além de participar dos shows, ela gerenciava a agenda de apresentações, os investimentos financeiros e, de modo geral, tudo o que dizia respeito à carreira do casal. Foi com Almira que Jackson aprendeu a ler e a assinar seu próprio nome.

Almira Castilho e Jackson do Pandeiro se casaram três vezes: duas vezes na igreja e uma no Cartório de Registro Civil. E ele costumava dizer²⁰: “Se precisasse, casaria com ela dez vezes”.

No âmbito profissional, graças ao sucesso da música “Sebastiana”, Jackson do Pandeiro foi convidado a gravá-la, assinando um contrato com a Gravadora Copacabana pelo selo “Harpa” para produzir cinco discos de 78 rpm, com duas músicas, uma em cada lado. No primeiro disco, as faixas eram “Sebastiana” e “Forró em Limoeiro”; no segundo, “Um a Um” e “Mulher do Anibal”. Esse contrato, que já previa a gravação de dez músicas, era algo incomum para a época. Não era usual um cantor iniciar um contrato com cinco discos agendados pela gravadora. Normalmente, a gravadora produzia um disco e, dependendo da tiragem e das vendas, decidia se haveria continuidade ou não. Esse fato comprova o grande talento do músico!

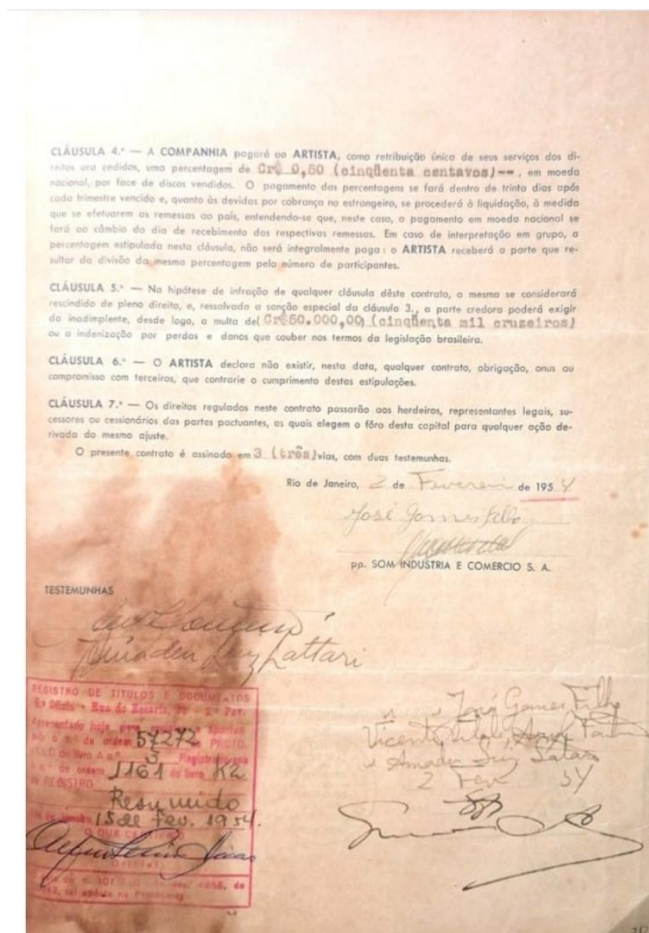
Figura 16: Contrato das gravações dos 5 discos com a Copacabana – Página 01



Fonte: arquivo pessoal

²⁰ Disponível em https://youtu.be/H_gHBouzInQ?si=4NI5oIIP05u-4IA7 acesso em 16/12/2024, trecho 01:55 s a 02:40s.

Figura 17: Contrato das gravações dos 5 discos com a Copacabana – Página 02



Fonte: arquivo pessoal

Conforme matéria veiculada no Jornal do Commercio, a trajetória de José Gomes Filho, o Jackson do Pandeiro, diferenciava-se da grande parte dos artistas de sua época²¹:

CAMINHO DIFERENTE: O talento de Jackson do Pandeiro era tão superlativo que ele não precisou seguir os trâmites que regeram o mercado do disco até os anos 90. No início dos anos 50, artistas submetiam-se a programas de calouros, daí a uma gravadora, que promovia o trabalho, levando seu contratado às emissoras de rádio, TV, sessões de autógrafos e promoções, que poderiam ou não surtirem efeito. Muitos tiveram as carreiras abortadas ou demoraram a chegar às paradas. Com Jackson do Pandeiro foi um rastilho de pólvora que provocou um fogaréu nacional. Sem ter sequer disco gravado, seu nome começou a ser comentado no Sudeste, principalmente no Rio de Janeiro, que abrigava o grosso da indústria do entretenimento no país.

Nóbrega (2015, p. 264) em sua obra “Pra Dançar e Xaxar na Paraíba” relata essa época na vida de Jackson do Pandeiro:

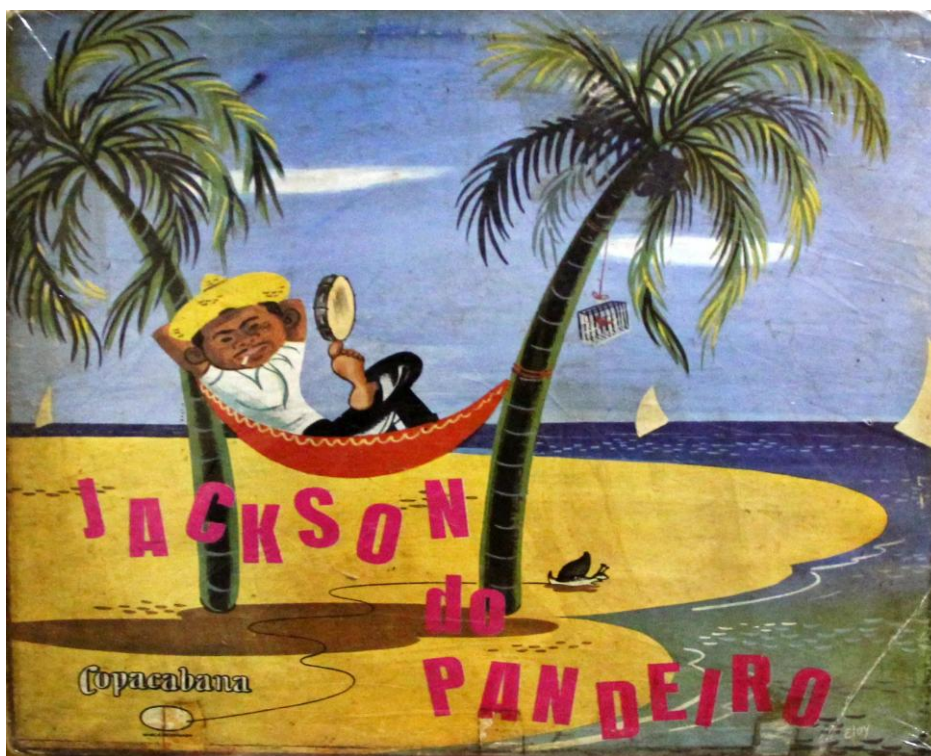
A ida de Jackson com Genival Macedo ao Rio de Janeiro, no dia 15 de abril de 1954, já era uma exigência da gravadora Copacabana, que ainda não conhecia o cantor

²¹ Jackson era grande demais para um pandeiro. Jornal do Comercio de Pernambuco. Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/canal/cultura/musica/noticia/2019/08/25/jackson-era-grande-demais-para-um-pandeiro-386381.php>. Acesso em 16/12/2024.

daquele famoso sucesso “Sebastiana”. Bem como era o cantor que vinha dando maior lucro à gravadora, na época.

Encerrando este ano...a Copacabana lança o primeiro LP de Jackson, disco de 10 polegadas, 33^{1/3} rpm, com oito músicas, intitulado “Jackson do Pandeiro com Conjunto e Côro”.

Figura 18: Capa do primeiro disco lançado pela Copacabana – 1954



Fonte: arquivo pessoal

O lançamento deste disco foi alvo de comentários na coluna “Discoteca”, assinada pela crítica Claribalte Passos (Jornal Correio da Manhã, do Rio de Janeiro de 18/09/1955):

Um Intérprete da Alma do Nordeste – O disco mereceu espaço na mídia carioca em coluna de crítica musical, onde se verifica, por parte do colunista, aspectos importantes sobre as representações que caracterizaram, ao longo do tempo, a imagem de Jackson do Pandeiro: “modéstia, humildade, ineditismo, originalidade, autenticidade são adjetivos recorrentes relacionados à sua trajetória”.

Apesar do grande sucesso alcançado por Jackson do Pandeiro, a gravadora Copacabana negligenciou a divulgação da história de vida do artista e demonstrou um certo “descaso” com ele e com sua companheira de apresentações, Almira Castilho. Ou seja, apesar de Jackson ter vendido muitos discos, não houve, por parte da gravadora, um cuidado em apresentá-los. Esse fato pode ser comprovado pela percepção do artista, relatada em uma entrevista concedida em 1977²². Segue abaixo um trecho deste relato:

²² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=25wqYQR4K4s>. Jackson do Pandeiro (1977). Arquivo Nacional. Trecho 01:00min a 01:29s. Acesso em: 16/12/2024.

Eu estou numa fábrica agora que está me dando um apoio melhor, já teve a coragem de colocar um divulgador na rua comigo. Eu tive várias fábricas aqui. Fábricas grandes, danadas, coisa e tal. Mas, parece que eles tinham vergonha de mandar um divulgador sair comigo, pois divulgador quer sair com mulher bonita, cheia de recorte e vira e mexe. Mas a Chantecler me botou um divulgador na rua: Coelho Neto. Coelho Neto me apontou uma música que eu não tinha muita fé. E, ele disse: “essa música vai ser sucesso” (...).

Nesta mesma entrevista, Jackson do Pandeiro fala sobre o trabalho de divulgação realizado pela gravadora Chantecler e a contribuição do radialista Adelzon Alves, na Rádio Globo, para a revitalização da música popular brasileira. Isso porque a divulgação via rádios era de extrema importância para garantir o reconhecimento do trabalho dos artistas e proporcionar o conhecimento desse trabalho pelo público. O artista retoma a esta questão ao participar do Programa Especial Sucesso em 19/01/1978 e diz textualmente que: “O sucesso hoje em dia depende da máquina. Para quem não sabe o que é a máquina: a máquina é a divulgação, o 'tutu' variando para que haja a divulgação; senão, o povo não toma conhecimento e não aprende nada! Esse é o sucesso”²³.

Os cinco primeiros discos de Jackson do Pandeiro foram gravados em Recife, nos estúdios da Rádio Jornal do Commercio, devido ao medo que o artista tinha de viajar de avião. O trabalho obteve tanto sucesso que não precisou ser refeito no Rio de Janeiro, que era a capital federal na época. Porém, a ida ao Sudeste se tornou inevitável, e a estada que inicialmente seria de dez dias se estendeu por noventa dias. Somente as insistentes cobranças da Rádio Jornal do Commercio fizeram com que a dupla retornasse a Recife. Caso contrário, a permanência deles no Rio de Janeiro poderia ter sido definitiva.

A MÚSICA ‘SEBASTIANA’

Com a música ‘Sebastiana’ José Gomes Filho que passara a chamar-se Jack, Jack do Pandeiro, passa a chamar-se: Jackson do Pandeiro e, inicialmente, com Luísa de Oliveira e depois com Almira Castilho de Albuquerque, literalmente, levanta voo em sua vida pela primeira vez em 1953. Depois, com a gravação dela por Gal Costa no seu primeiro disco em 1968 que é lançado em 1969²⁴, Jackson do Pandeiro, sai do ostracismo após o tempo que ficou recluso por conta do acidente automobilístico... Enfim, passa a ter o reconhecimento dos “Tropicalistas” com a gravação por Gilberto Gil de o ‘Canto da Ema’ e ‘Chiclete com Banana’

²³Jackson do Pandeiro (1978). Arquivo Nacional. Trecho 01:43s a 01:55s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=csVCgKtlKIs>. Acesso em: 22/08/2024.

²⁴ Disponível em: https://youtu.be/haS0b4bHOAg?si=gi1LjVohd3to_RG. Acesso em: 16/12/2024.

e volta à cena musical. O interessante foi saber que essa música, que só é creditada a Rosil Cavalcanti, Jackson dá uma entrevista e responde ao entrevistador quando surgiu o compositor Jackson do Pandeiro e ele responde literalmente²⁵: Então, Jackson do Pandeiro deveria ter aparecido há muito tempo desde ‘Sebastiana’, desde ‘Forró em Limoeiro’, desde ‘Um a Um’, desde ‘Mulher do Aníbal’...”

Volta-se a mencionar a entrevista concedida nos endereços da Internet <https://youtu.be/Gkipiwm4qG4?feature=shared> no trecho 08:02s aos 11:10s e prossegue no vídeo seguinte <https://youtu.be/watch?v=25wqYQR4K4s&feature=shared> trecho de 00:00s a 01:02s onde Jackson do Pandeiro responde ao entrevistador a pergunta: “Quando surgiu o compositor Jackson do Pandeiro? E, ele responde de forma contundente: “Desde o início da carreira!”. Isso foi surpreendente! Mas, como ele mesmo disse sua carreira de compositor começou há muito tempo.

Conforme escreveu Jocelino Tomaz de Lima para o Correio das Artes no artigo ‘Cumadre Sebastiana: 70 anos fazendo o Brasil “cantar e xaxar”²⁶, Jackson se tornou referência para muitos nomes da MPB, do forró e do samba, tendo sido muito regravado. No caso da música ‘Sebastiana’, temos a campeã em regravações. O autor do artigo e o pesquisador Érico Sátiro listaram 65 dessas regravações, deixando fora muitas outras registradas apenas em DVDs. Eis os artistas que “convidaram a cumadre Sebastiana para cantar e xaxar na Paraíba”:

01. Gal Costa; 02. Xuxa; 03. Baby do Brasil; 04. Lenine; 05. Dominginhos; 06. Zé Ramalho; 07. Elba Ramalho; 08. Geraldo Azevedo; 09. Pianista Ricardo Bacelar (instrumental); 10. Eduardo Dussek; 11. Genival Lacerda; 12. Pinto do Acordeom; 13. Trio Nordestino; 14. Carmélia Alves; 15. Biliu de Campina; 16. Zé Calixto; 17. Fuba de Taperoá; 18. Lucy Alves e Clã Brasil; 19. Oswaldinho; 20. Forroçacana; 21. Luan Estilizado; 22. Luís Wanderley; 23. Quinteto Violado; 24. Jarbas Mariz; 25. Marcos Farias; 26. Altamiro Carrilho; 27. Kojac do Forró; 28. Tânia Maria; 29. Parrá; 30. Val Macambira; 31. As Cangaceiras; 32. Banda Umbuzada; 33. Jó Miranda; 34. Silveirinha; 35. Toninho Ferragutti; 36. Carlos Malta e Pife Muderno; 37. Paulinho Leite; 38. Bruno Moritz; 39. Anna Alves; 40. Rastapé; 41. Turibio Alves; 42. César do Acordeom; 43. Paulinho do Acordeom; 44. Chico Salles; 45. Luiz Dantas; 46. Nandinho do Pandeiro; 47. Wilson Café; 48. Som da Terra; 49. Rogério Franco; 50. Rose de Salles; 51. Márcia Pequeno; 52. Mariângela Zan; 53. Conexão Negra 54; Cassiano do Trio Beija Flor; 55. Lili Andrade; 56. Jambo; 57. Baixinho dos 8 Baixos; 58. Jorge Ribbas; 59.

²⁵ Disponível em: <https://youtube.com/watch?v=Gkipiwm4qG4&feature=shared>. Acesso em: 16/12/2024.

²⁶ Disponível em: <https://auniao.pb.gov.br/servicos/correio-das-artes/edicao-digital-2023/correio-agosto-2023.pdf>. Acesso em: 16/12/2024.

Heraldo do Monte; 60. Embora Luiz Gonzaga não tenha regravação “Sebastiana” na sua voz, ela fez parte do repertório de um especial para TV Globo em 1984, que seria o show de despedida do Rei do Baião, porém interpretada pela forrozeira Guadalupe e o áudio dessa apresentação de Sebastiana posteriormente fez parte do CD Luiz Gonzaga Seleção Especial – Grandes Sucessos (2013); 61. Leo Belico (Brasileiro que gravou na Argentina); 62. Xiomara Alfaro (cubana); 63. Lucho Macedo (peruano); 64. Guadalupe (LP italiano de Toquinho); 65. Thibaut Gueriaux (francês).

Figura 19: 1º 78 rpm Sebastiana e Forró em Limoeiro



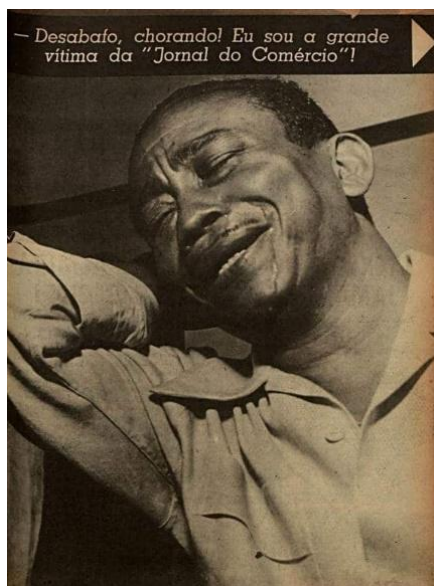
2.6 QUARTA MIGRAÇÃO: DA CIDADE DO RECIFE/PE PARA O RIO DE JANEIRO/RJ (1955-1982)

Aos 15 de abril de 1954, temendo voar, Jackson do Pandeiro embarcou em um navio com destino ao Rio de Janeiro, deixando Recife. Almira, por sua vez, viajou de avião alguns dias depois. Essa primeira visita à capital federal ocorreu a pedido da gravadora Copacabana, que desejava apresentar ao público o cantor responsável pelo estrondoso sucesso das músicas “Sebastiana” e “Forró em Limoeiro”, do primeiro disco, e “Mulher do Aníbal” e “Um a Um”, do segundo. Após retornarem do Rio de Janeiro – ele e a companheira de palco, Almira Castilho –, do que seria uma breve estadia de uma semana ou dez dias se prolongou por três meses.

Ao retornar a Recife a dupla realizou diversas apresentações por todo o estado de Pernambuco. No entanto, durante uma apresentação ocorrida em uma festa particular na Tamarineira, em 15 de fevereiro de 1955, Jackson do Pandeiro e Almira Castilho foram brutalmente agredidos. As lesões sofridas por Jackson foram tão graves que ele chegou a correr risco de vida, necessitando fazer diversas cirurgias para salvar a visão do olho esquerdo, que havia saído da órbita ocular. Essa saída do olho, da caixa craniana, deu-se em decorrência de um forte impacto no rosto. Diante da inércia das autoridades judiciárias em apurar a agressão

ao casal e da omissão do Sistema Jornal do Commercio em apurar o caso, além da alta multa contratual imposta pela rádio para que ocorresse o distrato contratual, o casal decidiu romper o contrato e deixar Recife, temendo por suas vidas. A festa onde ocorreu a agressão era realizada na propriedade de um influente membro da alta sociedade pernambucana²⁷.

Figura 20: Desabafo de Jackson do Pandeiro quanto ao episódio de agressão física sofrida no Recife/PE



Fonte: blog El Calong. Disponível em: <https://elcabong.com.br/o-episodio-de-racismo-que-fez-jackson-do-pandeiro-deixar-pernambuco/>. Acesso em 16/12/2024.

Jackson chorou durante a entrevista: “Não tive o menor apoio, nem da rádio nem do jornal. Todos diziam que eu é que tinha provocado os acontecimentos”. “Eu sou a grande vítima da (Rádio) Jornal do Comércio”, registrou a revista, em página de foto inteira:

²⁷ Jackson dá adeus ao Recife. Jornal do Comercio de Pernambuco. Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/canal/cultura/musica/noticia/2019/08/25/jackson-da-adeus-ao-recife-386387.php>. Acesso em 16/12/2024.

Figura 21: Manchete da agressão sofrida por Jackson do Pandeiro e Almira Castilho

**NA RESIDENCIA DO EX-PRESIDENTE
DO NAUTICO**

**AGREDIDO A SÔCOS E CADEIRADAS
CONHECIDO CASAL DE RADIALISTAS**

**Ameaçada de perder a vista uma das viti-
mas do massacre de ante-ontem, nos Aflitos**

Durante uma festa começada, à noite de sábado último, na residência do sr. Eládio Barros de Carvalho, á rua José Carvalheira, na Tamarineira, realizou-se um «show» com a participação de artistas de rádio, que principiou, já, de madrugada, sob grande aminação.

No momento em que o casal

vidados, um dentre estes entendeu de dirigir pilhérias pesadas á artista e chegou ao cúmulo de fazer «mão bôba», como vulgarmente costuma dizer-se.

O marido de Almira advertiu ao insolente, pedindo-lhe para que não continuasse, pois do contrário teria de agir.

O interpelado fez ouvidos de

Fonte: Arquivo pessoal

Já recuperado, Jackson do Pandeiro deixou Pernambuco prometendo nunca mais voltar. Ele e Almira foram recebidos como estrelas no Rio de Janeiro e deram uma entrevista sobre o ocorrido que saiu na revista carioca Radiolândia, periódico que cobria o sistema de celebridades das rádios.

Figura 22: Jackson explica a saída Recife/PE por conta da agressão sofrida



Fonte: Arquivo pessoal.

Assim, devido ao entreviro, o “casal fenomenal”, “dupla do barulho”, “dupla de ouro”, “dupla atração”, “dupla sensação”, “dupla-orgulho”, “casal infernal”, “dupla sapeca”, “par fenomenal”, “donos do ritmo” ou “Jarro e a Rosa”, como ficaram conhecidos, estabeleceram-se no Rio de Janeiro de 1955 a 1967 e fizeram grande sucesso. As apresentações musicais naquela Unidade da Federação e em outros estados eram sempre muito concorridas, além da participação em nove filmes que proporcionavam uma grande divulgação via cinema nacional, e programas musicais no rádio e na televisão. O sucesso perdurou de forma significativa de 1954 a meados dos anos 1960, quando da chegada da jovem guarda; do iê, iê, iê; do rock e do divórcio que os separou.

2.7 QUINTA MIGRAÇÃO: A MORTE DO MÚSICO E O RETORNO DE SEUS RESTOS MORTAIS PARA ALAGOA GRANDE – PB (2008)

Jackson do Pandeiro trabalhou, literalmente, até pouco antes da morte, ocorrida em 10 de julho de 1982, em Brasília – DF. A última apresentação pública foi um forró para os professores do Ministério da Educação e Cultura, na Associação Recreativa, no dia 2 de julho de 1982, praticamente uma semana antes de falecer. Em uma entrevista, chegou a dizer: “Vou trabalhar até o povo me aceitar e Deus quiser. Pretendo dar o último suspiro cantando” (Meire Coletti, “Quero dar meu último suspiro cantando”, O Estado, Florianópolis, 03/08/1980).

A exemplo da “Sina da Cigarra”, dedicou-se à música até o fim. Após a última apresentação pública, no dia seguinte, no aeroporto de Brasília, sofreu um coma diabético que o levou ao hospital, onde faleceu no dia 10 de julho de 1982. Seu corpo foi trasladado para o Rio de Janeiro e lá sepultado no Complexo do Caju. Anos mais tarde, o prefeito de Alagoa Grande/PB, Hildon Régis Navarro Filho²⁸ (conhecido como Bôda), ao visitar o túmulo, indignou-se com o descaso e a falta de importância dada aos restos mortais do ilustre alagoa-grandense. Propôs, então, que os restos mortais fossem transferidos para a terra natal do cantor e assim foi feito. Na data de inauguração do Memorial de Jackson do Pandeiro, o corpo do artista retornou à cidade natal, onde repousa eternamente.

O “retorno” de Jackson do Pandeiro ao seu Memorial, em sua terra natal, transformou Alagoa Grande/PB em um importante atrativo turístico, servindo como cartão postal da cidade. Essa iniciativa fomentou a rede turística local e proporcionou grande visibilidade à cultura da região. A partir do Memorial e do Pórtico do Pandeiro, Jackson do Pandeiro se tornou um verdadeiro monumento cultural, tanto para sua cidade quanto para o estado da Paraíba. Em matéria publicada no Jornal CORREIO DA PARAÍBA, em 10 de julho de 1996, o biógrafo Antônio Vicente Filho afirmou:

O Rei do Ritmo era cabeça feita na criação. O habilidoso representante das raízes culturais do povo nordestino, não ficou rico, trabalhou até os últimos dias de vida. Quando morreu tinha viagem marcada para a Europa, com vários shows confirmados para a Itália. Gravou seu último disco em 1981.

O cordelista alagoa-grandense Antônio Alves Correia Filho, mais conhecido na cidade como Tareco, presta uma bela homenagem ao conterrâneo famoso:

[...]Na entrada da cidade
Nosso cartão postal,
Para quem vem de Campina
E também da Capital,

²⁸ TV Borborema. Disponível em: <https://youtu.be/pN1sbhTJ3vM?si=34kNJpKj8mbVwKPn>, trecho 00:25s a 00:45s. Memorial que homenageia Jackson do Pandeiro atrai turistas em Alagoa Grande. Acesso em 25/08/2024.

Está lá um PANDEIRO
Representante verdadeiro
Do nosso cantor imortal
Ponto turístico lá no MEMORIAL!
Jackson do Pandeiro merece
Homenagem especial,
No rico acervo guardado
Jackson sempre lembrado
No plano espiritual.

Jackson do Pandeiro, um homem negro, pobre e autodidata, que foi alfabetizado aos 35 anos pela segunda esposa, Almira Castilho de Albuquerque, tornou-se um dos maiores expoentes da música brasileira e da cultura paraibana. Sua trajetória musical, marcada por uma versatilidade única, rendeu diversos títulos e adjetivos que refletem importância para a música popular brasileira.

Figura 23: Linha do tempo da história de vida de Jackson do Pandeiro



Fonte: Arquivo pessoal

3. O REI DO RITMO: A MEMÓRIA NACIONAL DE JACKSON DO PANDEIRO E AS CONTROVÉRSIAS QUANTO À NATURALIDADE

Jackson do Pandeiro, consagrado como o "Rei do Ritmo", é uma figura emblemática da música brasileira, cuja trajetória foi entrelaçada com a cultura nordestina e cujo trabalho contribuiu sobremaneira com a formação de uma memória nacional musical entre os artistas atuais. A naturalidade do cantor, que nasceu em 1919 na cidade de Alagoa Grande, foi causa de muitos debates que, em parte, refletem a importância simbólica do trabalho artístico e musical realizado por ele para as comunidades locais e para o Brasil como um todo. A obra transcendeu fronteiras regionais, mesclando baião, forró, samba e coco, e contribuiu para uma identidade cultural plural. Jackson do Pandeiro não é apenas um artista que se destacou em sua época, mas também um ícone que suscitou reflexões sobre pertencimento e regionalismo.

A extensa discografia composta por 137 discos (LPs e Compactos) foi lançada por grandes gravadoras nacionais da época, como: Copacabana (1953-1958); Columbia (1958-1960); Philips (1960-1965); Continental; Cantagalo; CBS; Chantecler; Polygram²⁹. É importante frisar que Jackson do Pandeiro foi um dos responsáveis pela consolidação e fortalecimento da cultura nordestina através da música no universo brasileiro da música regional que foi bastante ampliado.

²⁹ Obra de Jackson do Pandeiro pode virar patrimônio cultural imaterial. Portal Correio. Disponível em: <https://portalcorreio.com.br/obra-de-jackson-do-pandeiro-pode-virar-patrimonio-cultural-imaterial/>. Acesso em: 16/12/2024.

Figura 24: Jackson do Pandeiro - O Rei do Ritmo (Capas dos LPs)



Fonte: Blog Forró em Vinil. Disponível em: <https://www.forroemvinil.com/2013/07/12/>. Acesso em 16/12/2024.

A obra musical do mestre, mais vultosa e disponível na atualidade é a Caixa Jackson do Pandeiro (O Rei do Ritmo), que apresenta 235 faixas, em 15 álbuns, reunidas em 9 CDs. É importante frisar que das 245 faixas musicais gravadas e a disposição no acervo das gravadoras Copacabana e Philips, só 235 puderam ser liberadas uma vez que 10 faixas estão sem editoria musical, pois são de autores falecidos ou sem herdeiros diretos, além de capas originais difícilísimas de encontrar. São seis CDs duplos e três simples, apresentados neste trabalho também por ser mais fácil de encontrar no mercado. Trata-se de uma coletânea das músicas remasterizadas do cantor reunidas para promover o trabalho musical e oferecer ao público mais novo.

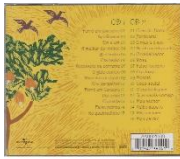
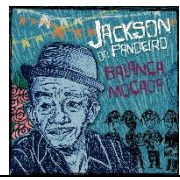
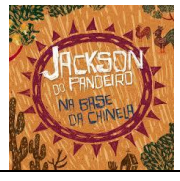
Figura 25: BOX Jackson do Pandeiro – 9 CDs³⁰

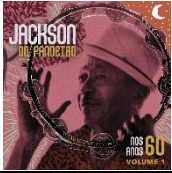
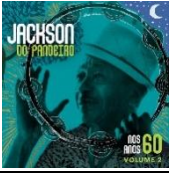


Fonte: Magazine Luiza.

³⁰ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=I95Zh5_VnjY. Acesso em 16/12/2024

Tabela 1: Discografia do Jackson do Pandeiro

JACKSON DO PANDEIRO – COLETÂNEA EM CD		
Os primeiros forrós - volume 1		
CD	Músicas	Capa
1	Forró em Limoeiro; Sebastiana; Um a Um; A mulher do Anibal; Boi Brabo; Eita Baião; Dezesete na Corrente; O Galo Cantou; Micróbio do Frevo; Vou Gargalhar; Forró em Caruaru; Pai Orixá; Cremilda; Falsa Patroa; No Quebradinho.	
2	Côco do Norte; Perdoarei; O Meu e o Seu; Me Dá Um Cheirinho; O Trabalhador; Rosa; Falso Toureiro; Ele Disse; Moxotó; Côco Social; O Canto da Ema; Te Consola Comigo; Meu Senhor; Velho Sapeca; Mão na Toca; Meu Patrão.	
Os primeiros forrós - volume 2		
CD	Músicas	Capa
1	Xote de Copacabana; Cabo Tenório; Lapinha de Jerusalém; 4 x 1 – Com Almira Castilho; O Crime Não Compensa; Côco de Improviso; Boi Tungão; Vassoureiro; Quem Samba Fica; Mamãe Sereia; Terreirada; Querer e Não Poder; O Que Era a Favela; Cajueiro; Meu Enxoval; Cumpadre João.	
Balança Moçada		
CD	Músicas	Capa
1	É Bom Demais; Vou Chorando; Na Base do Berimbau; Marcha das Tamancas; São João no Brejo; O Navio Tá Bom na Marcha; Véspera e Dia de São João; De Pé no Chão; Viva São João; Jogado na Rua; Romeu e Julieta; Rolando, Rolando; Tatu; Fuá em João Alfredo; Vamos Chegar Pra Lá; Meu Fole Velho; Canoeiro Novo.	
2	Começa Já; Este Ano Vai Ser Bom; Mané Cochilou; Balança, Moçada; Rio, São Paulo e Vice-Versa; Procurando Tu; Festa no Arraiá; O Retrato Dela; Vou Lhe Buscar; Marcha do Desprezo; A Feira; Eu Só Quero Tu; Urubu; Sete Brasa; O Gato.	
Na Base da Chinela		
CD	Músicas	Capa
1	Os Cabelos de Maria; Mazagão; Tombou o Pau; O Povo Falou; Três Pedidos; O Velho Gagá; Minha Marcação; Serenou; Boa Vida; Tipo Violão; Boi Misterioso; Papel Crepom; Veja Quem Perdeu; Vou Ter Um Troço.	
2	Frevo do Bi; Casamento Com Cheque; Na Base da Chinela; Vem, Amor; Muiê Moderna; Tô Com a Macaca; Não Sei a Hora; Lá Vem Mulher; Lá Vou Eu; São João Na Roça; Acenderam a Fogueira;	

	Assunto Novo; Beira Mar; Santa Clara Clareou; Balançaram a Roseira.	
Nos Anos 60 – volume 1		
CD	Músicas	Capa
1	Filomena e Fedegoso; Sem Cabeça; Meu Veneno; Cacungaruquê; O Trabalho Que Deu...; Sabidinha; Cantiga da Perua; Direitos Iguais; Zabumba; Semente do Bem; Aquilo Bom; Rovilo Bom; Dá Eu Pra Ela; Empatou...; Dr. Boticário; Rojão de Brasília; Língua Ferina; A Mulher Que Virou Homem; Nem o Banco do Brasil.	
2	Carta Pro Norte; Proibido No Forró; Criando Cobra; Lição de Taboada; Bumba Meu Boi; Vou Me Casar; Caso de Polícia; Jaraguá; Com Muita Razão; Urubu Molhado; Imagem do Cão; Rodopiô; Passe na Lapa; Xexéu de Bananeira; Desamparado; O Desordeiro; Como Tem Zé na Paraíba.	
Nos Anos 60 – volume 2		
CD	Músicas	Capa
1	Carreão; O Xodó do Sanfoneiro; Lei da Compensação; Fole Remendado; Maria do Angá; Chuvão; O Protetor; Sonata no Frevo; Viola Afinada; Não Sou Sapateiro; Samba do Ziriguidum; Saia da Rôta; Entra na Roda; O Pau Rolou; Não Vou Chorar; Jacaré Bebeu; Queimada de Judas.	
2	A Onda Passou; O Samba Melhorou; É de Lei; A Cadeira do Rei; Vai Levando; O Morro Cai; Twist, Não; Garoto de Caculé; A Base de Bala; Cabra Feliz; B-A-BÁ; Scratch de Ouro; Forró do Zé Lagoa; O Baleeiro; Ginga da Mulata; Madalena; O Vento.	
Nos Anos 60 – volume 3		
CD	Músicas	Capa
1	Quem Não Sabe Beber; Tem Jabaculê; Olha o Vento; Eu Vi o Sassaruê; De Lascar o Cano; Sambado Birim Bim Bim; Forró em Casa Amarela; Dia de Bejada; Capoeira no Baião; Comigo Não; A Saudade Dói; Rio Quatrocentão; É Só Balanço; Meu Berimbau; Preguiçoso; Ai, Tertulina; Vou Ver Papai Noel.	
2	Olê do Flamengo; Só Ficou Fará-Fa-Fá; Balanço do Frevo; Sarrabulho; O Balanço Vai; Atum; Babalaô; O Assunto é Bebimbau; Lamento de Jangadeiro; No Balanço do Balaio; Maré Vai; Tililingo; Comprei um Berimbau; Cheguei Agora; Rosalina; O Bom Xaxador.	
Aqui tô eu		
Ano	Músicas	Capa

	Meu Passarinho; Maria da Pá Virada; Chiclete Com Banana; Tenha Dó De Mim; A Mulher do Aníbal; Pombo-Correio; Quebra Galho; Mana, Cadê Meu Boi; Aqui Tô Eu; Sebastiana; O Solteirão; O Canto da Ema; Curandeiro; Xodó de Motorista.	
Isso é que é forró		
Ano	Músicas	Capa
	Cabeça Feita; Tem Pouca Diferença; Herança de Meu Pai; Mãe Solteira; Samambaia Trepadeira; Eu Vou Pra Lá; Competente Demais; Quem Tem Um Não Tem Nenhum; Mundo Cão; São Tomé; Bola de Pé em Pé.	

Fonte: Blog Forró em Vinil. Disponível em: <https://www.forroemvinil.com/fotos/capas-do-jackson-do-pandeiro/>. Acesso em 16/12/2024.

O Box ainda traz um resumo de vida e obra do artista e 235 músicas preenchendo uma lacuna inestimável na cultura musical brasileira. Outra coisa interessante dessa caixa é o fato de haver mais de 60 faixas avulsas de compactos e principalmente de discos dedicados às festas juninas e ao carnaval. Toda a obra pode ser ouvida na íntegra no aplicativo “Spotify”³¹.

JACKSON NO CINEMA

Mais uma vez, conforme escreveu Érico Dutra Sátiro Fernandes³²:

Entre os anos de 1956 a 1962, período em que gozou de grande popularidade, Jackson do Pandeiro participou de diversas produções cinematográficas, apresentando, em sua grande maioria, números musicais. O único filme em que integrou o elenco como ator foi a comédia “Minha sogra é da polícia”, de 1958, onde interpretou o cômico personagem Biriba, atuando ao lado de nomes como Violeta Ferraz, Wilza Carla e Costinha. Nas demais produções Jackson apresentava quadros musicais, participando também de um documentário sobre a noite do Rio de Janeiro.

Além desses filmes, Jackson do Pandeiro também participou, juntamente com Almira de Albuquerque Castilho, da trilha sonora de vários outros. O mais importante deles, para a obra do Rei do Ritmo, foi o premiado “O amuleto de Ogum” (1974), que se encerra ao som de Jackson cantando ‘Reverendo Amigos’ (Jards Macalé/Waly Salomão), gravada especialmente para a ocasião. A trilha dessa película também contém a música ‘Sim ou Não’, interpretada pelo

³¹ Disponível em: <https://open.spotify.com/track/2iRKert2lTVmyltpPhh2Jz?si=vOLQRQuHNVpyMYJo7Q>, acesso em 16/12/2024.

³² Jackson no cinema, Revista Genius, ed. julho/agosto 2019, p. 23

próprio autor, Geraldo Gomes Mourão, o Cícero, irmão de Jackson do Pandeiro (que faz a segunda voz na canção). Outras produções de Jackson que foram incluídas na trilha sonora:

Tabela 2: lista de filmes

Ano	Filme	Música	Compositor (es)
1956	Tira a mão daí	No Quebradinho	Marçal Araújo/José dos Prazeres
1958	Minha sogra é da polícia	-	-
1958	O batedor de carteiras	Querer e não poder	Aparecida, Jackson, Jorge Castro
1959	Cala a boca Etelvina	Fantasia Nordestina	Luiz Gonzaga/Humberto Teixeira
1959	Aí vem a alegria	Vou buscar Maria	Jackson/Severino Ramos
1960	Pequeno por fora	De araraê	Jackson/José Batista
1961	O viúvo alegre	Minha marcação	Jackson/Avelino Cavalcanti/Uzias Silva
1962	O bom mesmo é carnaval	Vou ter um troço	Arnô Provenzano/Jackson/Otolino Lopes
1962	Rio à noite	A capital do samba	Documentário sobre a vida noturna carioca
1975	Pedro Bó, o caçador de cangaceiros	Coco do Norte	Rosil Cavalcanti
1985	Bajado: um artista de Olinda	Sou eu o teu amor	(Alceu Valença/Carlos Fernando), em dueto com Gilberto Gil
2002	Deus é brasileiro	O Canto da Ema	João do Vale/Alventino Cavalcanti/Ayres Viana
2003	Benjamim	Sebastiana	Rosil Cavalcanti
2003	Raízes do Brasil II	Ele disse	Edgar Ferreira
2003	Pelé eterno	O Rei Pelé	Jackson do Pandeiro/Sebastião Batista

Fonte: Blog Forró em Vinil. Disponível em: <https://www.forroemvinil.com/textos/fatos-e-curiosidades-sobre-a-vida-e-obra-de-jackson-do-pandeiro-texto-de-erico-satiro/>. Acesso em 16/12/2024.

Destaque para o filme *Minha sogra é da polícia*, do ano de 1958, no qual Jackson do Pandeiro atua como ator e interpreta um personagem chamado Biriba.

Em 1978, Jackson do Pandeiro foi também tema de um pequeno documentário, um cine clipe intitulado “A brasa do norte”, dirigido por Ivan Cardoso. Já em novelas, teve a canção “A Feira” (Nonato Buzar/Mônica Silveira) incluída na trilha de ‘Pigmalião 70’, exibida pela Rede Globo em 1970. E há, ainda, o trailer do filme ‘Jackson – Na Batida do Pandeiro’ de Cacá

Teixeira e Marcus Vilar, Produção de Heleno Bernardo³³ que deverá ser lançado em circuito nacional em 2025.

3.1 A GRANDEZA DO REI DO RITMO NO CENÁRIO NACIONAL DA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA

Após a Segunda Guerra Mundial a influência da língua inglesa passa a ter muita força na vida dos brasileiros, e as músicas cantadas em inglês, então, passam a fazer grande sucesso. Dessa maneira, vários cantores brasileiros em início de carreira foram lançados no mercado musical cantando em ‘inglês’ por não terem espaço no mercado nacional. Esses cantores que utilizavam a língua estrangeira ao longo do final da década de 1960 e durante a de 1970 eram bem mais valorizados que os outros, que cantavam na língua portuguesa. Isso pode ser constatado no link³⁴.

Em 1974, Jackson do Pandeiro chama a atenção para o fato da música estrangeira³⁵ ter muito mais aceitação e incentivo nos meios de divulgação da época: “Mesmo com a perseguição da música estrangeira, eu aguentei a barra durante doze anos. Eu e o Luiz Gonzaga. Nunca parei de fazer gravações, mesmo com a perseguição do iê-iê-iê”.

Jackson migrou para diversas cidades deste imenso país e trouxe elementos folclóricos e populares como nenhum outro cantor. Esse fato pode ser constatado na sua vasta produção musical, pois seja como compositor ou como intérprete, ele divulgou e defendeu elementos característicos das mais variadas localidades. Assim, nas entrevistas e nos depoimentos dados ao longo de sua carreira, fez uma constante defesa da música regional, para não dizer simplesmente brasileira e vivenciou como ninguém a forte presença da música estrangeira ocupando espaços até então existentes para divulgação da produção nacional. O depoimento abaixo ilustra o início da carreira na Rádio Jornal do Commercio em 1953:

Olha, nesses 35 anos que eu passei tocando, desde moleque 13, 14, 15 anos tocando pandeiro e cantando em todo canto... tocando mais cego na feira, o diabo tudo eu fazia... meu negócio era gostar de ritmo. Eu queria era fazer ritmo. Não tinha conversa. E, depois de 35 anos eu consegui achar o que eu devia gravar. E, eu gravei. Olhe, eu fiz um sucesso muito grande, numa revista carnavalesca lá na Rádio Jornal do Commercio, em Pernambuco. Eu tocava pandeiro no Regional. Eu tocava pandeiro

³³ Disponível em <https://youtu.be/ZF7zhOoTuXM?feature=sheared>. Trailer Jackson na batida do pandeiro. In-Edit Brasil. Acesso em 15/12/2024.

³⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?si=KSdTDtCIImOzLzHsk&v=BlGm4gyBekY&feature=youtu.be>. Acesso em: 16/12/2024.

³⁵ Informação disponível no tempo 05:10s a 05:34s do vídeo “Jackson do Pandeiro - Documentário raro”. Parte 1 no Canal Mpbmusikavideos. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ELlqnGrxY_E. Acesso em: 16/12/2024.

no Regional e tocava pandeiro na Orquestra. Dr. Pessoa disse: Não. Eu vou colocar esse neguinho todo vestido de branco. Aí, me compraram um chapéu branco, calça, paletó, cinturão, tal... e eu fui pra lá pensando: “será que Dr. Pessoa quer me fazer de Zé Pelintra (figura do folclore nordestino)”³⁶.

Com a declaração acima, realizada em um programa de televisão – na TV Educativa do Rio de Janeiro, nos anos 1970, Jackson respondeu ao questionamento do ator Grande Otelo sobre o início de sua carreira fonográfica. Porém, o mais significativo nesse depoimento é que Jackson estava reafirmando um discurso sobre ele próprio relacionado à(s) ideia(s) de ‘ritmo’ que remonta aos primeiros anos de sucesso de sua carreira artística. Assim, os discursos não são apenas conjuntos de signos, mas atuam nas relações sociais, culturais e históricas.

Portanto, vê-se que, com a afirmação: “o meu negócio era gostar de ritmo, eu queria fazer ritmo, não tinha conversa!”, além de definir um traço de sua identidade, Jackson estava enunciando um discurso que agia no sentido de situar seu papel e sua trajetória no campo da música popular brasileira. Foi principalmente a partir deste elemento referencial, o ‘ritmo’, que seu nome ficou inscrito na memória da cultura brasileira. Mas, a operação simbólica de vincular ‘Jackson do Pandeiro’ e ‘ritmo’ teve aspectos que foram além do desempenho virtuosístico do artista como percussionista e cantor de ‘divisão’³⁷ impressionantes, ou mesmo da multiplicidade de gêneros musicais por ele interpretados ao longo da carreira. Essas características marcantes da identidade artística de Jackson do Pandeiro foram percebidas pela indústria fonográfica – que soube explorá-las lucrativamente, mas, que também contribuiu ativamente, principalmente durante os primeiros anos de sucesso da carreira do artista, para a construção e consolidação de sua imagem, tornada ‘mito’ na figura do ‘Rei do Ritmo’.

É importante ressaltar que ele, Jackson, tinha uma característica interessante que era a de apresentar-se com outras vozes, vários instrumentos e, no início da carreira, acompanhado de parceiras que dançavam. Compondo, assim, apresentações como verdadeiros espetáculos.

Geralda Miranda, sobrinha de Jackson do Pandeiro, no vídeo dá um depoimento surpreendente sobre a desenvoltura da ‘dupla fantástica’³⁸: “Ela, Almira Castilho de Albuquerque, tinha sim uma graciosidade no dançar, muito ritmo nos passos. Ele, Jackson do Pandeiro, tinha muito ritmo nas pernas. Ele fazia contratempo dentro da música até com as pernas”.

³⁶ Disponível em https://youtu.be/ELlqnGrxY_E?si=6QNXdx2ZHrZGJZ. Informação disponível no tempo 00:34s a 01:15min. Acesso em: 15/12/2024.

³⁷ Disponível em: <https://vimeo.com/29522367>, Fernando Faro, diretor do programa MPB Especial TV Cultura: “Ele faz coisas no pandeiro fantásticas, ele faz coisas cantando fantásticas. Ele adianta, atrasa. Brinca com isso”. acesso em 16/12/2024 nos trechos 08:42min a 08:55min.

³⁸ Disponível em: <https://youtu.be/gg5djtaps?si=90Gtie1MHqXRQG2j>, acesso em 16/12/2024 aos 13:37s aos 13:52s

O músico Bira Delgado³⁹ declara:

O título que deram a Jackson do Pandeiro que hoje nós reconhecemos como o ‘Rei do Ritmo’ porque ele saía do coco, do rojão, entrava no maxixe, no samba e se saía muito bem em todos esses ritmos. E, eu me lembro que assistindo a um show de Jackson do Pandeiro na televisão, a minha televisão estava sem som e eu não queria perder e assisti ao show todinho de Jackson sem som. Mas, entendia todas as músicas que Jackson cantava justamente por conta dos gestos que Jackson usava não só no seu rosto, na boca, nos olhos, nas mãos, nos pés, no corpo como um todo. Eu senti que Jackson ultrapassava com a sua musicalidade como também como ator em cima do palco”.

Ainda no mesmo vídeo veiculado no youtube.com, o outro músico Zé Badú, expressa⁴⁰ os seguintes comentários sobre o Rei do Ritmo:

Ele conseguiu de uma maneira única sintetizar, juntar e interpretar ao mesmo tempo a malandragem do samba carioca com o molejo dos cocos, das feiras, do rojão e criando, unindo isso ao jeito de criar sua própria interpretação com uma voz afinadíssima.

Complementando o pensamento acima, na biografia em cordel Jackson Coração de Pandeiro o autor escreveu, (Júnior, F., 2023, p. 62):

Jamais haverá na Terra
Gênio tão fenomenal
Partia e colava o ritmo
De maneira colossal
O povo ouvindo exclamava:
É desígnio divinal.

No início dos anos 1960 já se consolidava a ligação entre a imagem do artista e o ‘ritmo’, com repercussão ao longo de toda a trajetória artística, ressoando mesmo depois de sua morte como elemento distintivo e valorativo na cultura musical brasileira. É importante ressaltar que desde cedo Jackson do Pandeiro esteve ligado à música e, especialmente, aos aspectos rítmicos. Porém, as informações memorialistas e históricas sobre ele parecem filtradas por um discurso mitificado que procura justificar sua presença na memória da cultura popular ao invés de buscar compreender por que ou como a figura do músico é assim apresentada no interior da cultura brasileira. Talvez porque desconheçam que na passagem por Campina Grande/PB ele chegou a representar o palhaço no mamulengo e ser chamado, até, de Palhaço Parafuso!

Assim, é importante perceber como somando-se ao talento pessoal do artista, vê-se a performance instrumental e vocal. Essas características dele são apresentadas como

³⁹ Disponível em: <https://youtu.be/gg5djtpjaps?si=GGMESeiyPD5pMBtN>. Informação no trecho 12:24s a 13:12s. Acesso em: 16/12/2024.

⁴⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gg5djtpjap>. Jackson do Pandeiro uma identidade nacional. Informação no trecho 10:53s a 11:13s. Acesso em: 16/12/2024.

virtuosística na música popular brasileira e nas ações de agentes externos ao processo criativo, como as gravadoras de discos pelas quais passou que foram determinantes na propulsão dessa imagem. A trajetória do artista se situa num papel no campo simbólico da cultura brasileira.

Outros dois elementos distintivos da identidade musical de Jackson do Pandeiro, o riso e o humor, transparecem de diversas formas: cinema, apresentações musicais nos mais diversos meios, como se vê nos diversos filmes em que participaram, ele e Almira Castilho, nos programas que tinham no início da televisão brasileira e que migraram de forma extraordinária do rádio para a TV. Desse modo, seja aonde fosse, Jackson do Pandeiro e Almira Castilho estavam prontos para divertir o público brasileiro com suas performances. Na Rádio Nacional eram conhecidos como casal alegria porque no camarim divertiam muito a todos e nas suas apresentações se comportavam da mesma forma. Assim afirmava Paulo Gracindo e todos os artistas que estavam presentes a Rádio Nacional ou qualquer outra apresentação corroboram⁴¹.

Jackson do Pandeiro, com talento e humildade, muitas vezes destacada nos depoimentos e entrevistas de inúmeros artistas, conquistou o público e um lugar ao lado dos grandes mestres da música brasileira. O legado musical por ele deixado tem sido admirado e redescoberto, e apresenta pérolas a serem estudadas. Ele adquiriu inúmeros admiradores, como o próprio Gilberto Gil, que em entrevista ao Documentário Mosaicos – A Arte de Jackson do Pandeiro, relatou: “Uma voz única, um modo de pronunciar extraordinariamente próprio”. Dezesesseis anos após a morte, Jackson é agraciado com um prêmio e vários intérpretes e admiradores comparecem ao evento⁴²:

Grandes nomes da MPB lhe devotam admiração e já gravaram seus sucessos. Depois do tropicalismo decretou não ser pecado gostar do passado da música brasileira, principalmente, a de raiz nordestina. Em 1998, Jackson do Pandeiro foi o grande homenageado no 11º prêmio Sharp de Música. Sua influência é até hoje sentida em artistas que regravam as suas músicas que ele celebrizou, como “O Canto da Ema”, gravada por Lenine, “Na Base da Chinela” por Elba Ramalho, “A Mulher do Aníbal” por Chico Buarque e Zeca Pagodinho, ou “Um a Um” pelo Paralamas do Sucesso.

‘Cigarra’, ‘voz única’... assim vão sendo construídas as representações em torno do nome do artista pelas vozes daqueles e daquelas que com ele conviveram, aprenderam, trabalharam juntos e, mesmo os que não desfrutaram de sua presença física, reforçam determinadas facetas de sua musicalidade.

Há vários livros e muitas publicações que tratam sobre a vida de Jackson do Pandeiro ou fazem referência a sua trajetória artística e musical, sendo possível mencionar alguns.

⁴¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=y3OFYUJ0c0U>. De Lá Pra Cá – Jackson do Pandeiro. Direção: Cristina Carvalho. Produção: Dea Barbosa. TV Brasil, 2009, trecho: 01:24s a 02:40s. Acesso em 16/12/2024.

⁴² Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq15059831.htm>. Acesso em: 04/08/2024.

Tabela 3: Livros e publicações que tratam sobre Jackson do Pandeiro

Ano	Livro/publicação	Autor	Editora
-	A História da Previdência Social	Geraldo Gomes Gattolini	Calíope
1998	Alagoa Grande e sua história 1865 - 2000	José Avelar Freire	Ideia
2010	Coleção Folha Raízes da MPB - Vol. 15	Kiko Ferreira	Media Fashion
2011	A Musicalidade de Jackson do Pandeiro	Inaldo Soares	IGP
2012	Vida do Viajante: A Saga de Luiz Gonzaga	Dominique Dreyfus	Editora 34
2013	Os Reis da Voz	Ronaldo Conde Aguiar	Casa da Palavra
2015	Pra dançar e xaxar na Paraíba: Andanças de Rosil Cavalcanti	Rômulo Cavalcanti Nóbrega e José Batista Alves	Gráfica Marcone
2019	Jackson do Pandeiro 100 anos do Rei do Ritmo	Fernando Moura	A União
2019	50 Contos Reais – na casa do Rei	José Guedes Guimarães	Lídia Gráfica e Editora LTDA
2022	Jackson do Pandeiro de A a Z	Sandrinho Dupan	Meroveu Editora
2023	Jackson do Pandeiro - O ritmo na palma da mão	Deribaldo Santos	Giostri Editora
2023	Pelas ruas que andei: uma biografia de Alceu Valença	Júlio Moura	CEPE Editora

Nessas obras, Jackson do Pandeiro recebeu muitas menções e declarações de escritores, historiadores, jornalistas e artistas que reconheceram o seu talento e a sua versatilidade musical. Alguns desses depoimentos ou citações de artistas famosos foram registrados em livros publicados e selecionados na íntegra para menção neste trabalho, de maneira a demonstrar o respeito e o reconhecimento da importância do artista para a cena musical brasileira.

Tabela 4: Citações/Depoimentos de artistas famosos

Artista	Livro/Publicação	Citações/Depoimento
Alceu Valença	Jackson do Pandeiro 100 anos do Rei do Ritmo. Pag. 35.	“A diferença que eu sinto dele e do Luiz Gonzaga, é que ele é mais malandro. Ele chega perto do samba, do morro. Foi com Jackson do Pandeiro que aprendi a dividir melhor, a cantar com mais ritmo, a valorizar as palavras. Foi Jackson que me despertou mais isso. Depois de Jackson eu comecei a cantar forró. É muito difícil cantar música de Jackson, porque eu acho que ele fez tudo que poderia ser feito em música”.
Marcos Suzano	Jackson do Pandeiro 100 anos do rei do ritmo. Pag. 37.	“Jackson do Pandeiro possuía uma concepção bacana, com umas quebradas modernas. Ao mesmo tempo, usava uns pandeiros de <i>nylon</i> , baratos, mas tocava feito um demônio. Na minha opinião deve ter sido o maior pandeirista brasileiro de todos os tempos

Aldir Blanc	Jackson do Pandeiro 100 anos do rei do ritmo. Pag. 37.	“Se algum músico pode ser chamado de seminal no Brasil é Jackson do Pandeiro. Ele foi o ponto de partida e uma referência para muitos músicos que estão hoje aí. Os meus dois parceiros, Guinga e João Bosco, são um exemplo disso. Eles foram influenciados diretamente pelo trabalho de Jackson, que, além de ótimo músico, era um extraordinário letrista. Aliás, estou escrevendo a letra para uma música que o Guinga me mandou em homenagem a ele. Vai chamar-se <i>Influência de Jackson</i> ”.
Chico César	Jackson do Pandeiro 100 anos do rei do ritmo. Pag. 37.	“Ele está, para mim, no Olimpo da música brasileira. Reinventou o samba e o coco. Eu, João Bosco e Lenine somos herdeiros dele. O Jackson era um cara que tinha um jeito superbrasileiro e autêntico de cantar”.
Elba Ramalho	Jackson do Pandeiro 100 anos do rei do ritmo. Pag. 37.	“Na minha opinião existem duas escolas de canto no Brasil: a de João Gilberto e a de Jackson do Pandeiro. Eu tive o privilégio de conviver com Jackson e ser amiga dele. Foi o meu grande professor ao lado de Gonzagão. Os dois sempre gostaram muito do meu trabalho. Jackson tocou em quase todos os meus primeiros discos”.
João Bosco	Jackson do Pandeiro 100 anos do rei do ritmo. Pag. 38.	“Sempre fui fascinado por ele. A gente tinha um projeto de fazer vários shows juntos pelo país, mas acabou não dando certo por causa da falta de grana. Tive a oportunidade de dizer ao Jackson o quanto admirava o seu trabalho. Gravei uma música em homenagem a ele – <i>Batiumbalaio, Rockson do Pandeiro</i> . Coloquei “Rockson” porque achava que o som dele tinha muito de <i>rock and roll</i> . O samba de Jackson já vinha com <i>bebop</i> . Acho que a música dele tem de ser mais divulgada, principalmente para os músicos mais jovens. Fico imaginando como ficaria maravilhoso esses grupos de rock pauleira gravando com influência do coco de Jackson”.
Moraes Moreira	Jackson do Pandeiro 100 anos do rei do ritmo. Pag. 38.	“Ele encarnava toda aquela coisa da música nordestina, o ritmo, a energia e o suingue. É claro que fui influenciado pelo trabalho dele, aliás acho que todos os músicos da minha geração também foram. Era um grande cantor e um excelente tocador de pandeiro. Jackson interpretando “Chiclete Com Banana” é simplesmente maravilhoso”.
Zé Ramalho	Jackson do Pandeiro 100 anos do rei do ritmo. Pag. 39.	“Fui muito influenciado por Jackson. Tinha uma grande voz, era uma espécie de João Gilberto do forró. Fiz um show ao lado dele em 1976, no Teatro João Caetano, no Rio, e fiquei impressionado com o ritmo e a energia dele em cima do palco. O sobrinho dele, o José Gomes, que herdou o nome do tio, toca pandeiro na minha banda há muito tempo”.
Lenine	Jackson do Pandeiro 100 anos do rei do ritmo. Pag. 40.	“O maior percussionista de boca que o mundo já produziu fez o link do coco com o samba. Fez a ponte

		entre o Nordeste e o Rio. ‘Tudo é coco’, dizia Jackson. Para mim, tudo é Jackson. E priu”.
Luiz Gonzaga	Vida do Viajante: A Saga de Luiz Gonzaga. Pág. 275.	“Jackson do Pandeiro foi no rojão e soube explorar muito bem. Até hoje não apareceu ninguém com o desenho de Jackson. Ele tinha um ritmo perfeito, tinha uma coisa que era difícil imitá-lo. Agora tá assim de forrozeiro tentando imitá-lo! A gente era muito amigo, mas eu nunca toquei com ele porque quando o cara é bom, a gente só tem mesmo é que ficar calado”.

No programa de Lá Pra Cá da TV Brasil⁴³, Geraldo Azevedo comentou sobre a importância de Jackson do Pandeiro, chegou a classificá-lo como:

Jackson é uma figura que tem uma importância muito grande, ele, juntamente com Luiz Gonzaga são os dois mentores da música nordestina, não tem ninguém que represente mais do que eles dois. E Jackson do Pandeiro tem essa história fantástica até ligado ao cinema, né, tem uma coisa também porque ele foi da Atlântida, fez aqueles filmes com o Oscarito...aquelas coisas todas, então ele tem uma relação muito grande com a cultura brasileira, não só na música mas no cinema também [...] agora em termos de música, ele foi um inovador, um renovador, um revolucionário porque na medida que ele transformou os ritmos nordestinos numa coisa muito característica dele assim, pessoal, e dando uma dimensão de uma riqueza...foi uma coisa fantástica, e olha que Jackson mudou tudo, é tanto que o próprio João Gilberto se refere a ele como um dos influenciadores dele na maneira dele cantar, nas divisões...da métrica das músicas, porque ele tem um jeito de cantar todo dividido, as palavras, então, aquilo ali foi uma escola que ele transformou pra muita gente. Eu mamei daquelas... daquelas tetas musicais.

Nota-se a partir da fala de Geraldo Azevedo, expoente da música regional nordestina, tal qual Jackson, as marcas de ‘inovador’, ‘renovador’, ‘revolucionário’, aquele que ‘mudou tudo’. Recorrentemente essas imagens do ‘Rei do Ritmo’ vão sendo consolidadas, assim como a referência ao artista ‘exigente’.

Neuza Flores dos Anjos, a última companheira que conviveu com Jackson do Pandeiro de 1967 a 1982, ao dar uma entrevista⁴⁴ aos alunos da Escola Sesquicentenário de João Pessoa, em 19 de setembro de 2019, ao responder à pergunta de Natália de Moura Reis sobre a exigência dele com os músicos nos ensaios e nos shows dá a seguinte resposta:

“Sim, ele era bem exigente! Ele gostava das coisas bem certinha. Ele ia ensaiar com o pessoal e enquanto não estivesse tudo bem justinho, do jeito dele, do jeito que ele queria, ele não parava de ensaiar não. Ficava ali, testando, tocando, oh! Eh!”

⁴³ Disponível em: <https://youtube.com/watch?v=y3OFYUJ0c0U>. De Lá Pra Cá – Jackson do Pandeiro. Direção: Cristina Carvalho. Produção: Dea Barbosa. TV Brasil, 2009, trecho: 00:29s a 02:08s. Acesso em: 16/12/2024

⁴⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FFkYaAGgXpg>. Entrevista com Neuza Flores, com informação no trecho 05:28s a 05:58s. Acesso em: 16/12/2024.

Ainda na entrevista que dera aos estudantes da Escola Sesquicentenário em João Pessoa no dia 19/09/2019, a companheira de Jackson do Pandeiro, Neuza Flores dos Anjos, falou ao estudante Bento Santiago do 7º ano B, sobre a percepção dela quanto ao movimento da Jovem Guarda a respeito da onda do iê, iê, iê, em meados dos anos 1960, ter atrapalhado a carreira dos artistas nordestinos, uma vez que isso resultou no fato de Jackson do Pandeiro e Luiz Gonzaga terem ficado de fora das programações das rádios e TVs.

Sim, atrapalhou e muito. Nessa época, meu filho, muitos artistas ficaram sem trabalhar. Venderam os instrumentos porque não tinham aonde ir, não tinham onde trabalhar para trazer o pão para os filhos. Aí tiveram que abandonar tudo para poder encontrar um emprego. Um artista igual a Jackson do Pandeiro e Luiz Gonzaga e outros que já eram consagrados mesmos ainda encontravam um show para fazer, uma viagem. Mas, tinha muita gente que sofreu muito.

Geraldo Azevedo, que juntamente a Alceu Valença frequentou a casa de Jackson do Pandeiro em Olaria, no início da década de 1970, no subúrbio carioca, descreve o que via no dia a dia de ensaios:

Ele era uma pessoa que estudava o que fazia. Ele não improvisava demais. Era cada coisa no seu lugar. Muito exigente. Um por um, cada músico que tocava ele sabia o que fazia e sabia o que queria que fizessem. Era uma pessoa que tinha consciência de toda a orquestração ao seu redor. Era um homem de orquestra. Pra mim, ele foi um mestre.

E, ainda, na citação seguinte de Geraldo Azevedo há a descrição de algo incrível: “Eu assisti, muitas vezes, Jackson ensinando Severo como tocar sanfona. Ele não tocava, mas ensinava”. José Severo da Silva que é o último sanfoneiro que tocou com Jackson de 1969 a 1982, diz que: “O cabra tinha que ser muito burro se não tocasse o que ele queria, ele explicava tudo direitinho”.

Outras percepções de quem foi Jackson do Pandeiro, veiculadas por meio da mídia impressa⁴⁵, no final da década de 1940, impressionam, tal qual a imagem de “homem-orquestra” pelo domínio na percussão:

Jackson do Pandeiro, como é sabido, toca pandeiro. Um ritmista formidável, desde os seus tempos da Parahyba que não faz outra coisa. Um dia, o baterista Bôto deixou a Jazz Paraguary e era preciso arranjar um substituto imediato. Quem entraria para o posto? Falou-se em muitos nomes e, finalmente, o indicado foi Jackson do Pandeiro, que na primeira noite que se sentou diante da bateria, assombrou a todo mundo. Jackson do Pandeiro é ainda um bom violonista, acompanhando os seus sambas, tocando igualmente para os outros. Certa vez disseram a seu respeito: Jackson do Pandeiro é o homem-orquestra. Em seu gênero há poucos artistas que merecem a mesma classificação. Sob todos os aspectos, Jackson pode ser apontado como o maior cantor de samba ritmados do norte do país.

⁴⁵ Jornal do Commercio. Recife/PE, 25/12/1949.

Na edição da Revista do Rádio/RJ, do dia 08/05/1954, na coluna semanal, Manezinho Araújo dá as boas vidas ao ‘conterrâneo’ Jackson do Pandeiro⁴⁶ e reforça a ideia do cantor inédito, original, genuíno em Jackson:

Aí está o novo disco do meu conterrâneo Jackson do Pandeiro. Vem com a mesma explosão do seu ‘Forro em Limoeiro’. Vai fazer brilhante carreira, não resta a menor dúvida. Qual o segredo de Jackson? Qual a técnica usada para seu sucesso, o porquê do seu agrado, a atração popular dos seus discos? Tudo se resume nisso: Jackson é puramente típico. Não sofreu ainda nenhum burilado, é água da fonte, é pedra bruta, é luz de carbureto. Suas melodias não passaram pela ciência dos eruditos, são originais, têm cheiro de mato, sabor de engenho, pinceladas do nordeste brabo. Aqui, todos procuram fazer o melhor. Jackson do Pandeiro não se preocupa com isso. Aprende o refrão de um coco bruto, abre a garganta e sai uma gostosura: simples, sem máscaras, sem artifícios. Ai então, todo mundo gosta...Vivôoo.

O motivo de chamar Jackson do Pandeiro de homem-orquestra? Pergunta interessante e que ao longo da pesquisa foi verificada em alguns textos e vídeos. E, em praticamente todos, vinha a resposta sintetizada em uma palavra: competência!

O que alguns músicos não entendiam era a capacidade de adequação de Jackson do Pandeiro a qualquer ritmo que lhe aparecesse pela frente. Parecia impossível e incompreensível que pudesse fazer bem todos eles. Para explicar isso, o pandeirista usava de ironia⁴⁷: “Eu tenho um balanço meio chatinho que serve pra toda época. A turma se liga porque, a não ser sambacção, pego de todo lado. De frevo a música de terreiro. Música que tem balanço no Brasil, faço todas elas. E o coco é o pai do negócio”. E, quem externaliza bem essa admiração e questionamento quanto a capacidade musical de Jackson é o próprio Bezerra da Silva, na obra *O Rei do Ritmo* (Moura e Vicente, 2001, p.260). Ele se recordaria de Jackson do Pandeiro com carinho e benevolência. O que não é muito do seu perfil de ‘malcriado’, ‘mal-educado’, ‘mal traçado’..., como costumava dizer:

Jackson foi um cara que a natureza favoreceu, né? Ele ultrapassou a barreira do som. Eu nunca vi aquilo não. E olha eu tenho ritmo pra cacete. O homem era o diabo. A gente ficava olhando ele tocar assim... e dizia: porra, como é que esse cara pode fazer isso? Era um gênio, um fenômeno, ultrapassava o limite... E ele não gostava de humilhar ninguém, era um cara muito humilde, procurava ajudar a Deus e o mundo.

Em 25/12/1949, o *Jornal do Commercio* publica uma matéria intitulada: *Notícia do sambista Jackson do Pandeiro*, e enaltece a simplicidade, competência e modéstia do artista:

Jackson do Pandeiro é um dos cantores mais aplaudidos do ‘cast’ do Rádio Jornal do Commercio, embora a publicidade em torno do seu nome não seja feita com muita frequência, coisa que se deve mais a ele próprio do que a qualquer outra pessoa. De

⁴⁶ Disponível em https://memoria.bn.gov.br/pdf/144428/per144428_1954_00243.pdf. Acesso em: 04/08/2024

⁴⁷ Disponível em: O Globo, Rio de Janeiro, 24/09/1976 (Margarida Autran, “Já me chamaram para gravar ritmo estrangeiro, mas eu só faço Brasil mesmo”).

saída, Jackson do Pandeiro é o tipo do artista modesto. Nunca fala de si próprio e, ainda, nunca fala de ninguém. Chega no rádio, olha a tabela, se está escalado, vai ensaiar o programa, se não está escalado, nada feito. Há outros artistas que insistem, pedem, mostram que estão ali e estão sempre prontos a sugerir seu nome para os programas. Jackson do Pandeiro, não. —Se fosse pedir — ele costuma dizer — acho que nunca alcançaria nada... —E por quê? —Porque não sei pedir.

O PRIMEIRO CANTOR

Em seu gênero há poucos artistas que merecem a mesma classificação. Sob todos os aspectos, Jackson do Pandeiro pode ser apontado como o maior cantor de sambas ritmados do nordeste do país. Ele, porém, pensa de outra maneira: —A gente faz o possível para agradar. Desde que comecei a cantar ao microfone do 'Rádio Jornal do Commercio' venho sentindo que estou fazendo progressos em minha carreira artística.

ANTES UMA DUPLA

Jackson do Pandeiro começou a cantar em dupla, na Parahyba, uma dupla que sempre merecia aplausos pela qualidade dos números. —Trabalhei muitos anos com a dupla, até que meu parceiro viajou para o sul do país. Desde esse dia, encerramos as nossas audições e eu voltei a tocar meu pandeiro. Quando recebeu o convite para integrar a Jazz Paraguary, no 'Rádio Jornal do Commercio', Jackson não tinha certeza se passaria a cantar ou não. Se alguém se lembrasse de chamá-lo, ele aceitaria.

Figura 26: Nota de jornal falando sobre o Jackson do Pandeiro



Fonte: arquivo pessoal.

Chico César, paraibano de Catolé do Rocha, grande cantor e admirador do mestre Jackson do Pandeiro, dá um depoimento⁴⁸ significativo sobre o alagoa-grandense, a forma como ele adiantava e atrasava o ‘tempo da música’:

Jackson era o mestre do suingue, o homem ritmo, o homem orquestra, o rei do ritmo. E, Jarbas Mariz teve a felicidade de trabalhar com ele. E, depois eu tive a felicidade de gravar com Jarbas a Cantiga do Sapo.... é um dos tradutores da sua mágica rítmica. Era como se brincasse de esconder com o tempo. O tempo, no caso, o da música. Ele, às vezes, avançava no tempo e esperava o tempo da música chegar. Ou tomava rota contrária. Fazia de conta que atrasava e logo acelerava para empatar no final. Aí ficava um a um.

Conforme Moura e Vicente (2001, p. 106): o maestro Moacir Santos afirma que Jackson tinha uma capacidade musical extraordinária, apresentava músicas de variados ritmos e bastante elaboradas. Ele reconhecia o empenho e o talento de Jackson em absorver e incorporar ao seu instrumento e voz, múltiplas e complexas sonoridades:

Jackson era muito mais que um ritmista. Ele tinha uma capacidade expansiva, transformando o pensamento musical dele em ritmo. Alguns choros que eu fazia nessa época, por exemplo, ele decorava e me repassava todos os detalhes, cantando. Depois saía ensinando a melodia aos acordeonistas. Era uma coisa superior, não era físico, não”.

Santos chegaria a ser arranjador de várias músicas interpretadas ou compostas por Jackson, entre o final da década de 1950 e início de 1960. O ex-pupilo aparecia com as composições “de boca”, para o maestro passar para a partitura. Moacir as recebia quase prontas, com praticamente “nada a acrescentar”. Entrosavam-se às mil maravilhas. Desde a época de João Pessoa/PB.

Ainda conforme Moura e Vicente (2001, p. 140): numa apresentação que faria na Rádio Tabajara em João Pessoa/PB, Severino Dias de Oliveira, o Sivuca, ou ‘Galego Endiabrado’ precisa de um instrumentista para acompanhá-lo, quem foi designado: Jack do Pandeiro

Ele entrou, começou a tocar comigo e eu senti a diferença. Eu estava acostumado a tocar com pandeiristas, mas com Jackson foi uma coisa diferente. Foi mais um complemento que um acompanhamento. Ele chegou, criou e ficamos brincando. Jackson com o pandeiro e eu com a sanfona. Ficamos dialogando. Foi o primeiro pandeirista que realmente me impressionou.

Adelzon Alves⁴⁹ é paranaense, nascido em Cornélio Procopio em 1939, que em 1964 mudou-se para o Rio de Janeiro e ingressou como locutor comercial no Programa “O Globo no Ar”, na Rádio Globo. Em 1966 passou a ter o programa “Adelzon Alves, o amigo da madrugada” na mesma emissora. É ele o responsável por um momento histórico e raro da música brasileira. Como campeão de audiência na Rádio Globo, no início dos anos 1970, Adelzon pôs em seu programa o eterno e grandioso Jackson do Pandeiro e o resultado foi que

⁴⁸ Disponível em: <https://youtu.be/y3OFYUJ0c0U>. Jackson do Pandeiro (2/4) - De Lá Pra Cá - 18/05/2009. TV Brasil. Trecho 6:52s a 7:48s. Acesso em 16/12/2024.

⁴⁹ Disponível em: https://www.redegn.com.br/?sessao=noticia&cod_noticia=127934. Aos 80 anos radialistas Adelzon Alves, o Amigo da Madrugada é demitido da Rádio Nacional. Acesso em 16/12/2024.

a música nordestina se reaqueceu. Jackson do Pandeiro perdurou oito anos fazendo parceira com o radialista no ar. Um dia recebeu a visita de Luiz Gonzaga e o encontro considerado raro foi registrado como mostra a foto.

Figura 27: Jackson do Pandeiro e Luiz Gonzaga



Fonte: Blog Ney Vital. Disponível em: <http://www.neyvital.com.br/2017/07/brasil-celebra-35-anos-de-jackson-do.html>. Acesso em 16 dez. 2024.

Uma curiosidade: Jackson do Pandeiro nasceu em 1919 e morreu em 1982. Luiz Gonzaga, nasceu 1912 e morreu em 1989. Ou seja, O Rei do Baião nasceu sete anos antes e morreu sete anos depois de Jackson do Pandeiro, mas, observando-se a imagem, Jackson do Pandeiro parece mais velho que o Rei do Baião. Luiz Gonzaga e Jackson do Pandeiro juntos: trata-se de dois reis, o do ‘Baião’ e o do ‘Ritmo’.

Em 1955 há um ‘duelo’⁵⁰ entre Luiz Gonzaga e Jackson do Pandeiro no qual o Rei do Baião responde a música ‘Forró em Caruaru’ gravada em 1955 pela Copacabana com a música ‘Forró do Zé Tatu’ no mesmo ano. Ambos são ícones da música, travavam uma disputa pela preferência do público e, talvez, por isso, Luiz Gonzaga tenha sentido a concorrência e partiu em resposta a Jackson. Mas, apesar da ‘disputa’ houve grandes encontros entre os dois maiores representantes da música nordestina. Segundo Antonio Vicente e Fernando Moura (Moura e Vicente, 2001, p. 138) em Recife/PE, ainda na Rádio Jornal do Comércio, o primeiro encontro deles quando Jackson do Pandeiro viu seu ídolo de perto pela primeira vez e ficou magoado por ouvir Luiz Gonzaga debochando dele pelas “mugangas” feitas no palco. Em outro momento, já no Rio de Janeiro, Luiz Gonzaga visita Jackson em sua cobertura por conta de um acidente que este teria sofrido e é apresentado a uma nova música que o Rei do Ritmo lançaria no novo disco. Após as explicações de como o Rei do Baião deveria tocar a sanfona faz com que Gonzaga diga: “Tu és um cabra da peste, não sabes tocar a sanfona e estás me dizendo como devo tocá-la...”. E, o mais famoso desses na Rádio Globo no Programa de Adelson Alves.

⁵⁰ Disponível em: <https://youtu.be/nawCowZdmHQ>. Jackson do Pandeiro canta Forró em Caruaru e Luiz Gonzaga canta Forró de Zé Tatu. Acesso em 16/12/2024.

Adelzon ainda deu visibilidade aos sambistas do morro, como Cartola, Candeia, Nelson Cavaquinho, Zagaia, Silas de Oliveira, Geraldo Babão, Djalma Sabiá; e praticamente lançou Paulinho da Viola e Martinho da Vila. Ele produziu ainda vários discos de Clara Nunes, em que numa gravação na qual só estava a elite da instrumentação do Rio, viu-se algo extraordinário: Jackson entra e passa a ser o condutor dos demais ritmistas (Moura e Vicente, 2001, p. 333):

Primeiro entrava o surdo. Com alguns compassos, era a vez do atabaque. Mais outros, a cuíca, e assim por diante. O último instrumento era o pandeiro. “Quando ele entrou, sentiu-se que todos os músicos se encostaram nele, no bom sentido. Ele tinha o dom de assumir o centro rítmico daquilo que se estava tocando. Você via as pessoas seguirem ele. Músicos bons como o baterista Wilson da Neves, como Marçal, que foi diretor de bateria, comandando duzentos ritmistas... Mas quando iam tocar com Jackson, ele era o centro de tudo. Todos tocando seus instrumentos por ele”. E o curioso é que nessas ocasiões Jackson comportava-se exatamente como um músico que não canta costuma se portar, com muita concentração, discrição e eficiência. O que deveria soar, para alguns, com a própria magia de uma canção, ele tinha a convicção de que era pura técnica. Essa era a magia. O encanto. O domínio do canto, claro, facilitava esse entendimento. No palco era um, no estúdio outro. Ambos, fundidos pelas várias formas de materialização dos ritmos. Jackson tocava como cantava, usando o mesmo caminho na volta. Um bumerangue sonoro. Como explicar, por exemplo, que um percussionista que não tocava sanfona ensinasse a um exímio sanfoneiro todos os procedimentos de uma determinada harmonia, com seus recheios, nuances, floreios, breques e ataques? Isso dificilmente se explica; ouve-se, apenas. Os discos de Abdias, Zé Calixto e Geraldo Corrêa – a trinca de ouro do fole de oito baixos – estão aí, polvilhados de músicas instrumentais compostas apenas – veja-se bem, apenas – por Jackson do Pandeiro – ou seria Jackson do Fole?

Outra vez, conforme Moura e Vicente (2001, p.334), uma infinidade de cantores(as) utilizaram os serviços de Jackson e do conjunto Borborema em suas gravações:

Clara Nunes, Wanderléia, Dominginhos, Beth Carvalho, Elba Ramalho, Alceu Valença, Gilberto Gil, Bezerra da Silva, Jair Rodrigues, Raul Seixas, Geraldo Azevedo, João do Vale... Foram dezenas as participações de Jackson em discos dos outros, apenas como percussionista, ou assumindo a direção ou produção artística de forrozeiros. Isso deixava o meio artístico atônito. Era algo tão espantoso como se deparar com João Gilberto apenas tocando violão ou Tom Jobim ao piano, ajudando a embelezar e eternizar músicas interpretadas por outros. Jackson achava a coisa mais natural do mundo. Essa espontaneidade, inclusive, quase mata Benito de Paula de susto, quando um dia entra em estúdio cantor já conhecido, para gravar um xote, acompanhado de Chiquinho do Acordeom. Os produtores haviam convidado Jackson e seu grupo para fazer a base percussiva, mas se esqueceram de avisar o intérprete. Pego de surpresa, Benito viveria ali uma das maiores emoções de sua carreira artística: “Eu fiquei perplexo. Até constrangido e meio envergonhado por ter Jackson do Pandeiro participando de uma música com você, no teu disco... Isso não é pra qualquer um, né? Uma celebridade tocando comigo! E ele tocou tudo, tomou conta. Fez várias coisas no disco. Aí eu falei pra ele: ‘puxa, eu tô tão emocionado, tão feliz’. Até hoje isso me emociona”.

A citação acima consta da biografia o Rei do Ritmo (Moura e Vicente, 2001, p. 335). Tinda, o irmão de Jackson do Pandeiro, presenciara a influência de Jackson na formação de outros artistas e recorda-se da ocasião, especialmente do estado de euforia de Benito:

Ele falou que era cantor por conta de Jackson. Que, quando menino, se trancava no quarto e ficava imitando meu irmão, lendo aquelas revistinhas de música e aprendendo os cacoetes dele. Ele dizia, abraçando José: “Aprendi teu molho, compreendeu? Se hoje eu sou cantor legal mesmo, foi por causa de tu, negão. Tu és grande e ninguém te bota pra trás... E vamos embora. E o que não tiver bom vocês ensinam que a gente vai, que eu vou com vocês”.

Por seu turno, Paulinho da Viola reforça o excepcional ‘ritmista’, o ‘Rei do Ritmo’ (Moura e Vicente, 2001, p.332):

Jackson era uma unanimidade. Tocava qualquer coisa. Se você chegar no Rio de Janeiro, tem bons ritmistas nascidos lá. Mas se pedir pra tocar um pandeiro de frevo, ninguém sabe. Jackson tinha o conhecimento de toda essa cultura e mais aquilo que se fazia no Rio. A coisa do samba, com ele, era brincadeira...**O Jackson é considerado por todas as pessoas do meio de música, os grandes músicos, os grandes ritmistas, como o maior ritmista brasileiro de todos os tempos.** (Grifo nosso).

Elba Ramalho dá um depoimento surpreendente ao repórter do Programa de *Lá Pró Cá*, em 2009, ao comentar toda a perícia de Jackson do Pandeiro⁵¹, quando explica as orientações recebidas dele no início de sua carreira e fala sobre o duo: Jackson e o pandeiro:

Eu acho Jackson uma universidade de canto, assim. Eu acho que todo cantor, seja pop, rock, qualquer coisa. Dá uma espiadinha na boca da noite, na madrugada, no escuro. Se tiver vergonha. Tem muita gente que tem preconceito, acha que Jackson do Pandeiro é aquele cantorzinho do nordeste, de feira. Ele, não! Uma vez eu ouvi uma entrevista de Elis Regina onde ela disse: “O canto de Jackson, cantar com Jackson do Pandeiro, o buraco é mais embaixo”. Ela falou uma expressão assim e eu entendi perfeitamente. Cantar com ele não era fácil, não! Ele tinha um suing na voz, uma afinação perfeita e uma capacidade de improvisação incrível. Improvisava notas numa ligeireza. E, ele e o pandeiro juntos, era uma brincadeira! Um foi feito para o outro. Taí, uma comunhão perfeita! Jackson e o pandeiro!

E Elba Ramalho prossegue comentando a percepção sobre Jackson do Pandeiro, quando o conheceu e quando passaram a conviver profissionalmente, mencionando as observações de como ela deveria se manter no ritmo. Sempre preocupado com o ritmo:

Com o mestre, logo que comecei a gravar, conheci Jackson do Pandeiro pessoalmente. Já era sua fã, desde os velhos tempos de forró em Campina Grande. Sabia da sua fama e ouvia sua música nos programas, no rádio que meu pai mantinha ligado todo o dia. Ele e Almira, arrasavam! Adoro sua parceira com Rosil Cavalcanti. Bem, nos primeiros trabalhos como cantora Jackson sempre comparecia. Tocava pandeiro em todos os forrós e me dava muitas dicas, sempre preocupado com o ritmo, como dividir, se tornando, enfim, um grande amigo (...) Jackson, nosso pequeno grande gênio, era um homem muito simples, mas de força e caráter surpreendentes. Humilde no seu jeito de ser e compartilhar a vida e a música, não ostentava nenhuma vaidade ou egocentrismo. Era simples mesmo, normal, humano.

O escritor e historiador José Avelar Freire, no seu livro *Alagoa Grande – sua história: de 1625 a 2000* (Freire, 2002, p. 239), cita a cantora Elis Regina se referindo a Jackson do Pandeiro:

⁵¹ Disponível em: <https://youtu.be/y3OFYUJ0c0U>. Jackson do Pandeiro (2/4) - De Lá Pra Cá 18/05/2009. Trecho: 08:15s a 09:07s. Acesso em: 16/12/2024.

Tinha um ritmo ímpar, e todos que o conheceram não se cansavam de elogiar sua sensibilidade musical. A cantora Elis Regina, assim se referia sobre ele: “Tiro de letra qualquer um, mas com Jackson o buraco é mais em baixo. Ele quanto mais divide, mais multiplica”.

Outro depoimento sobre a fantástica capacidade rítmica de Jackson do Pandeiro vem do produtor e diretor de shows Ronaldo Bôscoli: “dividia, multiplicava e faturava o ritmo, sempre dentro do tempo”.

A cantora paraibana Elba Ramalho, no Programa De Lá Para Cá TVE Brasil, reforça essa noção de autenticidade da música jacksoniana atribuindo-lhe, ao lado de Luiz Gonzaga, a designação de ícones da música nordestina:

Para a nação nordestina o Jackson do Pandeiro é um dos grandes ícones. Assim, numa parceria bem igual a Luiz Gonzaga por que cada um traduzia o Nordeste de uma forma, né? O Gonzaga veio com o canto, com a dor, os costumes, um outro lado, os aboios, os retirantes, a seca, a chuva, aquelas coisas. Tem todos esses elementos, essas paisagens lindas na obra de Gonzaga.

Jackson do Pandeiro e Almira Castilho, quando moravam no Rio de Janeiro, abrigaram muitos nordestinos aspirantes a cantores e compositores que lhes procuravam. Com humildade e sensibilidade para o que era bom, acabaram dando a mão a inúmeros conterrâneos. Diante disso, para explicitar a bondade de Jackson e Almira em receber os seus, segue o registro da entrevista⁵² dada a Jessier Quirino (JQ) pelo compositor de inúmeras músicas de forró, Antônio Barros (AB), que faz um agradecimento e reconhecimento a imensa bondade e apoio de Jackson do Pandeiro aos conterrâneos.

JQ - Ouvi Emílio Julião, Marinês, Jackson do Pandeiro. E, você é uma pessoa que teve uma convivência muito próxima com Jackson do Pandeiro. Eu queria que você fizesse aqui algum comentário ou relatasse aqui os bastidores dessa amizade porque não é brincadeira não, meu amigo. Jackson é Jackson, sem desrespeitar, naturalmente, Antônio Barros.

AB – Eu, eu devo muito a Jackson do Pandeiro. Porque quando eu parti pra luta, na música, levando meus primeiros repertórios, né. Eu cheguei no Rio de Janeiro. Quase que o navio me deixava no meio do caminho, por um buraco daquele, e não chegava ao Rio de Janeiro. Aí, ao chegar ao Rio de Janeiro... e agora? O que é que eu faço? Olhei e vi aquela cidade imensa. Aí eu me lembrei de Jackson do Pandeiro que naquela época, Jackson do Pandeiro, era sucesso absoluto no Brasil inteiro, né. E ele era meu amigo desde Campina, ele era meu amigo desde Recife, ele era pandeirista da Rádio Jornal do Commercio e eu era pandeirista da Rádio Clube e fizemos amizade. Ele foi embora quando fez sucesso, com Comadre Sebastiana e Forró em Limoeiro. De Rosil Cavalcanti, e de Edgar Ferreira. Aí, eu fui procurar. Aí me lembrei: Jackson do Pandeiro! Aí, quando eu olhei assim, pelo corredor da Rádio Nacional, lá vinha Almira Castilho. Eu, digo! Almira, vem cá! Almira! Almira quando me viu disse: “Antônio, que danado tu tás fazendo aqui?” Aí, lá vem Jackson! Eles tinham acabado de fazer o Programa na Rádio! A maior sorte do mundo! Tinham acabado de fazer o Programa na Rádio. Aí eu disse: Jackson eu estou aqui e não tenho onde comer, onde beber, onde dormir, onde ficar. Eu quero ver é o que tu vai fazer da minha vida? “Antônio, tu é doido, Antônio! Aí, cadê tua mala?”. A mala era daquelas maletinhas

⁵² Disponível em: <https://youtu.be/aShKJFAZEKA>. Especial de São João - Jessier e Antônio Barros & Cecéu (Part. Especial - Mayra Barros). Trecho de 06:11s a 09:38s. Acesso em: 16/12/2024.

que tem uma cruz, que só leva a calça e a camisa. A camisa fica saindo por fora. Aí, ele disse: “Cícero, vai lá buscar a malinha de Antônio”. Aí fui lá pra casa dele. Aí ele disse: “Antônio, você vai lá pra casa. E, só vai sair de lá quando souber andar no Rio de Janeiro”. Aí eu levei pra ele, naquela época tinham lançado o Baião do Bambolê. Aí eu fiz... aí ele gravou essa música. Ela fez sucesso do Rio de Janeiro. Na época não sei se fez sucesso no Brasil inteiro porque não havia a, a, comunicação que existe hoje. Mas, foi para o filme: Aí, Aí Vem a Alegria, né. E, assim eu fiz essa amizade com Jackson do Pandeiro. Como é bom a gente fazer amizade, né. Exatamente... Aí, depois ele gravou várias músicas minhas, sabe. Outras músicas. Não gravei muitas com ele. Deveria ter gravado porque ele foi quem me deu a mão.

O cantor e compositor Antônio Barros (AB), acompanhado por Ceceu, em outra entrevista⁵³ ao Segundo Caderno/PB por meio do repórter André Canaméa (AC) explica como conseguiu “andar pelo Rio de Janeiro”. Ou seja, sair da casa de Jackson do Pandeiro que lhe dera abrigo quando chegaram ao Estado da Guanabara.

AB - Jackson me deu apoio na casa dele.

AC - Você morou na casa dele?

AB - Morei, no apartamento dele no bairro da Glória.

AC - Você compôs música na casa dele.

AB - Foi. Fazia músicas na casa do Jackson. Aí, eu saí um dia e fui ao ponto dos compositores (“Você só sai daqui de casa, Antônio, quando você conhecer o Rio de Janeiro”) e quando cheguei lá, quem é que estava? Luiz Gonzaga! “Chegou, meu filho!”. Cheguei Sr. Luiz. “Você está onde?”. Na casa de Jackson do Pandeiro. “Na casa de quem? Na casa de Jackson do Pandeiro. “Cuidado com aquele negro veio”. Era assim. Aí eu voltei. Aí ele perguntou, Gonzaga: você quer trabalhar comigo? Eu vou Sr. Luiz, não estou fazendo nada! “Então vá lá e diga a Jackson que você vai trabalhar comigo”. Aí fui para a casa do Jackson e disse: sabe quem eu encontrei, Luiz Gonzaga. Ele disse: “Quem?”. Luiz Gonzaga, e ele disse que eu me aprontasse pra ir pra casa dele. Pra ir trabalhar com ele. “Vá, mas cuidado com aquele Negro Veio”. E, assim foi meu começo de vida como compositor.

No programa Opinião Pernambuco⁵⁴ em homenagem aos 100 anos de nascimento de Jackson do Pandeiro, o professor e compositor Climério de Oliveira disse:

Jackson do Pandeiro não foi tão reconhecido como Gonzagão. Mas, teve um reconhecimento que Gonzagão na teve! Um grupo mais específico de pessoas. Veja bem, Jackson foi mais cosmopolita, mais solto com relações as misturas musicais, né. Então, Jackson se deu ao prazer de conhecer os ‘Cabeludos’. Que não era muito simples para um cantor tradicional. Fazer isso, as pessoas são ligadas as suas tradições. Elas conservam determinados procedimentos, né. E Jackson quando conheceu Alceu Valença, ele disse: “...O cara é ‘cabeludo’, mas ele sabe cantar a música brasileira. Os Tropicalistas afirmam muito mais Jackson. Eles reconhecem Luiz Gonzaga como, também, uma grande referência. Luiz Gonzaga é inegável que é uma grande referência. Mas, há um reconhecimento de Jackson como sendo um precursor do Tropicalismo. A música Chiclete com Banana onde ela diz: “...eu misturo Miami com Copacabana, chiclete eu misturo com banana e o meu samba vai ficar assim”. E, aí, ele faz uma frase que não é comum no samba: Tururururu, bopbebop/ Turururururu, bop bebop-bebop/ Turururururu, bop-bebop-bebop... ele tinha essa coisa de misturar os sons. Colocar metais no forró e colocar sanfona no samba. De não ter problema para tocar samba.

⁵³ Disponível em: <https://youtu.be/CXY4tQIAvbA>. Segundo Caderno = Antonio Barros e Cecéu (parte 1). Trecho: a 08:53s a 09:59s. Acesso em: 16/12/2024.

⁵⁴ Disponível em: https://youtu.be/_ZDMZFudBIw?si=hI7EW0Z4qiWBFY2O Programa Opinião Pernambuco Trecho: 36:20 a 38:40s. Acesso em 16/12/2024.

Em uma entrevista, o produtor cultural Albino Pinheiro mostra o encarte de um disco no qual há uma citação de Jackson, já mencionada anteriormente, mas, de grande relevância: “Mesmo com a perseguição da música estrangeira eu aguentei a barra durante 12 anos, eu e o Luiz Gonzaga, nunca parei de fazer gravações. Mesmo com a perseguição do iê, iê, iê!”. Esse depoimento é muito interessante pois mostra o quanto foi difícil aguentar a ‘barra’.

Observa-se que enquanto os demais cantores nordestinos voltaram do Rio de Janeiro para suas terras natais, ele se manteve na Cidade Maravilhosa produzindo como foi possível. Ora fazendo os minguados shows que apareciam, ora tocando na produção de músicos que estavam fazendo sucessos, como Elba Ramalho, Benito de Paula etc. Este último, fez um depoimento que merece novo registro pela importância do fato, declarando que “ficara extremamente feliz e emocionado ao reconhecê-lo tocando diversos instrumentos de percussão na confecção de seu disco. Disse que o chamou, o abraçou lhe agradeceu por existir, pois, ele, Jackson do Pandeiro fora seu ídolo quando criança e o fez considerar ser cantor”. Chegou-se a perguntar a Dona Neusa Flores se ela presenciara esse encontro emocionante para Benito de Paula, mas ela firmou que não, que Jackson havia apenas comentado o fato ao chegar em casa.

Segundo apuraram Rodrigo Faour e Alice Soares em suas pesquisas para a confecção da caixa de CD intitulada ‘Jackson do Pandeiro O Rei do Ritmo’ (lançada em 2016 pela Universal Music Ltda, uma coletânea de 235 músicas das 245 gravadas nas duas primeiras gravadoras em que Jackson registrou suas músicas), o artista, na sua simplicidade, passou a ser muito convocado para as gravações de outros artistas. Ele comparecia com a maior humildade e o profissionalismo de sempre, causando perplexidade em alguns artistas que eram fãs confessos de seu trabalho. Fosse samba, coco, rojão, ele trabalhava para que o resultado musical tivesse o máximo de suíngue. Nessa altura, ele já era uma instituição do gênero e sabia disso.

Os biógrafos Moura e Vicente (2001, p. 165) destacam ainda que Hermeto Pascoal conheceu Jackson do Pandeiro ainda menor de idade e fez uma referência a ele bem interessante: “Ele é uma pessoa que vai estar eternamente na minha cabeça e na do povo brasileiro. Enquanto eu estiver vivo, vou levar o nome dele”. Inclusive chegou a gravar uma faixa tocando apenas pandeiro em homenagem a Jackson: “Viva Jackson do Pandeiro”.

O humorista Chico Anísio, segundo os biógrafos Moura e Vicente (2001, p. 272), é outra pessoa de destaque no cenário artístico nacional que chegou a trabalhar com Jackson em Recife/PE, e deu um depoimento sobre o artista memorável: “Não conheci ninguém que tivesse

o ritmo, a afinação, o carisma e a cara do Nordeste que ele tinha. Ele era muito nordestino. Demais”.

João Gilberto, um personagem muito recluso da Música Popular Brasileira classificou Jackson do Pandeiro como sendo: “Excepcional e originalíssimo”. Essa definição por parte do representante da Bossa Nova causou desconfiança e o autor da biografia do artista explicou como conseguiu a declaração: “Conheci a biografia de Luiz Gonzaga, Dominique Dreyfus... que lhe repassou o telefone do secretário do cantor baiano e ao ligar explicou que estava escrevendo uma biografia sobre Jackson e precisava saber como este era visto por aquele... o que culminou na declaração”.

Os biógrafos Moura e Vicente (2001, p. 168) descrevem a relação entre Luiz Gonzaga e Jackson do Pandeiro:

Em outras ocasiões quase tornaram-se íntimos, com Gonzaga se mostrando solidário quando o colega passou por problemas físicos e visitando o apartamento de Jackson e Almira no Rio, em 1958, no auge da carreira. Nessa ocasião, sem saber, redime-se da possível indelicadeza cometida com o anfitrião anos antes, ao comentar sobre os dotes vocais do pandeirista. No terraço da cobertura duplex do casal, um com a sanfona e o outro com o violão, descontraídos como velhos parceiros, Jackson mostra ao autor de “Baião” uma música que estava pronta para ser gravada. Vai cantando, batendo o pinho e indicando, com exclusivíssimas onomatopeias, como o interlocutor poderia passear com a sanfona pela melodia ainda inédita. Gonzaga vai dedilhando o instrumento conforme as instruções vocais de Jackson. Surpreso, não se contém:

- Rapaz, tu és um cabra da peste mesmo, né? Tu é um sanfoneiro de boca. Tudo o que eu tenho que fazer aqui tu fica dizendo... Oh, desgraçado, por que tu não aprendesse a tocar sanfona? ...Jackson exhibe suas razões:
- Primeiro, porque a sanfona era muito cara e minha mãe não podia comprar... Segundo, porque eu achava que era muito difícil.

“Eu vou morrer dizendo: não houve, não há e não haverá outro igual a Jackson do Pandeiro, dentro do que ele fazia”. Zé Messias na obra de Moura e Vicente (2001, p. 277) “Jackson pode ser considerado, sem erros, o maior cantor do Brasil de todos os tempos”. Antônio Medrado também na obra de (Moura e Vicente, 2001, p. 282).

Na biografia de Luiz Gonzaga (Dreyfus. 2012, p. 275), há o seguinte depoimento sobre como o Rei do Baião via o Rei do Ritmo:

Jackson do Pandeiro foi no rojão e soube explorar muito bem. Até hoje não apareceu ninguém com o desenho de Jackson. Ele tinha um ritmo perfeito, tinha uma coisa que era difícil imitá-lo. Agora tá assim de forrozeiro tentando imitá-lo! A gente era muito amigo, mas eu nunca toquei com ele porque quando o cara é bom, a gente só tem mesmo é que ficar calado.

O artista Dominginhos diz em um depoimento concedido ao jornalista Rômulo Azevedo para a série A Paraíba e Seus Artistas, Rede Paraíba de Televisão, início da década de 1990:

Eu tive uma vida maravilhosa com Jackson do Pandeiro. Ele foi fenômeno de voz e ritmo dentro da música nordestina. Nunca vi uma pessoa com tanta versatilidade. (...)

Foi uma coisa muito boa tê-lo conhecido, porque ele era, realmente, no meu entendimento a maior sanfona de boca do Brasil, o sanfoneiro suave pra poder fazer uma introdução que ele criasse, e ele criava muitas (...). Ele fazia introdução boa, bonita e difícil para o sanfoneiro. O sonho dele – dizia pra mim, era ser sanfoneiro. E tem mais um detalhe interessante, é que o próprio João Gilberto, que é essa sumidade da Bossa Nova, dizia que aprendeu a dividir com Jackson do Pandeiro.

Dominginhos⁵⁵, em um outro momento, mais especificamente num depoimento para a inauguração do Memorial Jackson do Pandeiro em Alagoa Grande/PB reafirmou:

Jackson do Pandeiro na minha opinião foi o que nós tivemos de mais precioso em matéria de dicção, de balanço assim, de cantar as músicas bem ligeiro, com uma dicção maravilhosa. Um pandeiro fora de sintonia porque o pandeiro dele era couro puro. Era aquele pandeiro de couro que você escutava tudo. Então, eu me sinto feliz porque nós fomos amigos por muitos anos. E, eu tive a oportunidade de acompanhar Jackson em muitos shows. Tocamos bastante juntos e éramos bons amigos. E, acima de tudo eu sou, fui e continuo sendo um admirador de Jackson do Pandeiro.

No depoimento acima, vê-se o quanto Jackson do Pandeiro era bom como percussionista. Tirava graves e agudos do instrumento que incorporou ao seu nome de forma perceptível e exaltada por diversos artistas.

João Severo da Silva, o Severo (sanfoneiro do Grupo Borborema durante 14 anos), em depoimento concedido ao jornalista Rômulo Azevedo é outro que assevera as qualidades musicais e profissionais de Jackson do Pandeiro: “(...) Jackson do Pandeiro fazia o que queria com o gogó, na garganta né? (...) Atualmente não apareceu ninguém pra fazer o que Jackson do Pandeiro fez, eu acho que vai ser difícil aparecer um outro Jackson do Pandeiro”.

Rômulo Azevedo pergunta a Gilberto Gil sobre a importância de Jackson do Pandeiro para a MPB⁵⁶:

Ah, ah! Profunda, fundamental! Jackson do Pandeiro é um dos Grandes mestres da música nordestina, a música nordestina vista como este grande projeto que se instalou na música brasileira a partir dos anos 50. Primeiro com Luiz Gonzaga que foi o primeiro codificador, o homem que trouxe os elementos da música nordestina para a música popular, para o disco, para o rádio, para o palco das praças do Brasil. Mas, Luiz Gonzaga ainda com a vertente digamos ortodoxa, rural, a paisagem do campo, típica, diferenciada da cidade, os elementos, os valores, o conservadorismo, a moral, a estética do interior. Jackson do Pandeiro já é Campina Grande, Jackson já é o samba do Norte, já é a praia do Rio de Janeiro, já é Copacabana e...no Nordeste brasileiro, já é o Chiclete com Banana, como ele próprio cantava. Ele fazia do seu modo de cantar, na forma de dividir, na pronúncia, na articulação das palavras, na gíria, na insinuação do ritmo e da emissão vocal. Ele já trazia esse sentimento cosmopolita que Campina Grande tem, essa, essa vontade, esse anseio de ser Nova Iorque, não é? Que Campina Grande tem. Essa característica de entreposto, não é? De eixo, não é? De Carrefour, de cruzamento do Nordeste, cidade que recebia fluxo de todas as regiões, a cidade da feira, não é? A cidade do mercado, a cidade do negócio, não é? A cidade onde tudo se troca, tudo se vende, tudo tem valor e nada tem valor, quer dizer já símbolo da

⁵⁵ Disponível em: <https://youtu.be/gg5djtaps?si=90Gtie1MHqXRQG2i>. Vídeo produzido por ocasião da inauguração do MEMORIAL DE JACKSON DO PANDEIRO em dezembro de 2008, na cidade de ALAGOA GRANDE/PB. Trecho: 19:14s a 20:00s. Acesso em: 16/12/2024.

⁵⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3XeifYZkvLs>. Acesso em: 20/11/2024.

modernidade, essa efervescência, essa volatilidade, essa capacidade de tudo ser e tudo não ser ao mesmo tempo. Típico do cosmopolitismo que Campina Grande tem que aparece na música de Jackson do Pandeiro com aquela malemolência, aquela malandragem, eu dizia que o Jackson é o primeiro grande malandro do Nordeste em música popular; ele seria o Moreira da Silva, não é? Da música nordestina, o samba de breque da música nordestina, é o Rio de Janeiro da música nordestina. Depoimento concedido ao jornalista Rômulo Azevedo.

A cantora Cátia de França, que excursionou com Jackson do Pandeiro no Projeto Pixinguinha, dá sua opinião sobre o Rei do Ritmo: “Quando me convidaram dizendo que eu iria tocar ao lado de Jackson do Pandeiro, aquilo me emocionou, me balançou, porque ele era o meu guru, o homem que me influenciou... Porque Jackson está por trás de todos nós”.

Antígenes Viana, advogado e pesquisador da obra de Jackson do Pandeiro, dá o seguinte depoimento sobre o ilustre artista no programa Opinião Pernambuco da TV Universitária em Pernambuco em 2016⁵⁷:

Jackson do Pandeiro é um dos grandes músicos que o Brasil produziu, que o Nordeste produziu. Ele vem como uma das grandes fontes musicais que o Brasil tem, que o Nordeste produziu. Fortificando, fortalecendo, nutrindo o que há de melhor na nossa música.

Lucinha Guerra, cantora e compositora, também, no Programa Opinião Pernambuco⁵⁸ da TV Universitária em 2019, em homenagem ao centenário de Jackson do Pandeiro em 25/06/2019, diz: “Eu estava dizendo aqui se tivesse que salvar um, dentre todos, de um naufrágio, eu salvaria Jackson do Pandeiro. Pra mim, é o grande mestre da música brasileira”.

A apresentadora do Programa Opinião Pernambuco em homenagem ao Centenário de Jackson do Pandeiro, Ana Clara Reis, pergunta a Climério de Oliveira⁵⁹, músico e professor do Conservatório Pernambucano de Música, o porquê de Jackson ser um grande nome da música brasileira, mas na hora “H” se pergunta quais músicas se conhece dele e as pessoas não sabem:

É, eu acho que houve um certo preterimento em relação a Jackson. Assim, depois de um certo tempo. Porque Jackson não era aquele estilo vozeirão dos “crones” do rádio. Ele é outra coisa. Então, é muito mais aquilo que se chama, que vem da pegada “coot”. Que é a voz sem vibrato, com pouco vibrato. E, ele também é um artista negro. A gente sabe a sociedade que a gente vive em relação a isso, né. Ele, também, é um artista que vem de uma família muito pobre, né. Então, tudo isso dificulta os acessos, estigmatiza um pouco. Um pouco quando é um cara com o talento que ele teve. De cantar um outro sertão, um outro nordeste. Aliás, que não o nordeste da seca. Não é o nordeste do flagelo.

-Como fez Luiz Gonzaga.

⁵⁷ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=FuGC26wp1_U. Opinião Pernambuco - 27/06/2016 (Jackson do Pandeiro). Trecho: trecho 02:36s a 02:59s. Acesso em: 11/12/2024.

⁵⁸ Disponível em: <https://youtu.be/ZDMZFudBIw?feature=shared>. Opinião Pernambuco - "Centenário de Jackson do Pandeiro" (25/06/2019). TVU Recife. Trecho: 18:46min a 18:55min. Acesso em: 11/12/2024.

⁵⁹ Disponível em: <https://youtu.be/ZDMZFudBIw?feature=shared>. Opinião Pernambuco - "Centenário de Jackson do Pandeiro" (25/06/2019). TVU Recife. Disponível Trecho: 13:13min a 15:17min. Acesso em: 11/12/2024.

Isso, ele canta um outro Nordeste. Ele mistura mais: ele traz o samba pra dentro do forró, leva o forró pra dentro do samba. Coloca metais dentro do forró. Que não era usual pôr instrumentos de metal. Tem uma série de coisas que ele fez. Não tem só uma formação instrumental. Não é só um trio que ele usa. Ele usa sexteto, ele usa orquestra, né. Então, tem uma série de coisas assim que ele diversifica e que talvez isso não sirva para construir tão facilmente um cânone. De pegar assim elementos seletivos e jogar assim num cânone. Ele tem vários estilos.

O cantor e compositor Chico César dá um depoimento⁶⁰ da influência sofrida em sua música pelo Rei do Ritmo, pelo Rei do Baião e por João do Valle que conforme cita Climério de Oliveira há uma grande questão racial no país:

Jackson, Luiz Gonzaga e João do Valle eles fazem da Trindade, ou da Humaníssima Trindade da música popular nordestina. É, e ele me influencia. Todos eles por serem homens do Nordeste, homens nascidos no interior do Nordeste e em cidades do interior de seus Estados. E são todos homens negros. Homens que nasceram pobres ou muito pobres. Então, eles me influenciam diretamente na minha formação da minha psiquê artística. Porque um cara que nasce preto e pobre no interior da Paraíba pode ser artista. Porque João do Valle provou que é possível. Porque Jackson do Pandeiro provou que é possível e fez isso com muita maestria. Porque Gonzaga também fez isso. E a música nascida daquele interior foi pra o mundo.

- Onde a gente pode encontrar isso na sua música?

Por exemplo: Em 'Sem Ganzá Não é Coco': Vem no coco... isso é puro Jackson do Pandeiro!

Em 03/10/1976, Jackson do Pandeiro concedeu uma entrevista ao Jornal do Músico do Rio de Janeiro em que afirma:

Sucesso que eu digo não é uma música tocar muito no rádio, não. É quando ela toca no país todo, no sertão e em Copacabana. No Rio Grande do Sul e no Amazonas. Em qualquer biboca que você chegar, em beira de estrada, o danado tá tocando. Você vai cantar no interior e nem precisa ensaiar, pois os músicos locais já conhecem seu repertório. Isso é sucesso e eu posso dizer que fiz um bruto sucesso. Um sucesso retumbante.

Em 13 de novembro de 1972, o SESC São Paulo realizou uma entrevista com Jackson no Programa denominado MPB Especial⁶¹, o qual teve como entrevistador Fernando Faro e direção geral de Pelão. Naquela oportunidade Jackson se fez acompanhar de Severo na sanfona, Geraldo Gomes no Zabumba, João Gomes no Triângulo e Neuza Flores na segunda voz e agogô. Foi um momento ímpar, pois ele contou toda sua trajetória de vida, suas tristezas, desencantos, alegrias e esperanças. Indagado onde nascera, com seu jeito simples, de pronto, respondeu: "Eu sou da Paraíba, meu camarada. Muita gente pensa que eu sou pernambucano, outros pensam que sou baiano. Sabe como é, todo crioulo pensa logo que é da Bahia. Não sou.

⁶⁰ Disponível em: <https://youtu.be/gXUTyAAbOZ8?si=MpSYAj7AIpLluj7x>. Trecho 10:27s a 11:45s Acesso em: 16/12/2024

⁶¹ Disponível em: https://youtu.be/vzRkTV8axno?si=i_OnlpWqv6_4xEbV. Trecho dos 02:18s a 02:34s. Acesso em 16/12/2024

Eu sou da Paraíba, de Alagoa Grande”. Em seguida, Fernando Faro quis saber sobre sua cidade natal. Jackson, sem cerimônia, lhe disse:

A minha cidade, rapaz, não sei se melhorou, não? Eu acho que faz mais de 900 anos que eu saí de lá. Mas eu até que gostava de lá, entende, nego véio. Porque tinha o trem, que nas outras cidades vizinhas não tinha. Tinha as lagoas para a gente pescar. Também passei uma fome da bexiga lá, por isso não quero voltar lá. Tinha que trabalhar na enxada. Era o que tinha lá em Alagoa Grande, outra coisa não tem. Aí eu fui para Campina Grande, onde já melhorou a situação.

O certo é que Zé Jack não morreu. O seu som ainda hoje inspira a sonoridade do Cascabulho, Alceu Valença, Lenine, Hermeto Pascoal, Elba Ramalho, João Bosco, Gilberto Gil, Chico Buarque e muitos outros.

No Programa ‘Arquivo N’ (vídeo) disponível na internet no endereço: <https://vimeo.com/29522367>, Chico Buarque de Holanda; João Bosco; Gilberto Gil e Jackson cantam ‘Minha Sabelê’ e ‘Sebastiana’; Jackson dá uma entrevista a Paula Saldanha; Jackson canta: ‘Chiclete com Banana’; ‘Um a Um’; ‘Forró em Limoeiro’; ‘Vou Gargalhar’; ‘O Canto da Ema’; ‘Katerina’; ‘Cintura Fina’; ‘Sebastiana’; Alceu Valença descreve a cultura musical nordestina; Regina Casé e Luiz Fernando Guimarães encenam uma paródia de ‘Sebastiana’; são vários depoimentos abordando o quanto Jackson do Pandeiro foi marcante para a MPB, segue:

JOÃO BOSCO: 03:40s: “... O Gilberto Gil foi o cara que lançou o Jackson do Pandeiro no Brasil, assim ajudou muito a divulgar, lançar o Jackson no Brasil”.

09:52s a 10:05s: “O Jackson é uma matriz, de uma maneira de interpretar, uma melodia rítmica. Jackson é a matriz. Depois do Jackson, aí a coisa ficou diferente”.

CARLO MALTA, músico: 07:58s a 08:41s: “Ele explorava ritmicamente as palavras, e hoje em dia a gente ouve essa coisa do rap e não sei o quê. E, Jackson já fazia isso a 30, 40 anos atrás. O Rei do Coco, Rei da Embolada, Rei da Improvisação, O Rei do Ritmo. Então, essa coisa me influenciou e influenciou milhões de pessoas aqui no Brasil. E, tá influenciando e vai influenciar por todo o sempre! Porque, justamente, o Jackson é uma figura que transcendeu a própria música dele. Ele deixou, foi como legado essa coisa da linguagem do tec, tec, telecoteco...”!

FERNANDO FARO, diretor do programa MPB Especial TV Cultura, 1972: 08:42s a 08:55s: “Ele faz coisas no pandeiro fantásticas. Ele faz coisas cantando fantásticas. Ele adianta, atrasa, brinca com isso”.

ALCEU VALENÇA: 11:16s a 12:56s: “O forró veio dos aboiadores, veio dos cordelistas, veio dos violeiros, veio dos emboladores e tal e coisa. E, a primeira síntese dessa cultura, anônima, foi Luiz Gonzaga... Luiz Gonzaga foi a primeira síntese... Jackson do Pandeiro foi a segunda síntese do forró... A música de Jackson é mais sincopada etc, e tal. O Luiz Gonzaga seria um Pelé. O Jackson do Pandeiro seria um Garrincha. Entendeu? Até na questão das administrações das carreiras, o Luiz Gonzaga sempre administrou bem a sua carreira. O Jackson era muito disperso, talvez. Com relação a isso! Não tinha uma grande relação com a indústria do disco e coisa assim”.

JACKSON DO PANDEIRO dá entrevista a Paula Saldanha no TV MULHER 17/02/1981
12:56s a 13:36s

Sumiram comigo, sumiram com a música brasileira total. Não tinha samba, não tinha baião, não tinha forró, não tinha xote, não tinha nada!

--Sumiram com você!

Foi embora todo mundo! Botaram o pé em cima e acabou.

--Mas, agora você está recomeçando.

Agora, ultimamente, melhorou um pouquinho a situação. Vem aparecendo o samba muito bem. Estourou o samba por lá..., através da seresta e o forró vem pegando de baixo. Pegando que nem fogo de monturo.

--Eles não podem mais abafar, a música brasileira de jeito nenhum.

Até cheguei, até cheguei a querer parar de uma vez. Eu digo, não posso gravar a música e ficar parada na prateleira, não. Parece que não estavam ligando em gastar dinheiro, não. Gravam e encostam. Grava e deixa aí.

NELSON MOTTA, Jornal Hoje 11/05/1976: 14:54s a 15:32s: “O Teatro João Caetano recebeu um excelente público para a noite especial da apresentação do lançamento oficial dos LPs de Jorge Malta, Dominginhos e o Lançamento Oficial do primeiro Álbum do Belchior. Mas, a grande estrela da noite acabou sendo uma presença imprevista: Jackson do Pandeiro, que integrava a banda do Dominginhos, acabou dando uma canja no João Caetano, e foi ovacionado pela plateia durante 10 minutos de pé!”.

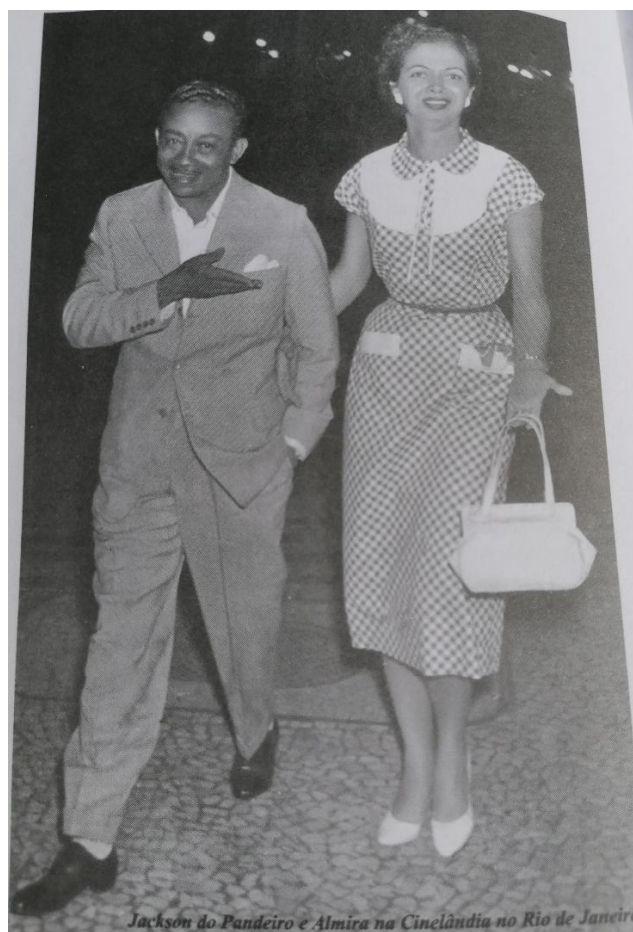
Em outro momento, o depoimento do cantor Belchior no Programa Ensaio em 1992, no qual ele fala sobre Jackson do Pandeiro e a bela imagem que dispõe do artista. Assim como uma das músicas cantadas por ele o influenciou tanto e lhe traz belas lembranças⁶² da infância.

Jackson do Pandeiro foi sempre a delicadeza, a elegância não é do canto nordestino. Ele, ele funcionou assim para o meu ouvido, né? Na infância, como o máximo de elegância que você poderia conseguir com a linguagem tradicional do Nordeste. Aquelas músicas assim picantes, maliciosas, que ele cantava ao lado de músicas importantíssimas do repertório. É, da música popular Nordestina, que depois vieram

⁶² Disponível em: <https://youtu.be/cMzSWIuw8U?si=MjyOnwqFWEwSGbPp>. A transcrição o trecho, 18:55s a 20:22s. Acesso em 11/07/2024.

a ser assim, simbólicas, né. Desse sentido de mistura que sempre teve a música popular brasileira com o que estava acontecendo no mundo todo. Como era o caso do Chiclete com Banana. Mas eu, eu me entusiasmei muito com a música do Jackson do Pandeiro, que falava da casaca de couro, né? Que era aquele pássaro, aquele pássaro que era muito comum na nossa região. E que tinha uma imagem erótica? Muito bonita, né? ‘Xô, xô, xô, xô casaca de couro cantando as duas na teia, cantando as duas na teia; Uma sobe e a outra responde, uma baixa e a outra também; Parece mulher pilando pro mode fazer Xerém; Subindo e descendo as asas; Como os seios do meu bem’.

Figura 28: Um casal elegante.



Fonte: arquivo pessoal.

3.2 OS SÍMBOLOS DO REI DO RITMO EM ALAGOA GRANDE

Na entrada da cidade de Alagoa Grande há uma imensa placa com os dizeres: “Terra de Jackson do Pandeiro”; um Pórtico de um Pandeiro; além de um Posto de Gasolina Pandeiro; de uma Pousada do Pandeiro; da Casa de Show Pandeiros Hall; Panderiar Churrascaria; do Restaurante Sabores do Rei; da Padaria Cearense (Imagem do Pão de Cachaça do Jackson); Cestão Atacarejo (‘Chegamos na cidade de Jackson do Pandeiro’); do Bistrô Maria da Pá Virada; e do Memorial Jackson do Pandeiro; e todos esses signos enaltecem a memória do grande músico. E, como há, a princípio, um memorial que visa à preservação de sua memória,

ressaltando a sua importância para a cultura da cidade, verifica-se a existência de uma controvérsia por parte de alguns dos contrerrâneos do tão significativo filho da terra.

Figura 29: Posto Pandeiro



Fonte: acervo pessoal

Posto de combustíveis utilizando a imagem de Jackson do Pandeiro

Figura 30: Pandeiro'S HALL



Fonte: acervo pessoal

Casa de show utilizando o nome do instrumento musical que deu fama ao músico famoso da cidade.

Figura 31: Panderiar Churrascaria



Fonte: acervo pessoal

Mais um empreendimento comercial a utilizar o nome e imagem do músico famoso.

Figura 32: Imagem Pão Cerveja com o Jackson do Pandeiro



Fonte: acervo pessoal

Uma padaria da cidade lançou esse pão utilizando a imagem do músico

Figura 33: Entrada da cidade de alagoa grande



Fonte: acervo pessoal

Figura 34: Memorial Jackson do Pandeiro



Fonte: acervo pessoal

A pesquisa realizada em várias fontes, partindo da análise da sua trajetória artística, das representações construídas sobre sua figura ao longo do tempo, sobretudo por artistas ligados à Música Popular Brasileira (MPB) que conviveram com ele e, também, a investigação dos lugares de memória que remetem ao ‘Rei do Ritmo’, revelou a existência de alguns vídeos onde se vê o próprio Jackson do Pandeiro, José Gomes Filho, dando entrevistas nas quais falava sobre si mesmo. Nesses vídeos analisados ao longo da pesquisa, vê-se o próprio José Gomes Filho, o Jackson do Pandeiro, ou familiares e amigos dando depoimentos sobre vida pessoal e trajetória artística do cantor.

Conseguir os contatos telefônicos da última companheira do cantor, a Sra. Neuza Flores dos Anjos, e do seu biógrafo vivo, o Sr. Fernando Moura, possibilitou fazer e manter com eles grandes diálogos sobre o artista. Isso foi algo de muita relevância para a pesquisa por serem fontes vivas que se tornaram pessoas fundamentais para dirimir dúvidas sobre informações não muito claras obtidas na pesquisa. O Secretário de Cultura do município, o Sr. Marcelo Félix, e os servidores do Memorial do Jackson do Pandeiro, possibilitaram acesso ao rico acervo ali existente, o que proporcionou um farto material a ser consultado. Além disso, foi importante conhecer o historiador da cidade de Alagoa Grande/PB, José Avelar Freire, fonte de consulta e de inúmeras instruções.

Dentre as pesquisas realizadas, foi encontrado o material elaborado pela mestra Lucilvana Ferreira Barros, que concluiu em 2013 um mestrado pela Universidade Federal de Campina Grande/PB intitulada - *Jackson do Pandeiro o rei do ritmo: a construção de um artista-monumento*. Na dissertação, ela discorre de forma muito detalhada como se deu a percepção oficial da Prefeitura de Alagoa Grande e como as pessoas comuns, de uma forma geral, viam o ilustre artista. Em seguida, aborda o que chamou da construção do Artista-

monumento, comunicando como se deu a construção da imagem do músico a partir da conclusão da biografia dele: Jackson do Pandeiro: o rei do ritmo. Com isso, passa-se a ver como se deu a elaboração e conclusão do processo de engrandecimento de Jackson do Pandeiro em sua terra natal; o empenho de um grupo de guardiões da memória do artista alagoa-grandense.

A autora analisa, ainda, o memorial do músico e o pórtico do pandeiro, desde a confecção do projeto, o orçamento e a obra concluída. Enfim, uma leitura que nos permite um entendimento bem amplo de como se deu a percepção e a construção da imagem de Jackson do Pandeiro em Alagoa Grande como ela bem intitulou: um artista-monumento.

3.2.1 Jackson do Pandeiro nas dissertações e teses

Jackson do Pandeiro, um dos maiores ícones da música popular brasileira, tem sido objeto de análise em diversos estudos acadêmicos. O "Rei do Ritmo", como ficou conhecido, é frequentemente abordado em dissertações e teses que exploram sua contribuição para a cultura nordestina, a música popular brasileira e as dinâmicas sociais e culturais do século XX. Sua obra multifacetada, marcada pela riqueza rítmica e pela versatilidade artística, atrai a atenção de pesquisadores de áreas como história, música, sociologia e estudos culturais dentro das universidades.

Diante disso, nas pesquisas acadêmicas, Jackson do Pandeiro é frequentemente apresentado como um símbolo da identidade nordestina e seu trabalho é visto como um ponto de convergência entre o tradicional e o moderno, ao incorporar ritmos como o coco, o baião, o xaxado e o samba em uma linguagem musical acessível e inovadora. Assim, os estudos destacam como ele conseguiu traduzir elementos regionais em uma linguagem universal, projetando a cultura do Nordeste para um cenário nacional e internacional da música e da arte.

Para tanto, podem ser citados trabalhos acadêmicos como, por exemplo:

Jackson do Pandeiro: O Rei do Ritmo — A Construção de um Artista-Monumento (Barros, 2013), que explora a forma como Jackson foi elevado a um ícone da cultura popular brasileira. O estudo foca nos processos sociais e culturais que contribuíram para a monumentalização de sua imagem, incluindo sua representação na mídia, seu impacto no mercado fonográfico e sua associação à identidade nordestina. Nesse contexto, Jackson é apresentado como um símbolo cultural que transcende sua obra musical, sendo uma figura central para debates sobre memória, patrimônio cultural e identidade regional.

Jackson do Pandeiro e a Música Popular Brasileira: liminaridade, música e mediação (Campos, 2017). Tese (Doutorado em Música). Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista. São Paulo, 2017. (Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/150538>. Acesso em: 16/12/2024). Esta pesquisa é dedicada ao estudo da trajetória artística e da obra musical do intérprete e compositor Jackson do Pandeiro (1919 – 1982) e suas relações no campo da Música Popular Brasileira (MPB). Jackson ocupa um lugar de destaque na história da MPB, sendo apontado por diversos artistas, como Gilberto Gil, Lenine, João Bosco, Gal Costa, Guinga, entre muitos outros, como referência fundamental para este campo artístico e cultural, influenciando suas próprias obras musicais. A produção artística de Jackson é muito diversificada, constituindo-se de gêneros musicais variados como o coco, o samba, o forró, a marcha carnavalesca, o baião, entre outros, relacionados à pluralidade de identificações que participaram de sua formação artística e cultural, e que é observada neste estudo por meio das ideias do antropólogo Victor Turner, notadamente sobre o conceito de liminaridade e seu desdobramento na noção de liminóide.

A Tese sustentada é que Jackson do Pandeiro se caracterizou por uma condição liminar/liminóide que, associada ao seu virtuosismo como artista/intérprete, possibilitou-lhe realizar uma série de mediações, por meio de sua obra, que lhe trouxeram destaque no campo da MPB, desde o período em que estava em atividade e mesmo após a sua morte, em 1982, chegando até o momento atual, em 2017. Para tanto, este trabalho investiga a trajetória artística de Jackson do Pandeiro procurando verificar de que modo foram realizadas estas mediações e as formas como sua figura foi ressignificada ao longo do tempo, inclusive com a observação de discursos que permeiam o campo da MPB e que contribuíram para a construção e consolidação de sua imagem como o “Rei do Ritmo”.

Tem lugar também nesta investigação um estudo sobre a performance vocal de Jackson, especialmente voltado para sua forma de enunciação rítmico-melódica, popularmente chamada de “divisão”, apontada em diversos discursos como elemento distintivo do artista no âmbito da Música Popular Brasileira. Neste sentido, esta pesquisa, situada na área da Etnomusicologia, mas com caráter interdisciplinar, se fundamenta em autores como A. Merriam, P. Bourdieu, R. Ortiz, M. Bakhtin e o já citado V. Turner, entre outros.

Na levada do pandeiro: A música de Jackson do Pandeiro entre 1953 e 1967 (Ramos, 2012), apresenta uma análise detalhada do período mais prolífico de sua carreira. A dissertação investiga sua discografia e os aspectos técnicos e estéticos de sua produção musical. Esse estudo

destaca a capacidade de Jackson de inovar dentro dos limites da música popular, explorando ritmos como coco, forró, baião e samba. A pesquisa também aborda o contexto histórico e social que moldou sua obra, evidenciando a importância desse período na consolidação de seu legado artístico.

A Identidade Vocal de Luiz Gonzaga e Jackson do Pandeiro em Performance (Laranjeira, 2012), oferece uma análise comparativa entre as performances vocais dos dois ícones da música nordestina. No caso de Jackson, a pesquisa explora sua versatilidade vocal e sua habilidade de manipular o ritmo e a melodia para criar interpretações únicas. O estudo revela como sua identidade vocal era essencial para a construção de sua persona artística, destacando a interação entre técnica, emoção e autenticidade na performance musical.

Jackson do Pandeiro e a Representação dos Elementos das Religiões Afro-Brasileiras (Oliveira, 2013), aborda um aspecto menos explorado de sua obra: a presença de referências às tradições afro-brasileiras em suas músicas. A pesquisa analisa como Jackson incorporou elementos dessas religiões, como ritmos e temáticas, em sua produção musical, contribuindo para a valorização e difusão dessas práticas culturais. A dissertação também reflete sobre a relação entre música e religiosidade, destacando a complexidade de sua obra como uma expressão de resistência e celebração cultural.

Práticas e Representações Nordestinas na Musicografia de Jackson do Pandeiro (1953-1981) (Silva, 2018), investiga como sua obra reflete e transforma as práticas culturais nordestinas. A pesquisa analisa a forma como Jackson utilizava sua música para representar a vida, os costumes e os valores do Nordeste, contribuindo para a construção de uma identidade regional. Além disso, o estudo destaca como sua obra dialoga com o contexto histórico de cada época, refletindo as mudanças sociais e culturais que marcaram o período entre 1953 e 1981.

Observa-se que um ponto recorrente nos trabalhos acadêmicos sobre Jackson do Pandeiro é a análise de sua contribuição técnica para a música e sua habilidade como intérprete com a sua capacidade de adaptar diversos ritmos musicais frequentemente citadas como inovações que influenciaram gerações de artistas da música da brasileira. Assim como, também, a dimensão social e política, explorando como sua trajetória artística reflete as tensões sociais de sua época, como o deslocamento de populações nordestinas para o Sudeste em busca de

melhores condições de vida. Para tanto, as pesquisas apontam que suas músicas dialogam com essas realidades, ao mesmo tempo em que oferecem uma visão otimista e espirituosa da vida cotidiana.

Os trabalhos acadêmicos, de um modo geral, evidenciam a complexidade e a profundidade do legado de Jackson do Pandeiro. Considerando que ao abordar sua música, performance e impacto cultural, os estudos revelam um artista que transcendeu sua época, moldando a música popular brasileira e contribuindo para a valorização da cultura nordestina. Sua presença na academia reflete não apenas a riqueza de sua obra, mas também sua relevância como objeto de análise para a compreensão das dinâmicas culturais e sociais do Brasil.

3.2.2 Pórtico do pandeiro na entrada da cidade

Figura 35: Pórtico do pandeiro na entrada da cidade



Fonte: acervo pessoal

A construção do pórtico no formato de pandeiro se deu como forma de ativar a memória dos moradores da cidade e de seus visitantes quanto a grandeza e alta popularidade existente no meio musical do grande intérprete, instrumentista e compositor alagoa-grandense: José Gomes Filho, o Jackson do Pandeiro. Então, na proposta de dar reconhecimento público na cidade e no estado da Paraíba ao ilustre contrerrâneo surgiu a ideia de, em conjunto com o memorial, a construção do pórtico na entrada da cidade.

Na dotação orçamentária para a construção do memorial entra a verba para, também, a obra do pórtico e, assim, surge em 2008 o imenso pandeiro suspenso na entrada da cidade de quem vem de João Pessoa/PB, Campina Grande/PB passando por Juarez Távora/PB.

Junto ao pórtico faz-se uma construção sustentando uma enorme placa com os dizeres: “Bem-vindo a terra de Jackson do Pandeiro”. Com isso, criam-se todas as condições para quem quer que chegue à cidade seja impactado, sinta-se chegando à terra do grande músico de projeção nacional.

3.2.3 Memorial Jackson do Pandeiro

Conforme se depreende da arquitetura⁶³, um memorial é: Monumento erigido em comemoração à pessoa ou coisa digna de ser lembrada. Assim, o Memorial Jackson do Pandeiro é o local de preservação de sua memória em Alagoa Grande/PB.

A seguir, dois depoimentos de Fernando Moura⁶⁴ e Rosa Aguiar⁶⁵, nos quais ele explica como se deu a concepção da criação do Memorial Jackson do Pandeiro e a importância dessa sede de memória do ilustre artista:

A ideia do memorial ela surgiu, simultaneamente, ao projeto de pesquisa que resultou na biografia do Jackson do Pandeiro, lançado em 2001. É, desde 1993 quando iniciamos o processo que tivemos acesso a uma série de informações, de documentos, de objetos que a família nos cedeu e alguns amigos, alguns pesquisadores e estudiosos. Mas, a partir daí a gente percebeu que o volume desse tesouro era suficientemente adequado para gente colocar à disposição do público. Mas, isso só poderia ser feito a partir do lançamento do livro. Pois, até então esse material servia como base de pesquisa e como referência documental para o que resultou, posteriormente, em 2001. Então, a partir de 2001 é que a gente começou, efetivamente, a lapidar esse sonho. Na verdade, a família, os amigos. Aquele núcleo da música popular brasileira que tem conhecimento, tem informações, teve acesso a música de Jackson, o repertório dele, a vida dele. Esse núcleo de pessoas já intencionava isso a um bom tempo. Desde o falecimento dele em 1982. A Prefeitura de Alagoa Grande/PB assumiu esse papel. Evidentemente, que a gente, teria que disponibilizar esse material ao público. Esse é um material extremamente rico, é um acervo onde a gente dispõe, além de discos, de fotografias, de documentos, de objetos pessoais, de instrumentos que ele, inclusive confeccionou. Há o violão que ele tocou, o pandeiro que ele tocou. Enfim, é um acervo extremamente valioso para ficar nas mãos de particulares, né. Embora, tivéssemos ficado esse tempo todo, somando tudo dá 15 anos de convivência com o projeto. Mesmo assim, apesar da gente ter guardado esse tempo todo, evidentemente, a gente não tinha as condições adequadas que um memorial, um museu, um espaço público dispõe. Então, a partir da inauguração do memorial nós imaginamos que não apenas a perpetuação do nome do Jackson, a memorização da sua obra. Mas, principalmente, tudo aquilo que diz respeito a arte de uma forma geral. Então, na medida em que ele retornar, agora, quase 90 anos depois de seu nascimento para a sua terra é o fechamento de um ciclo. Depois dele ter passado por Campinas, por João Pessoa, por Recife, e por vários locais, principalmente Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e no restante do Brasil, ele retorna a sua casa trazendo um legado, trazendo uma história vitoriosa. E, que serve, e que servirá, e que certamente vai

⁶³ Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=memorial>. Conceito de “memorial”. Dicionário Michaelis. Acesso em: 10/12/2024.

⁶⁴ Disponível em: <https://youtu.be/gg5dtpjaps?si=90Gtie1MHqXRQG2i>. Jackson do Pandeiro - uma identidade nacional. Trecho trechos 05:55s a 08:10s e de 11:26s a 12:12s. Acesso em: 09 dez. 2024.

⁶⁵ [...] Ele tinha tudo para não dar certo, mas deu [...]. Revista Genius, julho/agosto 2019 – Ano VI, nº 38. p. 10 a 12.

refletir no futuro da cidade. E no futuro de algumas pessoas que pode usar o exemplo de Jackson como referência para sua própria vida. Além disso, tem um componente emocional, sentimental, da própria família. A ideia de trazer os restos mortais dele para ficar no memorial definitivamente. Então, ele vai descansar lá eternamente.

Ainda em entrevista, Fernando Moura prossegue e narra como ocorreu a construção do Memorial do Jackson do Pandeiro e do Museu de Arte Popular ou Museu dos Três Pandeiros, este em Campina Grande/PB:

A família de Jackson foi essencial, fundamental para minha pesquisa. Eu fiquei como guardião do material de Jackson durante muito tempo, mais isso estava me queimando as mãos, imagina ficar com isso..., eu fiquei com o que sobrou: dois pandeiros, vários chapéus, algumas roupas, documentos, fotografias, recortes de jornais, letras de músicas, anotações e tudo isso compôs o universo documental para a biografia, que foi lançada em 2001. Antes da biografia ser lançada, o prefeito de Alagoa Grande/PB, a época, Hildon Régis Navarro Filho, me procurou para elaborar um projeto para montar um museu em torno de Jackson, em Alagoa Grande/PB. A iniciativa primeira foi dele, e fui incorporando o que tinha, o que ganhou uma intensidade maior, deu substância ao projeto. Ele conseguiu financiamento no Ministério do Turismo e, mesmo assim, demorou oito anos. Os restos mortais de Jackson estão, hoje, no seu Memorial. Inicialmente estavam no Complexo de Cemitério do Caju, no Rio de Janeiro/RJ e conseguimos, depois de um ano de muita burocracia, trazer.

Quanto ao Museu de Arte Popular, também conhecido como Museu dos Três Pandeiros, foi criado para receber o restante do acervo de Jackson e grande parte que foi digitalizada. O material de Campina Grande/PB, ... precisava de um espaço para ser acomodado. Foi quando foi proposto ao arquiteto Oscar Niemeyer desenhar o museu. Quando ele soube que se era o museu para homenagear Jackson do Pandeiro, fez no formato dos pandeiros.

Figura 36: Museu dos Três Pandeiros



Fonte: <https://images.app.goo.gl/k5YPje5eqz6htLiT6> acesso em 16/12/2024.

O Museu de Arte Popular da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), ou como é carinhosamente chamado pela população de: ‘Museu dos Três Pandeiros’, foi o último projeto com a assinatura de Oscar Niemeyer. Tendo sido executado pelo arquiteto Luiz Marçal, integrante da equipe de Niemeyer e responsável pela obra na Paraíba, o projeto é o mais recente concluído no mundo com a assinatura de Niemeyer. Situado as margens do Açude Velho, em Campina Grande/PB, abriga em uma de suas alas parte do acervo de Jackson do Pandeiro.

Ainda em 2008⁶⁶, a Prefeitura confeccionou o seguinte panfleto de divulgação do Memorial na época da inauguração, assinada pelo prefeito Hildon Régis Navarro Filho:

A volta do filho pródigo

Quando Jackson do pandeiro, ainda meninote, deixou Alagoa Grande para buscar seu devido lugar no mundo, a maioria de nós nem era nascida. Vagando na lembrança de alguns conterrâneos que tiveram o privilégio de conhecê-lo pessoalmente, o filho do oleiro José Gomes e da coquista Flora Mourão pairava sobre sua cidade como um mito distante e inacessível, quase uma lenda urbana. Até agora. Vencedor na arte que abraçou, o intérprete, compositor, e instrumentista, nascido no Engenho Tanques, as vésperas da passagem de seus 90 anos, retorna ao berço de sangue, para reverências e descanso eternos. Para ficar em casa. Ao entregar a Alagoa Grande, a Paraíba e ao Brasil este Memorial Jackson do Pandeiro, reunindo o maior acervo sobre a vida e obra do Rei do Ritmo, a Prefeitura de Alagoa Grande, em parceria com Ministério do Turismo, reestabelece um compromisso de honra com seu mais ilustre filho. Espaço plural, imagina-se que a estrutura, os equipamentos e o material reunidos estimulem

⁶⁶ Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/1915>. Encontrado na dissertação Jackson do Pandeiro o rei do ritmo: a construção de um artista-monumento de Lucilvana Ferreira Barros, Universidade Federal de Campina Grande – UFCG 2013. Acesso em: 16/12/2024.

nos visitantes, além da preservação da memória do artista, o prazer pelas artes, pelo conhecimento e pela história, ferramentas que podem alavancar cidadania, autoestima e o desenvolvimento de qualquer lugar. Que seja aqui, então. Jackson é do Brasil, mas mora em Alagoa Grande, no Brejo da Paraíba. Um chão de sementes férteis, cujas raízes estão fincadas, definitivamente, no jardim da Música Popular Brasileira. Este é o nosso legado.

Em Alagoa Grande/PB, a importância da cultura é sintetizada no Memorial de Jackson do Pandeiro por meio do empreendimento conjunto da Prefeitura Municipal e do Ministério do Turismo, entregue em 19/12/2008 e que permanece em plena atividade. No local, encontram-se em exposição permanente objetos, documentos, discos, fotografias, vestuários, instrumentos musicais, as suas Certidões de Nascimento e de Batismo entre outras peças que compõem um rico acervo a respeito da vida e obra de José Gomes Filho, o Jackson do Pandeiro, ele que foi um ícone da música popular brasileira (MPB). O memorial possui um importante potencial cultural e turístico, fortalecendo e mantendo a memória viva do grande músico. O ambiente proporciona aos que o visitam o reconhecimento e o fortalecimento da musicalidade do Rei do Ritmo para as atuais e as novas gerações.

Outra parte do acervo de Jackson do Pandeiro se encontra em Alagoa Grande/PB e a terceira parte em João Pessoa/PB, na Fundação Casa José Américo. Havia uma grande discussão entre as cidades de Alagoa Grande que dizia ser ele, Jackson do Pandeiro, natural da cidade; assim como também se dizia de João Pessoa/PB e Campina Grande/PB. Entretanto, nenhuma dessas cidades apresentava prova e, por isso, esse acervo foi dividido entre essas três cidades. Essa divisão se mostrou, de qualquer forma, como algo positivo porque são três locais disponibilizando parte de acervo do artista, de sua documentação e de um material que possibilita a realização de estudos sobre ele e a preservação de sua memória nestes locais.

4. MÉTODO DA PESQUISA

4.1 A IMPORTÂNCIA DO REGISTRO E DA CERTIDÃO DE NASCIMENTO: ASPECTOS CONCEITUAIS, LEGAIS E EFEITOS DECORRENTES

O cartório é o primeiro contato da pessoa natural, do indivíduo, com o Estado por conta do registro de nascimento.

O Supremo Tribunal Federal analisando a Ação Direta de Inconstitucionalidade 1800 reconheceu que a cidadania no Brasil é uma cidadania eminentemente documental. Assim, a certidão de nascimento é o primeiro documento do cidadão. Com isso, tendo a pessoa natural a posse do registro de nascimento poderá obter os outros documentos que possibilitam a plena satisfação dos direitos e garantias no convívio social. A certidão de nascimento é a base de todos os outros documentos da pessoa natural.

Por sua vez, o nome diz respeito aos direitos da personalidade e a autonomia da vontade, além de determinar como o usuário será chamado. O nome é composto de prenome e sobrenome e é recebido no momento do registro de nascimento, sendo considerado um direito da personalidade. No caso do José Gomes Filho houve muitas e muitas mudanças....José, Jack, José Jack, Jack do Pandeiro, Jackson do Pandeiro! Haja mudanças! E essas mudanças ocorreram de forma informal. Ou seja, tudo na informalidade, de forma mais comercial ou por necessidade do meio artístico.

Jackson do Pandeiro teve uma vida cheia de grandes peculiaridades e migrou por diversas vezes ao longo de sua vida. Assim, tornou-se um grande desafio saber ou localizar seu assento de nascimento originário. O normal, o mais provável, é que o assento de nascimento de uma pessoa se dê onde ela nasce ou onde residem os seus pais. Entretanto, não foi isso que ocorreu com o José Gomes Filho. Na busca pelo assento de nascimento originário do José Gomes Filho, houve a colaboração inestimável de Eva Beatriz Tavares da Costa de Oliveira, que acessando o site da *FamilySearch* encontrou o assento de nascimento de José Gomes Silva. Inicialmente foi constatado que não era o Jackson do Pandeiro, porém, o escrevente Gabriel Francisco dos Santos Cassiano, ao analisar o registro, descobriu que José Gomes Silva era José Gomes Filho. Assim, encontrou via pesquisas no site da *FamilySearch*: o assento de casamento em Campina Grande/PB em 30/09/1941 de José Gomes Filho com Maria da Penha Figueira; e o seu assento de nascimento tardio, em que o próprio José Gomes Filho se registrou, aos 18/09/1954, em Recife/PE no 2º Distrito Judiciário da Capital RCPN Cartório Santo Antônio.

Um fato interessante dessa busca pelo assento de nascimento originário de Jackson do Pandeiro, José Gomes Filho, no acervo de Alagoa Grande/PB e no site da *FamilySearch* foi a mudança que foi feita no próprio site da *FamilySearch* onde agora consta o assento de nascimento tardio de José Gomes Filho pois antes esse assento era atribuído a José Gomes Silva. Ou seja, a busca pelo assento de nascimento do ilustre artista alagoa-grandense corrigiu o próprio site da *FamilySearch*⁶⁷.

É importante lembrar que os assentos de nascimento e óbito, que atualmente são gratuitos, só vieram a ocorrer com a promulgação da Constituição Federal do Brasil de 1988 (CF). Essa gratuidade decorre da atual Constituição Federal⁶⁸, a Constituição Cidadã, conforme o Art.5º, LXXVI: são gratuitos para os reconhecidamente pobres, na forma da lei: o registro civil de nascimento. Esse direito, hoje, é estendido para todos, independentemente da condição social por ocorrer com base em um princípio de fundamento constitucional: a dignidade da pessoa humana.

O presidente da Assembleia Nacional Constituinte, Ulysses Guimarães, tão bem explicitou no momento histórico em que apresentou a Constituição Federal de 1988 concluída e a chamou de Constituição Cidadã. Anteriormente, os assentos de nascimentos e óbitos eram pagos e isso explica o porquê de tantos assentos de nascimentos tardios. É que a grande maioria da população não tinha meios financeiros para pagá-los. Até poderiam obter o assento do nascimento de forma gratuita, desde que fossem a uma delegacia de polícia e conseguissem um Atestado de Pobreza, mas, isso se configurava como sendo algo humilhante, embora alguns, por necessidade, se sujeitassem.

⁶⁷ Disponível em: <https://ancestors.familysearch.org/pt/KLJ1-XHX/jos%C3%A9-gomes-filho-1919-1982>. Acesso em: 16 dez. 2024.

⁶⁸ Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 16 dez. 2024.

DECLARAÇÃO DE ÓBITOS 1976 ATÉ 1981	LIVROS DE EDITAL E DE AUDIÊNCIAS PÚBLICAS PEDIDOS DE REGISTROS 1960 ATÉ 1962	ATESTADO DE POBREZA 1983 ATÉ 1985	ATESTADO DE POBREZA 1988 ATÉ 1991	PEDIDOS DE REGISTROS 1966 ATÉ 1969	ATESTADO DE POBREZA 1978 E 1979	DECLARAÇÕES DE ÓBITOS 1984 ATÉ 1998
PEDIDOS DE REGISTROS 1950 ATÉ 1956	PEDIDOS DE REGISTROS 1973 ATÉ 1975	ATESTADO DE POBREZA 1995 E 1996	DECLARAÇÃO DE POBREZA 1995 E 1996	ATESTADO DE POBREZA 1992 ATÉ 1994	PEDIDOS DE REGISTROS 1978 ATÉ 1979	PEDIDOS DE REGISTROS 1970 ATÉ 1972
PEDIDOS DE REGISTROS 1963 ATÉ 1965	ATESTADO DE POBREZA 1976 E 1985	PEDIDOS DE REGISTROS 1980 ATÉ 1985	ATESTADO DE POBREZA	PEDIDOS DE REGISTROS 1976 ATÉ 1977	PEDIDOS DE REGISTROS 1935 ATÉ 1949	

CASAMENTO MAIO ATÉ DEZEMBRO 1988	CASAMENTOS JANEIRO ATÉ MAIO 2011	ATESTADO DE POBREZA 1985 E 1987	CASAMENTOS MAIO ATÉ NOVEMBRO 2012	CASAMENTO NOVEMBRO E DEZEMBRO/2013 JANEIRO/2014	CASAMENTO DEZEMBRO/2014 JANEIRO A MARÇO 2015	CASAMENTO JANEIRO A JUNHO 2016
CASAMENTOS SETEMBRO ATÉ DEZEMBRO 2007	CASAMENTOS JUNHO ATÉ DEZEMBRO 2008	CASAMENTOS JULHO ATÉ DEZEMBRO 2010	CASAMENTOS JANEIRO ATÉ ABRIL 2012	CASAMENTO ABRIL A OUTUBRO 2013	CASAMENTO JULHO A NOVEMBRO 2014	CASAMENTO SETEMBRO A DEZEMBRO 2015
CASAMENTOS JANEIRO ATÉ MAIO 2008	CASAMENTOS JANEIRO ATÉ JUNHO 2010	CASAMENTOS JUNHO ATÉ DEZEMBRO 2011	CASAMENTO DEZEMBRO/2012 JANEIRO A MARÇO/2013	CASAMENTO FEVEREIRO A JUNHO 2014	CASAMENTO ABRIL A AGOSTO 2015	

Fica o registro de que a pesquisa, a busca, pelo assento de nascimento primário, o primeiro assento de nascimento, do José Gomes Filho, no Cartório de Registro Civil de Alagoa Grande/PB permanece em curso.

A informação do nascimento do José Gomes Filho, o Jackson do Pandeiro, ser de Alagoa Grande/PB é veiculada na sua biografia “Jackson do Pandeiro o Rei do Ritmo”, escrita pelos autores Antônio Vicente Filho e Fernando Moura, da Editora 34. Essa informação também pode ser encontrada em diversos vídeos na Internet, alguns nos quais o próprio Jackson do Pandeiro se declara natural de Alagoa Grande, na Paraíba. Contudo, não havia a apresentação da Certidão de Nascimento para comprovar sua origem, fato que gerava as dúvidas acerca da naturalidade do artista.

94

Com isso, a dúvida quanto a naturalidade de Jackson do Pandeiro, o José Gomes Filho, ser ou não de Alagoa Grande/PB foi elucidada. A Certidão de Nascimento atualizada do assento de nascimento de José Gomes Filho, o Jackson do Pandeiro, foi solicitada ao Cartório de Registro Civil de Pessoas Naturais do 2º Distrito em Recife/PE, primeiramente, pessoalmente e depois pela Central de Registro Civil Nacional (CRC), tendo sido recebida e materializada, o Oficial de Registro Civil de Alagoa Grande/PB, em 03 de outubro de 2023, fez a doação no dia seguinte ao Memorial do Jackson do Pandeiro, onde se encontra-se afixada.

Figura 38: Imagem da Certidão de Nascimento

A imagem mostra uma Certidão de Nascimento emitida pelo Cartório de Registro Civil de Pessoas Naturais do 2º Distrito em Recife/PE. O documento é para José Gomes Filho, nascido em 07 de agosto de 1954. O registro foi realizado em 03 de outubro de 2023. O documento contém campos para nome, data de nascimento, local de nascimento, sexo, estado civil, e informações sobre o registro. Há uma assinatura manuscrita e um QR code no canto inferior direito.

REPUBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS NATURAIS
CERTIDÃO DE NASCIMENTO
NOME: JOSÉ GOMES FILHO

SEM INFORMAÇÃO

AVULSO A 076018 01 55 1954 1 00073 268 0062316 11

DATA DE NASCIMENTO: 07 DE AGOSTO DE 1954

LOCAL DE NASCIMENTO: ALAGOA GRANDE/PB

SEXO: MASCULINO

ESTADO CIVIL: SOLTEIRO

FLORA MARIA DA CONCEIÇÃO NATURAL DE PERNAMBUCO

UNIDADE DE REGISTRO: RECIFE

DATA DE EMISSÃO: 03 DE OUTUBRO DE 2023

OFICIAL DE REGISTRO CIVIL: JOSÉ GOMES FILHO

Assinatura: *Getulio Ramo de Oliveira Filho*

Getulio Ramo de Oliveira Filho - Oficial
Vale ressaltar para materialização: R\$ 57,93

Cartório de Registro Civil de Pessoas Naturais
Recife - PE
Avenida Dantas Falcão, 100 - Santo Antônio - CEP: 50010-000
E-mail: cartorio@recife.pe.gov.br
Tel: (81) 32433005

Fora do âmbito do Estado de Pernambuco
Selo Digital: ADM88771-4025
Controle a autenticidade em: <https://portal.dados.gov.br>

Fonte: acervo próprio

É importante salientar que na Certidão de Nascimento acima não há a indicação do pai e dos avós paternos e dos avós maternos do registrado. Segundo o atual registrador civil, isso decorre, pelo que lembra do seu avô já falecido, explicar, que teve a honra de lavrar o assento de nascimento tardio do famoso cantor, e a sua respectiva emissão da Certidão de Nascimento. Ele afirmou que o avô comentava que o registrado não apresentou, no momento do registro, a Certidão de Casamento dos pais ou a Certidão de Óbito do genitor e, por essa razão, não pode constar no seu assento de nascimento tardio naquele cartório tais informações. O registrador, no entanto, concordou em registrá-lo com o agnome: Filho. Isso decorre da triste realidade que se tem, amplamente documentada, através de inúmeros registros de nascimentos que ocorriam nos dias, nos meses, nos anos e até nas décadas depois de se nascer em Alagoa Grande/PB e pode-se dizer, talvez, para todo o país.

Com a grande descoberta do assento de nascimento tardio do ilustre paraibano, acabou a enorme celeuma que existia quanto a naturalidade do Jackson do Pandeiro, fato que resultou

na divisão seu acervo histórico entre as cidades de Alagoa Grande/PB, Campina Grande/PB e João Pessoa/PB. Inicialmente, todas elas ‘brigaram’ para sediar seu acervo por completo. Assim, pode-se encontrar a memória do grande artista alagoa-grandense nas três cidades que o abrigaram em fases diversas de sua vida: o Memorial Jackson do Pandeiro (Alagoa Grande/PB), que tem visitação gratuita e diária; o Museu dos Três Pandeiros (Campina Grande/PB), onde a visitação é gratuita e de terça a domingo; a Fundação Casa de José Américo (João Pessoa/PB), onde a visitação é também gratuita e de terça a domingo. Nesta última há o Centro de Arte Popular no qual se encontra uma parte do acervo de Jackson do Pandeiro.

Assim, vê-se que mais uma vez Jackson do Pandeiro engrandece a cultura do Estado da Paraíba ao proporcionar sua representatividade musical em três locais de memória!

4.3 BUSCA E LOCALIZAÇÃO DO REGISTRO E DA CERTIDÃO DE BATISMO DE JACKSON DO PANDEIRO

E, numa outra linha de pesquisa relacionada a Igreja Católica, na Igreja Nossa Senhora da Boa Viagem ou Igreja Matrix de Alagoa Grande/PB, subordinada a Arquidiocese de Guarabira/PB, foi solicitada a Certidão de Batismo de João Gomes Filho. A princípio houve negativa porque o pedido não estava partindo de um familiar, mas depois de muitas conversas e explicações sobre a necessidade do documento para subsidiar a pesquisa sobre o artista realizada como aluno do mestrado em História oferecido pela Universidade Caxias do Sul (UCS), a Certidão de Batismo do José Gomes Filho foi, finalmente, obtida. O Padre João Bosco Francisco do Nascimento, entendeu a razão da solicitação e a forneceu aos 24 de maio de 2024, constando que José, leia-se: José Gomes Filho, filho de José Gomes e Flora Maria da Conceição foi batizado naquela Igreja aos 28/09/1919 conforme assentamento de batismo no Livro 25, Folha 05, sob o número 759.

A Certidão de Batismo do ‘Rei do Ritmo’ foi doada, também, ao Memorial do Jackson do Pandeiro que fica na sua cidade natal em Alagoa Grande/PB e se encontra neste momento exposta para que todos os visitantes possam vê-la. Assim, passa-se a ter a confirmação de que José ou José Gomes Filho, o Jackson do Pandeiro, é natural de Alagoa Grande/PB tanto no âmbito civil, quanto no religioso, diante da obtenção de provas robustas e irrefutáveis.

Figura 39: Certidão de Batismo

 **DIOCÊSE DE GUARABIRA**
Paróquia Nossa Senhora da Boa Viagem
Rua Francisco Lino Cavalcante de Miranda, nº34 - Centro
CEP: 56.388-000 - Alagoa Grande - PB
Fone: (83) 3273-1184/ 99863-0867



CERTIDÃO DE BATISMO

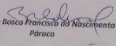
Certifico que revendo os livros de assentamento de Batismo desta paróquia, consta no livro. 25, folhas. 05, sob o número. 759, o seguinte termo:

Aos vinte e oito de setembro de mil novecentos e dezanove, na Igreja Matriz de Alagoa Grande, batizou-se solenemente a JOSE, nascido aos trinta e um de agosto de mil novecentos e dezanove, filho de Rosa Maria da Conceição, tendo sido seus padrinhos: José Batista dos Santos e Severina Thoub.

Para constar, mandei fazer este termo que assino: Pároco - Cônego Hermilo Cavalcante.

Observação: De acordo com o documento civil, o nome do mesmo é José Gomes Filho, como também o nome do seu pai é José Gomes.

- 28 via Ext. nos 25 de agosto de 1954 para fins militares.
- A presente certidão foi extraída aos 22 de maio de 2024, para fins de comprovação.


Pe. João Bosco Francisco do Nascimento
Pároco

08.202.416/0022-74
PARÓQUIA NOSSA SENHORA DA
BOA VIAGEM
Rua Francisco Lino Cavalcante de Miranda, nº34
Centro - CEP: 56.388-000
Alagoa Grande - Paraíba

Fonte: acervo pessoal

5 ANÁLISE DA PESQUISA

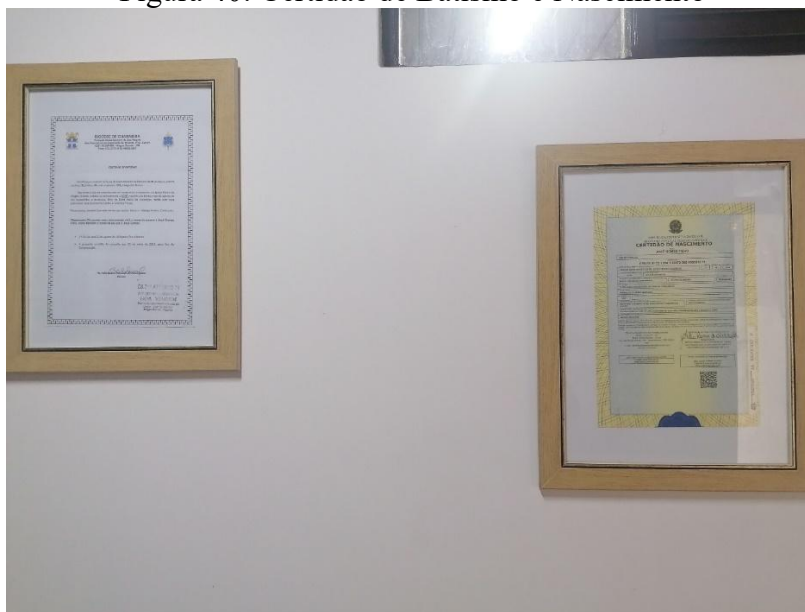
5.1 APRESENTAÇÃO DA CERTIDÃO DE BATISMO DE JACKSON DO PANDEIRO; ANÁLISE DE SEU CONTEÚDO E IMPLICAÇÕES PRÁTICAS PARA A HISTÓRIA DO MÚSICO

A Certidão de Batismo foi conseguida em Alagoa Grande/PB e, a princípio, devolvida porque só constava o registro de batismo de José, filho de Flora Maria da Conceição. Nesse dia, diversas pessoas haviam sido batizadas como José. Qual deles seria o José Gomes Filho, o Jackson do Pandeiro? Na época na Igreja e nos Cartórios de Registro Civil havia o costume registrar apenas pelo prenome e o nome da mãe, sem o nome do pai se os genitores não fossem casados.

Como o José Gomes não era casado na Igreja com a Flora Maria da Conceição, que também era conhecida por Flora Mourão, que depois teve o nome retificado para Flora Jacinto da Conceição, o nome de família não foi registrado no batizado, à época. Para dirimir os pormenores na questão do batismo, foi preciso conversar com o padre da paróquia e explicar que sobre a realização do mestrado em História na UCS, apresentando a Certidão de Nascimento encontrada na capital pernambucana onde o próprio José Gomes Filho se registrou tardiamente. Com isso, o padre teve que se reportar a Arquidiocese de Guarabira/PB, a qual a Igreja em Alagoa Grande/PB está vinculada e, por fim, a Igreja forneceu a Certidão de Batismo com uma observação de que o José se refere a José Gomes Filho e que o pai seria José Gomes.

Então essa certidão de batismo foi doada ao Memorial do Jackson do Pandeiro e, hoje, encontra-se afixada na parede e a vista de todos os visitantes do memorial junto com a certidão de nascimento. Com isso, foram obtidas as provas materiais tanto no âmbito cível, como no âmbito religioso de que José Gomes Filho é natural de Alagoa Grande/PB, constituindo uma garantia legal e legítima.

Figura 40: Certidão de Batismo e Nascimento



Fonte: Acervo pessoal

5.2 APRESENTAÇÃO DA CERTIDÃO DE NASCIMENTO DE JACKSON DO PANDEIRO; ANÁLISE DE SEU CONTEÚDO E IMPLICAÇÕES PRÁTICAS PARA A HISTÓRIA DO MÚSICO

O trabalho na Serventia trouxe a percepção de que faltavam 2 (dois) livros de nascimentos no acervo do Cartório de Registro Civil de Alagoa Grande/PB: os livros de números 11 e 13. Nesse contexto, o processo de seleção do mestrado tornou-se importante porque promoveu a iniciativa da busca pelo assento de nascimento do José Gomes Filho, por conta da grande dúvida que havia sobre a sua naturalidade. Alguns cidadãos alagoa-grandense diziam que ele era natural de Alagoa Grande; outros diziam que era de Campina Grande; e, outros ainda, de João Pessoa.

Então, o registrador anterior comunicou a existência da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias (FamilySearch), que havia feito microfilmagens do acervo do cartório em anos anteriores. No intuito de recuperar o acervo da serventia e de obter os livros faltantes, foi realizado contato com a Igreja, que confirmou a informação e, após longas e desgastantes buscas na Sede da Corregedoria do Tribunal de Justiça do Estado da Paraíba constatou-se que os registros em microfilmes realizados não estavam na posse do referido Tribunal. Foram necessárias diversas reuniões e encontros, para que ocorresse uma nova entrega desses acervos microfilmados nos anos de 1982, 1985 e 2002 pela FamilySearch sem que houvesse custos,

conforme previsão em contrato assinado entre a entidade religiosa e o Tribunal. Foi preciso a interveniência da própria Corregedoria do TJPB e a boa vontade do representante da Igreja para que esses arquivos microfilmados fossem novamente entregados sem contrapartida financeira.

Conforme dito, anteriormente, havia uma cláusula do contrato na qual se os arquivos microfilmados dos livros das serventias extrajudiciais tivessem de ser entregues novamente, essa entrega seria feita mediante pagamento. Entretanto, em face da insegurança jurídica de ter o acervo incompleto e ter que trabalhar com livros faltando, ou livros que se encontram, nos dias de hoje, em péssimo estado de conservação, provocando uma dúvida para o fornecimento das informações e muita dificuldade prática, no dia a dia, para um bom atendimento aos usuários, foram levados em consideração as argumentações dos membros do Tribunal e graças à intervenção direta do representante judicial, os arquivos foram apresentados novamente. Inclusive, na ocasião, o representante do TJPB afirmou: “Olha, se vocês (a *FamilySearch*) entregarem novamente, sem ter custo algum para os cartórios, isto será visto como sendo uma medida positiva da parte de vocês, e pode ser noticiado ao Conselho Nacional de Justiça (CNJ)”. Essa observação foi colocada porque, na semana anterior à realização da reunião, o CNJ, havia emitido um Pedido de Providências nº 0004052-34.2021.2.00.0000 que suspendeu as tratativas em andamento nos Estados da Federação para a parceria/convênio entre a associação religiosa e os Tribunais de Justiça visando a digitalização dos acervos dos Cartórios de Registros Cíveis. Assim, está impedido que qualquer entidade como a *FamilySearch* ou qualquer outra entidade de fins semelhantes no Brasil tivesse acesso aos livros dos cartórios para digitalizar, microfilmar ou qualquer outro tipo aquisição dos acervos.

Então, o representante da *FamilySearch* concordou em reentregar todos os microfilmes dos acervos dos cartórios paraibanos que dispunham, sem custo algum, para o Tribunal e para os Cartórios, tendo sido entregue todo o material, não só as informações relativas aos livros de Alagoa Grande, mas de todos as outras serventias extrajudiciais do estado, mais de 67 (sessenta e sete) outros municípios do estado paraibano. Ou seja, foram disponibilizadas as imagens microfilmadas feitas há quatro décadas aos 68 (sessenta e oito) municípios paraibanos.

Desse modo, graças a busca pelo assento de nascimento originário de José Gomes Filho, o Jackson do Pandeiro, é que foi possível reintegrar ao acervo de Alagoa Grande e ao de 67 outros municípios paraibanos toda a microfilmagem dos livros feitas nos anos de 1982, 1985 e 2002. Todos os municípios que tiveram seus acervos microfilmados pela *FamilySearch* foram agraciados com essa recomposição de seus acervos gratuitamente. Isso não tem preço para a prestação do serviço cartorário! Hoje é possível fornecer certidão atualizada de nascimento,

casamento ou óbito com os elementos existentes no registro, com os dados lavrados nos livros originais microfilmados com a garantia da segurança das informações ao usuário dos serviços.

Quando não se localiza o assento de nascimento, casamento ou óbito e há elementos concretos de que houve o registro na Serventia Extrajudicial, abre-se um procedimento de restauração, mas esse é um procedimento bem complexo, difícil e que se não for possível prejudicará o usuário e a sociedade como um todo.

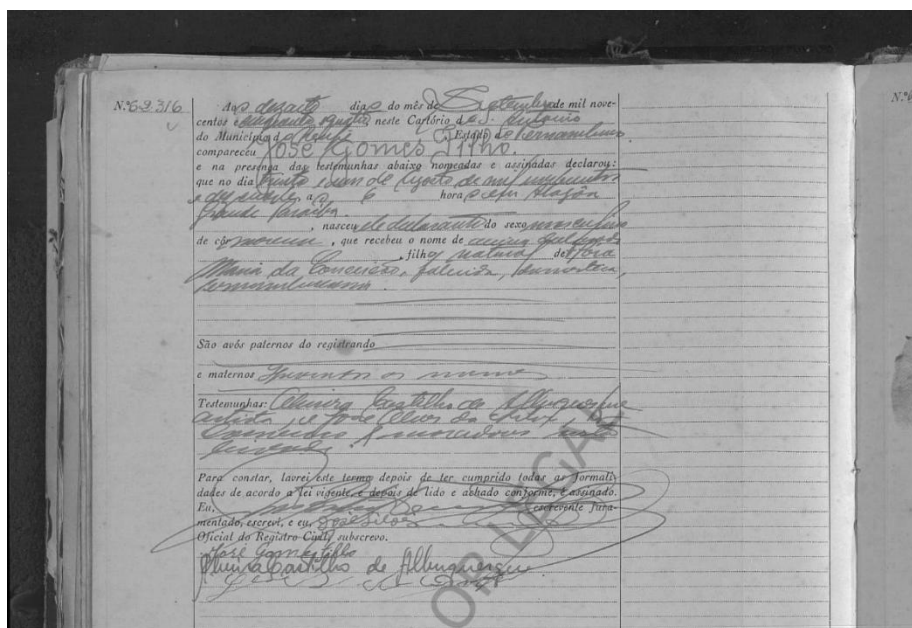
Para o Direito brasileiro o que garante a naturalidade é o registro de nascimento no Cartório de Registro Civil. O assento do nascimento no cartório é materializado no livro. Quando se precisa confirmar esse registro, emite-se uma certidão de nascimento. Com essa visão foi iniciada a busca no acervo de Alagoa Grande pelo assento originário de nascimento de José Gomes Filho. A pesquisa revelou não ser fácil porque, na prática, no cartório, antigamente, o registro de nascimento das pessoas mais humildes, de baixo poder aquisitivo, muitas vezes não era feito de imediato e quando feito, era meses, anos ou décadas depois do nascimento. E, no caso dos filhos de Flora Mourão com José Gomes em Alagoa Grande/PB, a família teve primeiro o filho de nome José, depois a filha Severina e por último o terceiro filho de nome João. E, até então não foram localizados esses assentos de nascimentos primários.

Assim, na busca pelo assento de nascimento de José Gomes Filho, o Jackson do Pandeiro, foi iniciada a procura pelo Livro de Nascimento nº 18, que corresponde ao período de 24/04/1919 a 06/12/1919, passando pela data 31/08/1919, data de nascimento do futuro artista. Depois de muito trabalho, viu-se que para garantir uma maior segurança e rigor às pesquisas seria melhor que os livros fossem indexados ao sistema de informática do cartório. Ou seja, os assentos de nascimentos tiveram de ser trasladados do livro para o sistema de informática utilizado na unidade extrajudicial. Com isso, já foram indexados desde o Livro de Nascimento 17 ao Livro de Nascimento 37, este último, compreendendo ao período de 24/04/1932 a 09/05/1932 e ainda em curso. Mas, até então, não foi possível localizar o assento de nascimento originário, em Alagoa Grande/PB, do grande músico alagoa-grandense.

Essa negativa de encontrar o assento de nascimento originário decorre do fato da família, tendo um poder aquisitivo baixíssimo, não o ter registrado de imediato quando nasceu. No entanto, só será possível ter essa certeza da inexistência do assento de nascimento originário, em Alagoa Grande/PB, quando forem concluídas as buscas nos livros relativos a todo o período compreendido entre 31/08/1919 até 30/09/1941. Ou seja, abrangendo desde a data de seu nascimento (31/08/1919) até a data de seu casamento com Maria da Penha Filgueiras em Campina Grande/PB, em 30/09/1941.

Por conta da pesquisa/busca pelo assento de nascimento de José Gomes Filho, descobriu-se que em 18 de setembro de 1954, Jackson do Pandeiro, José Gomes Filho, esteve pessoalmente, no 2º Distrito Judiciário da Capital, Cartório Santo Antônio, em Recife/PE, tendo por companhia Almira Castilho de Albuquerque e se registrou aos 35 anos de idade. Esse tipo de registro é chamado tardio e nele consta que o cantor se declarou natural de Alagoa Grande/PB. Isso, no entanto, causou uma grande dúvida porque no assento de nascimento dele, conforme a imagem do Livro de Nascimento, tem as assinaturas dele, de Almira Castilho de Albuquerque como testemunha e a assinatura do registrador.

Figura 42: Assento de Nascimento Tardio em Recife/PE



Fonte: <https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:3Q57-L9Z1-5Q17?view=index&personArk=%2Fark%3A%2F61903%2F1%3A1%3AQLWZ-J962&action=view&cc=2016195>.

Comparecendo-se ao Cartório em Recife/PE e tendo acesso ao livro de nascimento onde consta o registro tardio, sem nenhuma retificação, foi revelado pelo atual registrador, o responsável pelo cartório, a controvérsia do registro de uma pessoa com o agnome “Filho” sem apresentar no assento, qualquer referência ao pai, aos avós maternos e paternos. O registrador alegou que, por se tratar de uma pessoa famosa, o seu avô fazia questão de falar, que havia feito o registro de nascimento de Jackson do Pandeiro. Além disso, naquela época o registro era muito precário, então o que se declarava era registrado. Hoje a prática é bem diferente: há todo um regramento a ser cumprido e, inclusive, um Provimento do CNJ próprio para essas situações.

O registrador da época, comentou em casa, que havia feito o registro de nascimento tardio, de José Gomes Filho, o famoso Jackson do Pandeiro. Em 1954, Jackson do Pandeiro já

era uma figura muito admirável, principalmente em Recife/PE, por conta da Rádio Jornal do Comércio e dos lançamentos de grandes sucessos das músicas: Sebastiana; Forró em Limoeiro; Um a Um; Mulher do Aníbal.

Ele se registrou com o nome: José Gomes Filho. O agnome filho faz entender que o nome dele é mesmo do pai. No entanto, na certidão solicitada ao Cartório em Recife/PE e impressa em Alagoa Grande/PB não consta o nome do pai ou de seus avós paternos ou maternos. A referida Certidão de Nascimento foi doada ao Memorial do Jackson do Pandeiro e já se encontra exposta.

Resumindo, graças ao Programa de Mestrado em História da Universidade de Caxias do Sul, a pesquisa empreendida no mestrado em História, existe agora a certificação de que José Gomes Filho é natural de Alagoa Grande/PB, no âmbito civil e religioso.

A FamilySearch

A *FamilySearch* é uma organização sem fins lucrativos dedicada à preservação e à disponibilização de informações genealógicas, criada pela Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Fundada em 1894, sob o nome Genealogical Society of Utah, a organização tornou-se referência mundial, amplamente reconhecida por sua vasta base de dados e pela facilidade de acesso que oferece as pessoas que estão interessadas em descobrir e em documentar sua história familiar através do acesso e a criação de conta no site <https://www.familysearch.org/pt/>.

Composta por registros históricos provenientes de mais de 100 países, entre certidões de nascimento, casamento, óbito, censos, registros eclesiásticos e muitos outros documentos essenciais para a reconstrução de histórias familiares, a *FamilySearch* possibilita às pessoas a oportunidade de compreender melhor suas origens e de transmitir esse conhecimento às gerações futuras. O trabalho é desempenhado através da digitalização contínua desses documentos, realizado por voluntários, como um dos principais esforços da organização voltadas para preservar e expandir seu acervo.

O papel desempenhado pela *FamilySearch* é crucial no auxílio a milhões de indivíduos ao redor do mundo, independentemente de crenças religiosas, que desejam conectar-se as suas raízes. Inclusive, um grande diferencial é o acesso gratuito aos seus recursos, algo que democratiza a genealogia, permitindo que pessoas de diferentes origens sociais e econômicas possam traçar suas linhagens. No entanto, a pesquisa genealógica pode ser complexa e nem

sempre as informações estão completas ou disponíveis na plataforma, pois o acervo está em constante construção.

A plataforma oferece tutoriais, materiais educativos e até centros de apoio localizados em diversas cidades para auxiliar os usuários nesse processo. Assim, a *FamilySearch* representa mais do que um banco de dados. Ela é uma ponte entre o passado e o presente, ajudando as pessoas a reconhecerem a importância de suas histórias pessoais e familiares no contexto da humanidade. O compromisso com a preservação e acessibilidade de registros históricos faz dela um recurso indispensável para qualquer pessoa interessada em genealogia ou na preservação da memória familiar.

ACERVO ENTREGUE PELA FAMILYSEARCH VIA CORREGEDORIA AOS CARTÓRIOS PARAIBANOS

Graças a pesquisa do mestrado em busca da certidão de nascimento de José Gomes Filho, o Jackson do Pandeiro, foi possível obter da *FamilySearch* os arquivos do acervo do Cartório de Registro Civil de Alagoa Grande/PB num total de 130 livros: nascimentos, casamento e óbitos.

Abaixo está anexo o Malote Digital recebido pela Corregedoria do Tribunal de Justiça do Estado da Paraíba conclamando os registradores para comparecerem à Corregedoria portando HD externo com a finalidade de receberem os arquivos digitais.



**TRIBUNAL DE JUSTIÇA DA PARAÍBA
CORREGEDORIA GERAL DA JUSTIÇA
GERÊNCIA DE FISCALIZAÇÃO EXTRAJUDICIAL**

Av. Comendador Renato Ribeiro Coutinho, S/N - Altiplano - João Pessoa - PB - CEP 58.046-060
☎ (83) 3252.1700 ✉ gefex@tjpb.jus.br

Ofício Circular nº 003/2023/GEFEX/CGJ

João Pessoa, 25 de abril de 2023.

Às
Suas Senhorias os(as) Senhores(as)
Delegatários
Ofícios de Registro Civil das Pessoas Naturais
Estado da Paraíba

Assunto: solicita comparecimento para disponibilizar digitalização de livros entregue pela FamilySearch

Senhores(as) Delegatários(as),

Em cumprimento à Decisão contida no Pedido de Providências nº 0000608-70.2021.2.00.0815, em anexo, informo que o Gerente de Relações Institucionais – Brasil da FamilySearch, Sr. Mário L S Silva, disponibilizou HD externo e pendrive com trabalho de digitalização de acervo realizado nos RCPNs da Paraíba, tendo esta Gerência identificado as serventias e relacionado o tamanho da base de dados que foi fornecida a esta Corregedoria.

Assim, objetivando disponibilizar a digitalização dos livros, solicito que o Delegatário ou preposto dessa serventia compareça, no prazo de 20 (vinte) dias, a esta Corregedoria com HD externo de capacidade mínima de armazenamento indicada no anexo para ser feita cópia de tudo aquilo que foi entregue pela FamilySearch.

Ressalto que todo o material entregue pela FamilySearch está sendo disponibilizado às serventias indicadas na relação em anexo, de forma que esta Gerência, naturalmente, não terá como disponibilizar o material às outras serventias que não foram listadas.

Atenciosamente,

SEBASTIAO
ALVES CORDEIRO
JUNIOR:4748905

Assinado de forma digital
por SEBASTIAO ALVES
CORDEIRO JUNIOR:4748905
Dados: 2023.04.25 17:03:43
-03'00'

Sebastião Alves Cordeiro Júnior
Gerente de Fiscalização Extrajudicial

SERVENTIA	TAMANHO EM GIGABITES	OBSERVAÇÕES
00.033-1 - RCPN de Aroeiras	56,2 GB	
06.869-2 - RCPN de Princesa Isabel	138, GB	
06.873-4 - RCPN de Cabaceiras	84, GB	
06.898-1 - RCPN de Cabedelo	44,7 GB	
06.901-3 - RCPN de Boa Vista	12,7 GB	
06.919-5 - RCPN de Parari	7,7 GB	
06.923-7 - RCPN de Água Branca	20,5 GB	
06.927-8 - RCPN de Caraúbas	7,7 GB	
06.963-3 - RCPN de Ingá	50, GB	
06.968-2 - RCPN de Livramento	16,6 GB	
06.970-8 - RCPN do Distrito de Pontina	1,83 GB	
06.973-2 - RCPN de Pilões	34,8 GB	
06.978-1 - RCPN de Coxixola	5,32 GB	
06.981-5 - RCPN de Pilar	57,1 GB	
06.987-2 - RCPN de São José de Princesa	8,85 GB	
06.988-0 - RCPN de Baraúnas	6,4 GB	
06.989-8 - RCPN de Caturité	14,5 GB	
06.991-4 - RCPN de Congo	6,7 GB	
06.992-2 - RCPN de Camalaú	10,7 GB	
07.009-4 - RCPN de Monteiro	92,3 GB	
07.010-2 - RCPN de São José dos Cordeiros	6,23 GB	
07.013-6 - RCPN de Pedra Lavrada	16,3 GB	
07.014-4 - RCPN de São José dos Ramos	1,41 GB	
07.043-3 - RCPN de Nova Palmeira	1,68 GB	
07.063-1 - RCPN de Gurinhém	32,5 GB	
07.066-4 - RCPN de São João do Tigre	6,8 GB	
07.070-6 - RCPN de Picuí	74,7 GB	
07.075-5 - RCPN de Alagoa Grande	30,2 GB	
07.082-1 - RCPN de Cuité	66,9 GB	
07.084-7 - RCPN de Fagundes	54, GB	
07.089-6 - RCPN de Frei Martinho	2,2 GB	
07.090-4 - RCPN de Boqueirão	56,47 GB	Extinto. Acervo com o CNS 06.903-9
07.096-1 - RCPN de São Sebastião do Umbuzeiro	18,3 GB	
07.098-7 - RCPN de Sossego	2,04 GB	
07.099-5 - RCPN de Sucuru	4,82 GB	
07.101-9 - RCPN de Umbuzeiro	2,22 GB	
07.101-9 - RCPN de Umbuzeiro	106, GB	
07.102-7 - RCPN de Zabelê	2,3 GB	
07.108-4 - RCPN de Santo André	21,4 GB	
07.111-8 - RCPN de Riachão do Bacamarte	8,1 GB	
07.112-6 - RCPN de Gurjão	5,76 GB	
07.116-7 - RCPN de Barra de Santa Rosa	15,4 GB	
07.121-7 - RCPN de Itatuba	23,2 GB	
07.122-5 - RCPN de São João do Cariri	26, GB	
07.124-1 - RCPN de São Miguel de Taipu	15,1 GB	
07.125-8 - RCPN de Natuba	25,1 GB	
07.125-8 - RCPN de Natuba	14,7 GB	
07.126-6 - RCPN de Serra Branca	19,6 GB	
07.131-6 - RCPN de Queimadas	440, GB	
07.141-5 - RCPN de Manairá	15, GB	
07.147-2 - RCPN de Coremas	40,8 GB	
07.149-8 - RCPN de Paulista	8,99 GB	
07.169-6 - RCPN de Caldas Brandão	17,2 GB	Anexada administrativamente. Acervo com o CNS 07.063-1
07.173-8 - RCPN de Pelo Sinal	3,76 GB	
07.180-3 - RCPN de São Bento	10,3 GB	
07.186-0 - RCPN de Juru	22,1 GB	
07.188-6 - RCPN de Nova Floresta	15,1 GB	
07.200-9 - RCPN de Salgado de São Félix	45,7 GB	
07.214-0 - RCPN de Malta	43,6 GB	
07.218-1 - RCPN de Galante	26,3 GB	
07.221-5 - RCPN de Imaculada	31,5 GB	
07.230-6 - RCPN de Assunção	6,04 GB	
07.285-0 - RCPN de Sumé	25,7 GB	
07.299-1 - RCPN de Barra de São Miguel	8,11 GB	
07.300-7 - RCPN de Areial	21,8 GB	
07.314-8 - RCPN de Santa Luzia	1,68 GB	
07.330-4 - RCPN de Barra de Santana	1,85 GB	
07.335-3 - RCPN de Tavares	35,5 GB	
07.339-5 - RCPN de Condado	5,95 GB	
15.427-8 - RCPN de Pio X	1,8 GB	Extinta. Acervo com o CNS 07.285-0
15.720-6 - RCPN do Distrito de Melo	2,11 GB	
TOTAL	2110,72 GB	

Esse material disponibilizado é de uma importância sem igual pois possibilita que imagens feitas há décadas sejam reintroduzidas ao acervo das Serventias Extrajudiciais e isso possibilitou que livros em péssimo estado de conservação ou que sequer existem mais possam ser consultados, acessados, restaurados ou recompostos.

HISTORICIANDO A BUSCA PELO ACERVO MICROFILMADO PELA *FAMILYSEARCH* DO RCPN DE ALAGOA GRANDE QUE CULMINOU EM BENEFÍCIO A MAIS 67 MUNICÍPIOS PARAIBANOS

A titularidade da Serventia Extrajudicial de Registro Civil de Alagoa Grande/PB foi assumida em 01 de dezembro de 2021 e, na ocasião, recebido o acervo praticamente 100% físico (livros e processos de habilitação de casamentos, dentre outros documentos). Naquele momento foi verificado que o estado de conservação de alguns livros antigos era muito ruim (alguns já estão inservíveis e outros se deterioraram pela ação do tempo).

Na primeira semana de fevereiro de 2022, de 07 a 11, o Ofício de Registro Civil das Pessoas Naturais e de Interdições e Tutelas do Município e Sede de Comarca de Alagoa Grande/PB – CNS 07075-5 sofreu a Correição Ordinária nº 0000480-16.2022.2.00.0815 por parte da Corregedoria-Geral de Justiça do Estado da Paraíba, do TJPB, que terminou, com 11 provimentos a serem respondidos. Dentre eles, o 10.4, determinando a digitalização dos livros do acervo para a formação de arquivo de segurança, nos termos da Recomendação nº 09 e 11 do Conselho Nacional de Justiça (CNJ).

Inicialmente, foi dado o prazo de sessenta dias para o cumprimento dos provimentos. Após diversos Ofícios emitidos pelo Cartório explicando a necessidade de prorrogação do prazo para o cumprimento do mencionado provimento, a Corregedoria determinou que fosse apresentado um cronograma de digitalização.

Para atender ao provimento deixado pela correição, solicitou-se o orçamento de digitalização do acervo a duas empresas: Dig & Tech; e Mega Dados. Descartou-se o da empresa “Dig & Tech”, haja vista tem-se obtido informações muito negativas quanto à qualidade do trabalho. Diferentemente, recebeu-se excelentes recomendações da segunda empresa (Mega Dados – orçamento à frente). Naquele momento não foi solicitado orçamento à Neocart, terceira empresa que também realiza a digitalização.

Cumprir destacar que, à exceção da empresa descartada (Dig & Tech), todas as demais realizam o serviço em João Pessoa/PB, sendo necessária a saída dos Livros da Serventia, o que representaria um risco, com possibilidade de um sinistro com ocorrência de dano ao acervo. Ora, há uma vedação do Código de Normas Extrajudicial a esse respeito.

Analisando-se em conjunto com o registrador o risco da saída de livros da serventia, o Corregedor Geral do Extrajudicial sugeriu a formação de uma espécie de consórcio entre as serventias de uma mesma região, com vistas a facilitar a assinatura de um número maior de

contratos com a empresa prestadora do serviço, como um incentivo a viabilizar o envio de funcionários para efetivar a digitalização nas próprias serventias.

Informou-se, por oportuno, que conversando com o Presidente da Associação de Registradores Civis de Pessoas Naturais da Paraíba - Arpen/PB, ele afirmou existir um projeto da entidade para viabilizar a digitalização do acervo das serventias de Registro Civil, mas ainda não foi finalizado em razão das muitas demandas assumidas pela instituição.

Em 20 de junho de 2022, por meio de ofício, foi noticiado acerca da informação obtida do anterior delegatário interino de que a *FamilySearch* teria feito a digitalização de grande parte do acervo do Cartório de Registro Civil de Pessoa Naturais (RCPN) de Alagoa Grande/PB, e que foi informado de que os arquivos seriam entregues à Corregedoria Geral de Justiça-CGJ para posterior entrega ao responsável pela Serventia Extrajudicial, porém, ele delegatário, nunca os recebeu. Neste período o titular da Serventia já iniciara um mestrado na Universidade Caxias do Sul (UCS) em História abrangendo a vida de Jackson do Pandeiro.

Ainda em 14 de outubro de 2022, o registrador atual noticiou que o registrador anterior recebeu um comunicado da Corregedoria Geral de Justiça, a sua época, determinando que fosse providenciada a digitalização do acervo, mediante um convênio entre o TJPB e a *FamilySearch*, e assim procedeu. No entanto, até a sua destituição como registrador interino, não recebeu nenhum arquivo em formato digital proveniente de tal serviço (essa informação foi confirmada, junto ao anterior Registrador).

Entrando-se em contato com o Setor de Fiscalização da CGJ, foi confirmada a informação de que a *FamilySearch* fez a microfilmagem dos livros em algumas serventias extrajudiciais, no entanto, não se sabia a localização/destino dos arquivos recebidos pela Corregedoria daquela entidade religiosa.

Em consulta junto ao representante da *FamilySearch*, Sr. Mário Silva, este ratificou a informação de que os arquivos foram devidamente entregues à Corregedoria do Extrajudicial do TJPB, com a advertência quanto à necessidade de feitura de cópia de segurança antes de posterior repasse aos registradores.

Desta feita, imediatamente, entrou-se em contato com a Corregedoria Geral de Justiça do Tribunal de Justiça da Paraíba, historicizando a situação, tendo sido agendada e realizada uma reunião com a participação do representante da *FamilySearch* no Brasil, da Corregedoria, e da Serventia de Registro Civil de Alagoa Grande. Nessa reunião, o representante da Associação Internacional se comprometeu a entregar as imagens microfilmadas dos Livros do Cartório de Registro Civil de Alagoa Grande, em primeiro lugar, que foram microfilmadas na época em

que estava à frente da serventia o referido interino. Porém, até a data de 14/10/2022 ainda não havia sido entregue qualquer arquivo microfilmado.

Com a cautela da devida observância a Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD), o atual registrador civil informou ser totalmente favorável e interessado na retomada da digitalização pela *FamilySearch* do acervo do cartório de Alagoa Grande, uma vez que essa medida teria o condão de facilitar e garantir a perpetuação das informações do acervo a um custo zero para os delegatários. Neste particular, importa ressaltar que as Serventias Extrajudiciais de Registro Civil da Paraíba, em sua grande maioria, são deficitárias ou possuem uma baixa arrecadação, e o referido serviço exige um alto investimento financeiro. Fato é que a maioria das serventias não têm condições de arcar.

Sabe-se que a *FamilySearch* já disponibiliza em suas páginas na Internet as informações obtidas com as microfilmagens anteriormente realizadas, e hoje digitalizadas feitas dos cartórios. Isso decorre dos pedidos de 2ª vias que se tem recebido na serventia, após buscas feitas no sítio eletrônico da dita Organização. Portanto, a disponibilização pública das referidas informações tem permitido e facilitado que os usuários encontrem as serventias onde foram lavrados os assentos de seus interesses. Ademais, nessa microfilmagem/digitalização feita, possivelmente, muitos livros tiveram suas informações coletadas e preservadas em situação física melhor do que a atual. O receio era de que se esses arquivos digitais não fossem conseguidos, muitos dos assentos de nascimentos, casamentos e óbitos estariam permanentemente perdidos.

Assim, contactou-se o Gerente de Relacionamento da *FamilySearch* no Brasil, Sr. Mário Silva, na tentativa de receber-se o que fora digitalizado. Ele ficou de entrar em contato com a matriz da Organização nos EUA e dar uma resposta quanto à possibilidade de aquisição dos arquivos. Salientou-se, no entanto, que a organização tem todo o interesse em retomar a digitalização dos acervos nos RCPN da Paraíba e, desta vez, incluindo os processos de habilitação dos casamentos.

Salvo melhor juízo, portanto, o trabalho de digitalização feito pela *FamilySearch* apresenta a um só tempo dois aspectos positivos para a atividade das serventias do Registro Civil: custo zero e facilidade de localização dos registros, podendo essa Organização ser uma importante aliada para que Alagoa Grande e outras Serventias Extrajudiciais possam cumprir a exigência da digitalização do acervo.

Por todo o exposto, solicitou-se ao corregedor a suspensão do prazo para cumprimento da digitalização e a apresentação de um plano de digitalização do acervo da Serventia, até que

sejam concluídas as pendências acima descritas (disponibilização dos arquivos das microfilmagens feita pela *FamilySearch* e análise dos orçamentos das empresas prestadoras do serviço de digitalização, bem como previsão de como custeá-lo), que são imprescindíveis à elaboração do referido plano. Neste intuito, assumiu-se desde logo o compromisso de manter informada a CGJ quanto ao andamento da conclusão das mencionadas pendências.

Entrou-se em contato com o representante da *FamilySearch* no Brasil, sendo informado que se receberia os arquivos dos EUA até a próxima semana. E, que, tão logo os recebesse providenciaria a entrega pessoalmente ou por meio dos Correios. Assim, permaneceu-se no aguardo dos ditos arquivos, que serão de grande ajuda, uma vez que as imagens foram feitas em um período em que os livros se encontravam em um melhor estado de conservação.

Informou-se, finalmente, que se solicitou à empresa Mega Dados o orçamento para digitalização do acervo. A proposta foi de R\$ 57.262,50 para um prazo de execução de 180 (cento e oitenta) dias úteis (digitalização e recorte das imagens), referente ao quantitativo de folhas abaixo discriminados:

Registros de nascimentos: 41.034;
Casamentos Civis: 10.607;
Casamentos religiosos com efeito civil: 855;
Óbitos: 19.690;
Natimorto: 300;
Proclamas: 2.700;
Livros “E”: 1.164
Total: 336 Livros e 76.350 folhas.

Considerando a real e iminente possibilidade de recebimento das imagens de livros que teriam sido microfilmadas no passado pela *FamilySearch*, suspendeu-se o processo de contratação de serviço de digitalização fato que ocasionou aborrecimentos.

Em 20 de março de 2023, referente as pendências da Correição Ordinária – 0000480-16.2022.2.00.0815 (Provimento 10.4, da Corregedoria Geral de Justiça do Estado da Paraíba) no tocante ao Provimento 10.4, referente à apresentação do cronograma e início do processo de digitalização dos livros arquivados para a formação de Arquivo de Segurança, conforme exigência dessa Corregedoria, tem-se a esclarecer e ao final apresenta-se:

Recebeu-se do representante da *FamilySearch*, Sr. Mário Silva, os arquivos que foram microfilmados no período de 01/06/1982 a 15/08/2005, abrangendo Livros de Nascimentos, Casamentos e Óbitos. Isso graças a Correição e a busca pelo assento de nascimento de José Gomes Filho.

De logo, ressalta-se que essa aquisição foi de grande relevância, pois conseguiu-se recompor ao acervo os Livros de Nascimentos A-11 e A-13 e diversos Livros de Óbitos que quando se assumiu a Serventia Extrajudicial de Alagoa Grande/PB já não mais existiam.

Neste particular, conforme inventário de transmissão do acervo, feito em 01/12/2021, verifica-se que os Livros de Nascimentos A-01 ao A-33 encontravam-se nos seguintes estados de conservação:

Ausentes: 11 e 13;

Péssimos: 9, 10, 12, e 32;

Precários: 2,3,4, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 33.

Com exceção do Livro de Nascimento A-32, que em junho de 1982 já se encontrava em péssimas condições, os demais acima já estão devidamente microfilmados e em condições de serem lidos.

De acordo com o referido inventário de transmissão do acervo feito em 01/12/2021, verifica-se também que os Livros de Casamentos B-01 ao B-14 encontravam-se nos seguintes estados de conservação:

Péssimos: 14;

Precários: 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13.

Conforme, ainda, o mesmo inventário de transmissão do acervo feito em 01/12/2021, verifica-se, finalmente, que os Livros de Óbitos 01 ao 74 anteriores a Lei de Registro Público (LRP) e do C-01 ao C-21, após a LRP, encontravam-se nos seguintes estados de conservação:

Ausentes: 9, 10, 20, 23, 24, 60, 61, 62;

Péssimos: 3, 5, 6, 7, 8, 11, 12, 22 25;

Precários: 18, 21, 26, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 43, 4, 45, 46, 47, 52, 54, 55, 56, 57, 58, 65, 66, 67, 68, 73.

Assim, para idealizar um cronograma de digitalização do acervo, fez-se necessária uma análise detalhada dos arquivos já microfilmados e entregues pela *FamilySearch*, com vistas a concluir o que efetivamente ainda restava pendente de digitalização.

Da dita análise feita até o último dia 20/03/2023, conclui-se pela necessidade de digitalização (considerando haver condições físicas para tal – livros bem conservados) do seguinte quantitativo de livros abaixo relacionados:

NASCIMENTOS:

Antes da Lei de Registro Público (LRP): 34 ao 108/A-1;

Depois da LRP: 108/A-1 ao A-76.

Total de Livros a digitalizar: 150.

CASAMENTOS CIVIS:

Antes da Lei de Registro Público (LRP): 13 ao 25/B-1;

Depois da LRP: 25/B-1 ao B-26.

Total de Livros a digitalizar: 13.

CASAMENTOS RELIGIOSOS COM EFEITOS CIVIS:

B AUX 01 ao 03

Total de Livros: 03

ÓBITOS:

Após a Lei de Registro Público (LRP): C-10 ao C-21.

Total de Livros a digitalizar: 12.

PROCLAMAS: D-00 ao D-10.

Total de Livros a digitalizar: 11.

Livro “E”: E-1 ao E-12.

Total de Livros a digitalizar: 12.

TOTAL GERAL DE LIVROS A DIGITALIZAR: 201

Cumpre-se destacar, como dito anteriormente, que se assumiu a titularidade da referida Serventia Extrajudicial em dezembro de 2021 e recebeu-se o acervo 100% físico, ocasião na qual verificou-se que o estado de conservação de alguns livros era precário, conforme acima registrado (alguns já estão inservíveis e outros se deterioram pela ação do tempo).

De logo, é importante pontuar que, embora não seja considerada deficitária, a Serventia de Registro Civil das Pessoas Naturais de Alagoa Grande – RCPN de Alagoa Grande/PB possui uma receita mensal muito pequena, estando a maior parte comprometida pelas despesas mensais correntes. Neste particular, vale salientar que o importante serviço de digitalização do acervo demanda um alto investimento financeiro. Assim sendo, em razão da baixa arrecadação mensal da serventia, faz-se necessária a elaboração de um cronograma de digitalização que permita uma programação de pagamentos condizente com o potencial financeiro da serventia.

Ademais, o processo de digitalização pode ser providenciado mediante contratação de empresa especializada ou por meio de aquisição de maquinário de digitalização (comprado ou alugado). A modalidade a ser escolhida dependerá de prévia solicitação de orçamento a pelo menos 03 (três) empresas especializadas, bem como pesquisa de custo de maquinário (compra e aluguel) para o fim de definir a melhor opção que possibilite a feitura do serviço em prazo razoável, considerando a já mencionada limitada capacidade financeira da serventia.

Feitas tais considerações, apresentou-se um Cronograma de Digitalização para o Acervo do RCPN de Alagoa Grande/PB que foi concluído em dezembro de 2024 graças a aquisição do que fora microfilmado e entregue pela *FamilySearch* e da busca pelo assento de nascimento do Jackson do Pandeiro, José Gomes Filho.

Nesse período de negociações entre o Cartório de Registro Civil de Alagoa Grande/PB, a Corregedoria e a *FamilySearch*, o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) instaurou um Procedimento de Controle Administrativo (PCA) para apurar a legalidade de acordos firmados por tribunais brasileiros com a *FamilySearch International*. Essa entidade, sem fins lucrativos, sediada em Salt Lake City e financiada pela Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, dos Estados Unidos da América, com o objetivo de digitalização das informações dos cartórios de registro civil firmados até a data de 11/11/2013. Alguns Tribunais de Justiça dos estados firmaram, inicialmente, “acordo de digitalização” com a entidade, abrangendo os registros de nascimento até 1930, de casamento até 1950, e de óbito “até os dias atuais”.

Sabe-se que de acordo com informações do CNJ já houve a digitalização feita no Brasil em 14 estados: Mato Grosso; São Paulo; Rio de Janeiro; Espírito Santo; Minas Geraí; Santa Catarina; Rio Grande do Sul; Paraná; Bahia; Paraíba; Rio Grande do Norte; Ceará; Pernambuco e parte do Pará. A instituição informou, ainda, que atualmente estão em processo de

digitalização os Estados do Piauí e o Rio de Janeiro. Tudo isso sem qualquer custo para os para os cartórios⁶⁹.

As digitalizações dos acervos foram interrompidas em 2022, em razão da Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD), e em decorrência da construção normativa de proteção de dados voltada ao Foro Extrajudicial, que culminou com a edição do Provimento CNJ n. 134/2022, hoje integrado ao Código Nacional de Normas da Corregedoria Nacional de Justiça, entre os artigos 79 e 135⁷⁰. Além de uma recomendação do próprio CNJ na qual informa que não poderá ter seguimento nenhum tipo de contrato com entidades externas aos cartórios que permitam acesso ao acervo.

Em decorrência desse Provimento do CNJ a associação religiosa fez uma visita ao CNJ e os representantes da organização foram solicitar o reestabelecimento do acesso a informações do registro civil das pessoas naturais no Brasil, na intenção de dar continuidade ao trabalho de catalogar as pessoas registradas, a fim de unir gerações por meio do mapeamento genealógico das famílias espalhadas pelo mundo.

⁶⁹ Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2013-nov-11/cnj-analisa-acordo-entre-tribunais-brasileiros-instituicao-eua/>, acesso em 16/12/2024.

⁷⁰ Disponível em: <https://www.cnj.jus.br/corregedoria-recebe-associacao-religiosa-que-realiza-mapeamento-genealogico-de-familias-pelo-mundo/>, acesso em 16/12/2024.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação teve como objetivo central a pesquisa sobre a naturalidade de Jackson do Pandeiro, um paraibano da cidade de Alagoa Grande e ícone da música popular brasileira. Este trabalho foi motivado pela controvérsia em torno de seu local de nascimento e pela necessidade de reconstituir sua trajetória de vida, por meio da qual foram revelados aspectos fundamentais sobre a história pessoal e o legado cultural desse artista.

Assim, a pesquisa alcançou resultados significativos ultrapassando o esclarecimento quanto à problemática sobre sua origem; também gerou dois produtos finais de grande relevância para o estado da Paraíba, considerando o trabalho e apoio realizado pela organização *FamilySearch*.

O primeiro produto final consistiu na obtenção das certidões de batismo e da certidão de nascimento tardia de Jackson do Pandeiro, documentos que atestam a sua naturalidade em Alagoa Grande/PB. Esse registro representa o resultado de um processo de pesquisa detalhado, que envolveu a análise de documentos em arquivos públicos e privados, entrevistas e cruzamento de informações históricas e bibliográficas. A validação documental de sua naturalidade não apenas resolve uma dúvida histórica, mas também fortalece os laços de identidade cultural entre o artista e sua cidade natal, podendo resgatar sua conexão com a comunidade local.

Em virtude da busca do documento referente à certidão de nascimento tardia de Jackson do Pandeiro, foram identificadas ausências documentais nos cartórios do Estado da Paraíba, o que resultou no segundo produto desta dissertação: a reconstituição dos acervos de 68(sessenta e oito) Cartórios de Registro Civil de municípios paraibanos, viabilizada, também, por meio da parceria com a organização *FamilySearch*. Este esforço incluiu a microfilmagem e digitalização de livros de registros civis, permitindo uma redução de custos na preservação e reconstituição de acervos que foram adquiridos com a microfilmagem entregue pela *FamilySearch*, possibilitando a preservação e organização de dados para as famílias beneficiadas e futuras pesquisas históricas e genealógicas.

Diante disso, a pesquisa resultou na extraordinária reconstituição do acervo do Cartório de Registro Civil de Alagoa Grande e de outros 67 (sessenta e sete) municípios paraibanos, abrangendo inúmeros documentos referentes a: 1) registros de nascimentos; 2) casamentos civis; 3) casamentos religiosos com efeito civil; 4) óbitos; 5) natimorto. No caso de Alagoa Grande/PB, representados por um total de 130 (Cento e trinta) livros.

Entre os municípios beneficiados no Estado da Paraíba, além de Alagoa Grande, estão: Água Branca, Areial, Aroeiras, Assunção, Baraúnas, Barra de Santa Rosa, Barra de Santana, Barra de São Miguel, Boa Vista, Cabaceiras, Cabedelo, Camalaú, Caraúbas, Caturité, Condado, Congo, Coremas, Coxixola, Cuité, Distrito de Melo, Distrito de Pontina, Fagundes, Frei Martinho, Galante, Gurinhém, Gurjão, Imaculada, Ingá, Itatuba, Juru, Livramento, Malta, Manaíra, Monteiro, Natuba, Nova Floresta, Nova Palmeira, Parari, Paulista, Pedra Lavrada, Pelo Sinal, Picuí, Pilar, Pilões, Princesa Isabel, Queimadas, Riachão do Bacamarte, Salgado de São Félix, Santa Luzia, Santo André, São Bento, São João do Cariri, São João do Tigre, São José de Princesa, São José dos Cordeiros, São José dos Ramos, São Miguel de Taipu, São Sebastião do Umbuzeiro, Serra Branca, Sossego, Sucuru, Sumé, Tavares, Umbuzeiro, Zabelê.

Embora o foco inicial fosse resolver a controvérsia em torno da naturalidade de Jackson do Pandeiro como primeiro produto final da pesquisa, o projeto alcançou resultados que transcenderam o objetivo primário. A iniciativa contribuiu de forma substancial para a salvaguarda de uma parte relevante do patrimônio documental paraibano (segundo produto final), assegurando que esses registros permaneçam acessíveis às próximas gerações. Além disso, o impacto do trabalho se estende ao campo da História Pública, ao criar possibilidades para novas formas de engajamento com o passado e fortalecer a relação das comunidades locais com seus registros históricos.

Assim, a reconstituição do acervo documental não apenas beneficiou diretamente a pesquisa sobre Jackson do Pandeiro, mas também consolidou uma base sólida para novas pesquisas futuras. Ao resgatar documentos essenciais, o estudo reitera a importância de estratégias que integrem preservação documental e inovação tecnológica, garantindo que a memória cultural do Estado da Paraíba continue viva e acessível. Dessa forma, o presente trabalho representa uma significativa contribuição tanto para a história regional quanto para os estudos de cultura popular brasileira.

Ressalta-se que o esforço de microfilmagem e digitalização realizado em parceria com a *FamilySearch* demonstra uma abordagem inovadora e colaborativa para a preservação documental. Em um contexto em que arquivos e registros frequentemente enfrentam problemas de degradação física, a iniciativa representa uma forma de resistência cultural. Ao garantir que documentos de registro civil sejam preservados e acessíveis, a pesquisa fortalece o vínculo das comunidades locais com sua história e identidade.

Com a recuperação de 130 livros microfilmados entre 1982 e 2005 de nascimentos, casamentos, óbitos do Cartório de Registro Civil de Alagoa Grande (sem falar no acervo de 67

outros municípios paraibanos), o projeto de microfilmagem representou um recurso inestimável para genealogistas, historiadores e outros pesquisadores. Registros de nascimento, casamento e óbito são fontes primárias essenciais para compreender a formação de famílias, redes sociais e dinâmicas populacionais ao longo do tempo. Ao possibilitar a microfilmagem e digitalização desses documentos, o trabalho facilitou o acesso a informações que poderiam ter sido perdidas, ampliando horizontes de pesquisa tanto para fins acadêmicos quanto pessoais.

Em última análise, o trabalho transcende sua função acadêmica ao atuar como um modelo para futuros projetos de preservação documental. Ele demonstra como pesquisas individuais, ao serem conduzidas de maneira interdisciplinar e colaborativa, podem gerar benefícios coletivos amplos.

A preservação do patrimônio documental, impulsionada pela tecnologia e pela cooperação institucional, assegura que as vozes do passado, como a de Jackson do Pandeiro, continuem a inspirar o presente e o futuro. Esse trabalho reafirma a importância de iniciativas que conectem pesquisa, preservação e práticas sociais, promovendo um impacto que vai além da academia e fortalece a identidade cultural e histórica de toda uma região.

Vale ressaltar que, além dos produtos finais descritos acima, a pesquisa resgatou aspectos cruciais da biografia do artista, desde sua infância humilde até sua consagração como um ícone da música popular brasileira, destacando-se o impacto cultural de sua obra; a influência de Jackson do Pandeiro em gerações de artista; e sua memória, imortalizada em monumentos e homenagens, como o Memorial Jackson do Pandeiro em Alagoa Grande e o Monumento Farra da Bodega em Campina Grande, que reforçam a necessidade de ações que preservem e divulguem seu legado.

No entanto, a pesquisa desenvolvida revelou que a memória de Jackson do Pandeiro encontra-se fragilizada no âmbito local, haja vista que grande parte da população de Alagoa Grande desconhece detalhes de sua história. Mesmo com a presença do Memorial na cidade, sua visitação é predominantemente composta por turistas, o que evidencia a necessidade de estratégias voltadas à educação e à promoção de eventos culturais que envolvam diretamente a comunidade local.

Essa realidade evidencia a necessidade da realização de ações voltadas para a valorização e disseminação de sua história. Com isso, a pesquisa sugere estratégias para a promoção de eventos culturais em Alagoa Grande, não apenas para homenagear o artista, mas também para fortalecer a identidade regional e o pertencimento comunitário.

Por fim, além de contribuir para a preservação da memória de Jackson do Pandeiro, este trabalho abre caminhos para futuras pesquisas que tenham como objetivo aprofundar o impacto de sua obra na cultura brasileira e que possam ampliar o debate sobre a importância de figuras históricas na construção de identidades regionais.

Assim, a pesquisa reitera a relevância de integrar metodologias da História Pública para conectar comunidades ao seu patrimônio cultural, tornando a história mais acessível e significativa para diferentes públicos. Para tanto, em um contexto marcado por desafios na preservação de memórias e no fortalecimento de identidades locais, a figura de Jackson do Pandeiro surge como um símbolo de resistência cultural e inspiração artística, cuja importância transcende os limites da Paraíba e ecoa por todo o Brasil.

7 REFERÊNCIAS

- Aos 80 anos radialistas Adelzon Alves, o Amigo da Madrugada é demitido da Rádio Nacional. Rede GN, Bahia, 25 fev. 2020. Disponível em: https://www.redegn.com.br/?sessao=noticia&cod_noticia=127934. Acesso em: 16 dez. 2024.
- AUTRAN, Margarida. Já me chamaram para gravar ritmo estrangeiro, mas eu só faço Brasil mesmo. O Globo, Rio de Janeiro, 24 set. 1976. *apud* MOURA e VICENTE, 2001, p; 332.
- BARROS, Lucilvana Ferreira. Jackson do Pandeiro o rei do ritmo: a construção de um artista monumento. 2013. 221f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Campina Grande - Paraíba - Brasil, 2013. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/1915>. Acesso em: 16 dez. 2024.
- BENJAMIN, Walter. O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov e sobre o conceito de História. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- BENTO, Emanuel. O episódio de racismo que fez Jackson do Pandeiro deixar Pernambuco. **Blog El Cabong**. [S. l.], 24 dez. 2020. Disponível em: <https://elcabong.com.br/o-episodio-de-racismo-que-fez-jackson-do-pandeiro-deixar-pernambuco/>. Acesso em: 16 dez. 2024.
- BONALDO, Rodrigo Bragio. O que é história pública?. [2010]. **Portal História Pública**: dedicado à multiplicação do conhecimento histórico para diversos públicos. [2010]. Disponível em: <https://historiapublica.sites.ufsc.br/o-que-e-historia-publica/#:~:text=Trata%2Dse%20de%20um%20conceito,30>. Acesso: 14 dez. 2024.
- Bourdieu, Pierre. **Distinction: A Social Critique of the Judgement of Taste**. London: Harvard University Press, 1996.
- CAMPOS, C. H. A. Jackson do Pandeiro e a música popular brasileira: liminaridade, música e mediação. 2017. Tese (Doutorado em Música). Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista. São Paulo, 2017. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/150538>. Acesso em: 16/12/2024.
- CANTORES brasileiros cantando em Inglês! (Quanto você conhecia?). Rogerio Kruger - Canal Flash Back. [S. l.: s. n.], 2022. 1 vídeo (01:32:49). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BlGm4gyBekY>. Acesso em: 16 dez. 2024.
- CAPAS do Jackson do Pandeiro. **Blog Forró em Vinil**. [S. l.], 12 jul. 2013. Disponível em: <https://www.forroemvinil.com/fotos/capas-do-jackson-do-pandeiro/>. Acesso em: 16 dez. 2024.
- CARVALHO, Thaise; QUEIROZ, Saulo. MEMORIAL JACKSON DO PANDEIRO. [2008]. Youtube. Campina Grande: Rede Ita, Programa Diversidade, [2008]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ES1NmZAUSKc>. Acesso em 24 ago. 2024.

CENTENÁRIO Jackson do Pandeiro | Reportagem. Metrôpolis. [S. l.]: 2019. 1 vídeo (14:01). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gXUTyAAbOZ8>. Acesso em: 25 ago. 2024.

COUTO, Bruna. Morador ilustre: Jackson do Pandeiro viveu e retratou o bairro do José Pinheiro em sua obra. G1, Paraíba, 18 mai. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/google/amp/pb/paraiba/noticia/2024/05/18/morador-ilustre-jackson-do-pandeiro-viveu-e-retratou-o-bairro-do-jose-pinheiro-em-sua-obra.ghtml>. Acesso em: 09 jul. 2024.

DEPOIMENTOS - Almira Castilho [I]. Memória da Música (RLG). [S. l.: s. n.], 2024. 1 vídeo (10:11). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=H_gHBouzInQ. Acesso em: 16 dez. 2024.

DOCUMENTÁRIO: Sua Majestade, o Rei do Ritmo. Produção de Nielle Carolino. Porto Alegre: **TV Assembleia**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZF7zhOoTuXM>. Acesso em: 06 dez. 2024.

DOCUMENTÁRIO Jackson do Pandeiro - TV Assembleia Paraíba 2019. TV Assembleia PB. Paraíba: 2019. 1 vídeo (01:08:25). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=sLEFEFA_4r4. Acesso em: 06 dez. 2024.

DUPLAS prestam tributo a cantor. Folha de São Paulo, São Paulo, 13 mai. 1988. Ilustrada. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq13059810.htm>. Acesso em: 16 dez. 2024.

DUPAN, Sandrinho. **Jackson do Pandeiro de A a Z**. Campina Grande, PB: A Biroscas do Meroveu – Editora, Café e Sebo, 2022.

DREYFUS, Dominique. **Vida do viajante: a saga de Luiz Gonzaga**. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2012.

ENSAIO | Belchior | 1992. Programa Ensaio. [S. l.: s. n.], 2017. 1 vídeo (59:27). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_cMzSWIuw8U. Acesso em: 11 jul. 2024.

ENTREVISTA com Neuza Flores, viúva de Jackson do Pandeiro. Diego Patricio. [S. l.: s. n.], 2019. 1 vídeo (16:53). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FFkYaAGgXpg>. Acesso em: 16 dez. 2024.

ESPECIAL de São João - Jessier e Antônio Barros & Cecéu (Part. Especial - Mayra Barros). Jessier Quirino. [S. l.: s. n.], 2019. 1 vídeo (29:27). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aShKJFAZEKA>. Acesso em: 16 dez. 2024.

FAMILYSEARCH. Disponível em: <https://ancestors.familysearch.org/pt/KLJ1-XHX/jos%C3%A9-gomes-filho-1919-1982> Acesso em 16/12/2024.

FECHINE, Dani. **Como Jackson do Pandeiro improvisou Sebastiana e mudou sua carreira** Brasília, 2019. Disponível em: <https://vermelho.org.br/prosa-poesia-arte/como-jackson-do-pandeiro-improvisou-sebastiana-e-mudou-sua-carreira/>. Acesso em: 20 jul. 2024.

FERREIRA, Kiko. **Coleção Folha Raízes da Música Popular Brasileira**. v. 15. Rio de Janeiro: Media Fashion, 2010.

FERREIRA, Rodrigo de Almeida Ferreira; HERMETO, Miriam. Introdução: História pública e ensino de história: Caminhos em movimento. In: **História Pública e ensino de história**. Miriam Hermeto e rodrigo de Almeida Ferreira (Org.). São Paulo, SP: Letra e Voz, 2021.

FREIRE, José Avelar. **Alagoa Grande: sua História de 1625 a 2000**. Paraíba: Ed. A União, 2002.

FRISCH, Michael. A Shared Authority à cozinha digital. **Revista Brasileira de História Pública**, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 45-67, 2016.

GARCEZ, Bruno. Homenagem a Jackson do Pandeiro ofusca vencedores. Folha de São Paulo, São Paulo, 15 mai. 1998. Ilustrada. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq15059831.htm>. Acesso em: 04 ago. 2024.

GATTOLINI, Geraldo Gomes. **A história da previdência social**. Calíope Editora e Propaganda Ltda, 2004.

GOMES, Claudia. Memorial que homenageia Jackson do Pandeiro atrai turistas em Alagoa Grande. [2008]. Youtube. **TV Borborema**. [2008]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pN1sbhTJ3vM>. Acesso em: 08 dez. 2024.

GLASSBERG, David. Public history and the study of memory. **The Public Historian**, Berkeley, v. 18, n. 2, p. 7-23, 1996

GUIMARÃES, José Guedes. **50 contos reais – na casa do rei e 1 poema final**. João Pessoa: Mídia Gráfica e Editora Ltda, 2019.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Paris: Presses Universitaires de France, 1968.

HERMETO, Miriam; FERREIRA, Rodrigo. **História Pública e ensino de história**. São Paulo, SP: Letra e Voz, 2021.

JACKSON DO PANDEIRO (2/4) - De Lá Pra Cá - 18/05/2009. TV Brasil. Brasília: DF, 2009. 1 vídeo (09:18). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=y3OFYUJ0c0U>. Acesso em: 16 dez. 2024.

JACKSON do Pandeiro = Documentário raro parte 2. Mpbmusikavideos. [S. l.: s. n.], 2010. 1 vídeo (08:10). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=y6sn0JuSflg>. Acesso em: 16 dez. 2024.

JACKSON do Pandeiro - Vem Cá Maria - from Canjica, Pamonha e Rojão - Chantecler – 1977. Forro LP Gringo. [S. l.: s. n.], 2013. 1 vídeo (02:37). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mIFtBEiIuD8>. Acesso em: 16 dez. 2024.

JACKSON do Pandeiro e Luiz Gonzaga. Henrique Braga. [S. l.: s. n.], 2014. 1 vídeo (05:16). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nawCowZdmHQ>. Acesso em: 16 dez. 2024.

JACKSON do Pandeiro, o Rei do Ritmo (English subtitles). Rodrigo Faour Oficial. [S. l.: s. n.], 2017. 1 vídeo (15:08). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=I95Zh5_VnjY. Acesso em: 16 dez. 2024.

JACKSON do Pandeiro - uma identidade nacional. Severino Antonio – bibiu. [S. l.: s. n.], 2018. 1 vídeo (24:05). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gg5dtpjaps>. Acesso em: 16 dez. 2024.

JACKSON do Pandeiro (1977). Arquivo Nacional. [S. l.: s. n.], 2020. 1 vídeo (11:09). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Gkipiwm4qG4>. Acesso em: 16 dez. 2024.

JACKSON do Pandeiro (1977). Arquivo Nacional. [S. l.: s. n.], 2020. 1 vídeo (09:34). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=25wqYQR4K4s>. Acesso em: 16 dez. 2024.

JACKSON do Pandeiro (1978). Arquivo Nacional. [S. l.: s. n.], 2020. 1 vídeo (0:59). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=csVCgKtlKls>. Acesso em: 16 dez. 2024.

JACKSON do Pandeiro Documentário (Parte 1) [Raridade]. Musicalidade. [S. l.: s. n.], 2022. 1 vídeo (09:35). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=mz_OxELfs98. Acesso em: 16 dez. 2024.

JACKSON do Pandeiro - O Rei do Ritmo. Produção de Elvis Kleber e Ana Dalva. Brasil: 2001. 1 fita de vídeo (53 min). Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=mz_OxELfs98. Acesso em: 17 ago. 2024

JACKSON na batida do pandeiro. Produção de Heleno Bernardo. Brasil: Marcus Vilar e Cacá Teixeira. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZF7zhOoTuXM>. Acesso em: 11 dez. 2024.

JÚNIOR, Feliciano. **Jackson Coração de Pandeiro**. João Pessoa: Ideia, 2023.

LARANJEIRA, Deneil José. A Identidade Vocal de Luiz Gonzaga e Jackson do Pandeiro em Performance. 2012. 164 f. Dissertação (Mestrado em Música) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.

LIDDINGTON, Jill. O que é história pública? In: ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; ROVAL, Marta Gouveia de Oliveira (org.). **Introdução à história pública**. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

LOWENTHAL, David. **Como conhecemos o passado**. Tradução Lúcia Haddad; revisão técnica Marina Maluf. São Paulo: Ed. 34, 1985.

LUKÁCS, Georg. Conversando com Lukács: entrevista concedida a Kofler, Albendroth, Holz H. H. Tradução Giseh Vianna. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

MALERBA, Jurandir. s historiadores e seus públicos: desafios ao conhecimento histórico na era digital. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 37, nº 74, 2017.

MARCONI, Marina; LAKATOS, Eva. **Metodologia científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele; SANTHIAGO, Ricardo (orgs.). MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; SANTHIAGO, Ricardo (orgs.). **História pública no Brasil: Sentidos e itinerários**. São Paulo: Letra e Voz, 2016, 348p. 2016.

MELLO, Zuza Homem de. **A era dos festivais: uma parábola**. São Paulo: Editora 34, 2003.

MEMORIAL que homenageia Jackson do Pandeiro atrai turistas em Alagoa Grande. TV Borborema. [S. l.]: 2013. 1 vídeo (03:19). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pN1sbhTJ3vM>. Acesso em: 25 ago. 2024.

MEMÓRIA da Música por Richard Lopes Gouvea, em destaque. Entrevistada: Almira Castilho. Entrevistador: Richard Lopes Gouvea. [S. l.]: YOUTUBE: Parte I. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=DvQ_41mccmI. Acesso em: 08 dez 2024.

MEMÓRIA da Música por Richard Lopes Gouvea, em destaque. Entrevistada: Almira Castilho. Entrevistador: Richard Lopes Gouvea. [S. l.]: YOUTUBE: Parte II Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=DvQ_41mccmI. Acesso em: 08 dez 2024.

MEMÓRIA da Música por Richard Lopes Gouvea, em destaque. Entrevistada: Almira Castilho. Entrevistador: Richard Lopes Gouvea. [S. l.]: YOUTUBE: Parte III Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kPpVST4RFzc>. Acesso em: 08 dez 2024.

MEMÓRIA da Música por Richard Lopes Gouvea, em destaque. Entrevistada: Almira Castilho. Entrevistador: Richard Lopes Gouvea. [S. l.]: YOUTUBE: Parte IV Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dX5Lx3QmDqk>. Acesso em: 08 dez 2024.

MEMÓRIA da Música por Richard Lopes Gouvea, em destaque. Entrevistada: Almira Castilho. Entrevistador: Richard Lopes Gouvea. [S. l.]: YOUTUBE: Parte V Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=luKFjROmJmw>. Acesso em: 08 dez 2024.

MEMÓRIA da Música por Richard Lopes Gouvea, em destaque. Entrevistada: Almira Castilho. Entrevistador: Richard Lopes Gouvea. [S. l.]: YOUTUBE: Parte VI Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=i-Pqc_uagbU. Acesso em: 08 dez 2024.

MOURA, Fernando; VICENTE, Antônio. **Jackson do Pandeiro: o rei do ritmo**. São Paulo: Editora 34, 2001.

MOURA, Júlio. **Pelas ruas que andei: uma biografia de Alceu Valença**. 1. ed. Recife: Cepe, 2019.

NÓBREGA, Rômulo Cavalcanti; ALVES, José Batista. **Pra dançar e xaxar na Paraíba: andanças de Rosil Cavalcanti**. Campina Grande: Editora Gráfica Marcone, 2015.

OBRA de Jackson do Pandeiro pode virar patrimônio cultural imaterial. Portal Correio, Paraíba, 03 nov. 2020. Disponível em: <https://portalcorreio.com.br/obra-de-jackson-do-pandeiro-pode- virar-patrimonio-cultural-imaterial/>. Acesso em: 16 dez. 2024.

OLIVEIRA, Valdir (Direção); TVU Recife (Produção). Opinião Pernambuco. **Homenagem a Jackson do Pandeiro e ao Forró**. Recife: TVU, 2016. Disponível em: https://youtu.be/FuGC26wp1_U?si=SOBTaz3tRQRF2xid. Acesso em: 16/12/2024.

OPINIÃO PERNAMBUCO - 27/06/2016 (Jackson do Pandeiro). TVU Recife. Recife: 2016. 1 vídeo (44:34). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=FuGC26wp1_U. Acesso em: 16 dez. 2024.

OPINIÃO PERNAMBUCO - "Centenário de Jackson do Pandeiro" (25/06/2019). TVU Recife. Recife: 2019. 1 vídeo (50:30). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_ZDMZFudBIw. Acesso em: 16 dez. 2024.

PACIEVITCH, Carline. Ensino de História: narrativas que percorrem a escola e o público. *In: História Pública e ensino de história*. Miriam Hermeto e Rodrigo de Almeida Ferreira (Org.). São Paulo, SP: Letra e Voz, 2021.

PARAÍBA. Código de Normas Judicial e Extrajudicial da Corregedoria-geral do Tribunal de Justiça do Estado da Paraíba. Paraíba: Tribunal de Justiça da Paraíba, [2015]. Disponível em: <https://corregedoria.tjpb.jus.br/legislacao/codigo-de-normas-cgjp-extrajudicial/>. Acesso em: 16 dez. 2024.

PATRÍCIO, Tadeu (Produção). **Entrevista com Neuza Flores, Escola Sesquicentenário**. 2019. Disponível em: <https://youtu.be/FFkYaAGgXpg?si=nPYiCpif7P2U1Tj>. Acesso em: 05 ago. 2024.

PRADO, Nico (Direção); ABDO, Fernando (Produção). **Mosaico – A Arte de Jackson do Pandeiro**. TV Cultura, 2008. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=CfpTw_QgBIE. Acesso em: 05 ago. 2022.

RAMOS, Manuela Fonsêca. Na levada do pandeiro: a música de Jackson do pandeiro entre 1953 e 1967. 2012. 145 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.

REIS, Ana Clara (Direção); TVU Recife (Produção). Opinião Pernambuco. **Centenário de Jackson do Pandeiro**. Recife: TVU, 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_ZDMZFudBIw. Acesso em: 16/12/2024.

ROCHA, V. G.; RIBEIRO, N. V. P. **Fluxo migratório venezuelano no Brasil: análise e estratégias**. Revista Jurídica da Presidência, Brasília, v. 20, n. 122, p. 541-563, 2019.

ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. **História Pública: um desafio democrático aos historiadores**. História do Tempo Presente. Boa Vista: Editora da UFRR, v. 2, 2020.

SANTIAGHO, Ricardo. “A história pública é a institucionalização de um espírito que muitos historiadores têm tido por milhares de anos”: uma entrevista com David King Dunaway sobre história oral, história pública e o passado nas mídias. *In: Transversos*, Rio de Janeiro, v. 07, n. 07, 2016. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/transversos/article/view/25607/18405>. Acesso em: 14 dez. 2024.

SANTIAGHO, Ricardo. História pública e autorreflexividade: da prescrição ao processo. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 10, n. 23, 2018. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180310232018286/8052>. Acesso em: 14 dez. 2024

SANTOS, Deribaldo. **Jackson do Pandeiro: o ritmo na palma da mão**. São Paulo: Giostri Editora, 2023.

SEGUNDO Caderno = Antonio Barros e Cecéu (parte 1). TV Câmara JP. João Pessoa: 2017. 1 vídeo (28:38). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CXY4tQIAvbA>. Acesso em: 16 dez. 2024.

SEVERIANO, Jairo; MELLO, Zuza Homem de. **A canção no tempo: 85 anos de músicas brasileiras**. v. 1: 1901 – 1957. São Paulo: Editora 34, 1997. (Coleção Ouvido Musical).

SEVERIANO, Jairo; MELLO, Zuza Homem de. **A canção no tempo: 85 anos de músicas brasileiras**. v. 2: 1958 – 1985. São Paulo: Editora 34, 1998. (Coleção Ouvido Musical).

SILVA, Glauber Paiva da. Práticas e representações nordestinas na musicografia de Jackson do Pandeiro (1953-1981). 2018. 213 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife.

TELES, José. Jackson era grande demais para um pandeiro. Jornal do Commercio, Pernambuco, 25 ago. 2019. Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/canal/cultura/musica/noticia/2019/08/25/jackson-era-grande-demais-para-um-pandeiro-386381.php>. Acesso em: 16 dez. 2024.

TELES, José. Jackson dá adeus ao Recife. Jornal do Commercio, Pernambuco, 25 ago. 2019. Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/canal/cultura/musica/noticia/2019/08/25/jackson-da-adeus-ao-recife-386387.php>. Acesso em: 16 dez. 2024.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1992.

TRAILER Jackson na batida do pandeiro. In-Edit Brasil. [S. l.: s. n.], 2019. 1 vídeo (03:33). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZF7zhOoTuXM>. Acesso em: 15 dez. 2024.

UM Brasil que merece ser mais divulgado: Brejo Paraibano. Rolê Família. [S. l.: s. n.], 2024. 1 vídeo (1:29:50). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NsbKdZdmt88>. Acesso em: 16 dez. 2024.

VALENÇA, Alceu. **Alceu Valença fala sobre Jackson do Pandeiro**. [20--?]. YOUTUBE: Canal Alceu Valença. Disponível em: <https://youtu.be/ZJSHcVsxpsA>. Acesso em: 05 ago. 2024.

VITAL, Ney. Brasil celebra 35 anos de morte de Jackson do Pandeiro, o Rei do Ritmo. **Blog Ney Vital**. [S. l.], [20--?]. Disponível em: <http://www.neyvital.com.br/2017/07/brasil-celebra-35-anos-de-jackson-do.html>. Acesso em: 16 dez. 2024.